



Carmen Martín Gaité
Tradução de Ruth Rocha

Chapeuzinho Vermelho em Manhattan



Martins Fontes



*Chapeuzinho
Vermelho em
Manhattan*

SUMÁRIO

Títulos da Coleção Escola de Magia

Rosto

Créditos

Autora

Dedica

Primeira parte

Sonhos de Liberdade

1. Dados geográficos de algum interesse e a apresentação de Sara Allen
2. Aurélio Roncali e o Reino dos Livros. As “farfândias”
3. Viagens rotineiras a Manhattan. A torta de morango
4. Evocação a Glória Star. O primeiro dinheiro de Sara Allen
5. Festa de aniversário no chinês. A morte de tio Josef

Segunda parte

A aventura

6. Apresentação de Miss Lunatic. Visita ao Comissário O’Connor
7. A fortuna do Rei das Tortas. O paciente Greg Monroe
8. Encontro de Miss Lunatic com Sara Allen
9. Madame Bartholdi. Uma filmagem arruinada

10. Um pacto de sangue. Dados sobre o mapa para chegar à ilha da Liberdade

11. Chapeuzinho no Central Park

12. Os sonhos de Peter. A passagem subaquática de Madame Bartholdi

13. Happy-end. Mas a história não acaba...

Ted Hughes

Els Pelgrom

Roald Dahl

Pierre Grippari

Peter Hartling

Kazumi Yumoto

Kazumi Yumoto

Roald Dahl

Roald Dahl

Gianni Rodari

Hugh Lofting

Michael Ende

Roald Dahl

David Almond

Carmen Martín Gaité

*Chapeuzinho
Vermelho em
Manhattan*

Com treze ilustrações da autora

*Tradução
Ruth Rocha*



Martins Fontes
São Paulo 2001

Esta obra foi publicada originalmente em espanhol com o título CAPERUCITA EN
MANHATTAN por Ediciones Siruela. Madrid. em 1990.

Copyright © Carmen Martin Gaité. 1990.

Ediciones Sintela. S.A.. Madrid.

Copyright © tradução. Ruth Machado Louzada Rocha.

Copyright © 1996. Livraria Martins Routes Editora Ltda..
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição

julho de 1995

2ª edição

junho de 2001

Tradução

RUTH ROCHA

Revisão gráfica

Sandra Reyina de Souza

Luzia Aparecida dos Santos

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação/Fotolitos

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaite. Carmen Martin

Chapeuzinho vermelho em Manhattan / Carmen

Martin Gaite; com treze ilustrações da autora; tradução

Ruth Rocha. – 2ªed. – São Paulo: Martins Fontes.

2001. – (Coleção escola de magia).

Título original: Caperucita en Manhattan.

ISBN 85-336-1432-2

1. Literatura infanto-juvenil I. Título, II. Série.

01-2428

CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inFanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil028.5

Todos os direitos desta edição para o Brasil reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 3301340 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11)239.3677 Fax (II) 3105.6867

e-mail: info@martinsfontes.com.br <http://www.martinsfontes.com.br>

Carmen Martín Gaité nasceu em Salamanca, Espanha, em 1929. É autora de uma ampla obra narrativa, de extraordinária qualidade, iniciada em 1954 com *El balneario* e que teve sequência com os romances *Entre visillos*, *Ritmo lento*, *Retahilas*, *Fragmentos de interior* e *El cuarto de atrás*. Publicou também livros de relatos e ensaios: *Usos amorosos dei dieciocho en Espana*, que foi sua tese de doutorado; *Usos amorosos de la postguerra española*, que recebeu o Prêmio Anagrama de Ensaio e o Prêmio Príncipe das Astúrias; *El proceso de Macanaz*, *El cuento de nunca acabar* e *Agua pasada*. Em 1992 publicou *Nubosidad variable* e em 1994 *La reina de las nieves*. Além dos prêmios citados, Carmen Martin Gaité recebeu o Prêmio Nadal, o Nacional de Literatura, o Castilla, o León de las Letras e em 1994 o Prêmio Nacional das Letras.

Ruth Rocha, paulistana, escritora, tem 130 livros publicados e 85 traduzidos. Ganhou o Prêmio de melhor livro traduzido em 1994 (*A cortina da tia Bá* – Virginia Woolf) da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



Dedicatória

Para Juan Carlos Equillor, pela
respiração boca a boca que animou
a mim e a Chapeuzinho, perdidas
em Manhattan no final daquele
horrorível verão.

Cmg-90

Primeira parte

SONHOS DE LIBERDADE

Às vezes penso que é verdade o que
sonho, e o que me acontece de
verdade penso haver sonhado
antes...

Além do mais, o que acontece não
está escrito em nenhuma parte e, ao
final, se esquece. Por outro lado, o
que está escrito é como se houvesse
ocorrido sempre.

(Elena Fortún, Célia no colégio)

Dados geográficos de algum interesse e a apresentação de Sara Allen

A cidade de Nova Iorque sempre aparece muito confusa nos mapas geográficos, e, lá chegando, podemos nos sentir perdidos. É composta de diversos distritos, sinalizados nos mapas com cores diferentes; mas o mais conhecido de todos é Manhattan; é o que impõe sua lei aos demais, os ofusca e os deslumbra. Em geral, Manhattan corresponde à cor amarela. Está nos guias turísticos, nos cinemas e nos livros. Muita gente pensa que Manhattan é Nova Iorque, quando simplesmente faz parte de Nova Iorque. Uma parte muito especial, é verdade.

Trata-se de uma ilha em forma de pernil, com uma torta de espinafre no meio, que se chama Central Park, que é um grande parque comprido onde é excitante caminhar à noite, escondendo-se de vez em quando atrás das árvores, por medo dos ladrões e assassinos que andam por todos os lados e levantando de vez em quando a cabeça para ver brilharem as luzes dos anúncios e dos arranha-céus que ladeiam a torta de espinafre, como um exército de velas acesas, para celebrar o aniversário de um rei de mil anos.

Mas não se vê alegria no rosto das pessoas adultas quando cruzam o parque velozmente em táxis amarelos, ou grandes carros polidos, pensando em seus negócios e olhando, nervosa, o relógio de pulso, porque estão atrasadas para ir a algum lugar. E as crianças, que são as que mais desfrutariam vivendo essa aventura noturna, estão sempre metidas em suas casas vendo televisão, onde aparecem muitas histórias que lhes ensinam o quanto é perigoso sair à noite. Trocam de canal com o controle remoto e só

veem gente que corre, escapando de alguma coisa. Ficam com sono e bocejam.

Manhattan é uma ilha entre rios. As ruas que estão à direita do Central Park e correm no sentido horizontal terminam em um rio que se chama East River, por estar a leste, e as que estão à esquerda em outro: o rio Hudson. Abraçam-se um ao outro por baixo e por cima. O East River tem várias pontes, cada qual mais complicada e misteriosa, que unem a ilha com outros bairros da cidade, um dos quais se chama Brooklyn, como a famosa ponte. A ponte de Brooklyn é a última, a que está mais ao sul, tem muito tráfego e é enfeitada com fios de luzes formando guirlandas que de longe parecem luzinhas de quermesse. Acendem-se quando o céu começa a ficar cor de malva e todas as crianças já voltaram das aulas em ônibus escolares para suas casas.

Vigiando Manhattan pela parte de baixo do pernil, onde se juntam os dois rios, existe uma ilhazinha com uma enorme estátua de metal esverdeado que segura uma tocha em seu braço levantado e é visitada por todos os turistas do mundo. É a Estátua da Liberdade; vive ali como um santo em seu santuário, e, à noite, entediada por a terem retratado tantas vezes durante o dia, adormece sem que ninguém perceba. E, então, acontecem coisas estranhas.

Nem todas as crianças que vivem no Brooklyn dormem durante a noite. Pensam em Manhattan como a coisa mais próxima e, ao mesmo tempo, a mais exótica do mundo, e os bairros onde vivem lhes parecem cidades perdidas onde nunca acontece nada. Sentem-se aplastadas sob uma nuvem densa de cimento e vulgaridade. Sonham em cruzar, na ponta dos pés, a ponte que une o Brooklyn com a ilha que brilha do outro lado e onde imaginam que toda a gente está acordada, dançando em lugares espelhados, festejando, fugindo em carros de ouro e vivendo aventuras perigosas. É que, quando a Estátua da Liberdade fecha os olhos, entrega às crianças sem sono do Brooklyn a tocha de sua vigília. Mas isso ninguém sabe, é um segredo.

Sara Allen também não sabia disso. Era uma menina sardenta de dez anos, que vivia com seus pais no décimo quarto andar de um edifício bastante feio, no fundo do Brooklyn. A única coisa que sabia é que, quando seus pais

fechavam o saco de lixo negro, escovavam os dentes e apagavam a luz, todas as luzes do mundo começavam a correr dentro de sua cabeça como uma roda de fogos de artifício. E, às vezes, tinha medo porque aquela força a levantava da cama e parecia que ia sair voando pela janela sem que ela pudesse evitar.

Seu pai, o senhor Samuel Allen, era bombeiro hidráulico, e sua mãe, a senhora Vivian Allen, dedicava-se, todas as manhãs, a cuidar de anciãos num hospital de tijolinhos vermelhos, cercado por uma grade de ferro. Quando voltava para casa, lavava cuidadosamente as mãos, porque sempre cheiravam um pouco a remédio, e metia-se na cozinha a fazer tortas, o que era a grande paixão de sua vida.

A que fazia melhor era a de morango, uma verdadeira especialidade. Ela dizia que a reservava para as festas importantes, mas não era verdade, porque o prazer que sentia ao vê-la era tão grande que se tomou um vício rotineiro, e sempre encontrava na folhinha ou em suas lembranças alguma data que justificasse aquela comemoração. A senhora Allen estava tão orgulhosa de sua torta de morango que jamais quis dar a receita a nenhuma vizinha. E quando isso era inevitável, porque lhe pediam insistentemente, modificava as quantidades de farinha ou de açúcar para que saísse seca e esfarinhada.

– Quando eu morrer – dizia a Sara com um piscar de olhos malicioso –, deixarei escrito no meu testamento onde guardo a receita verdadeira, para que você possa fazer a torta de morango para seus filhos.

“Eu não penso em fazer tortas de morango para os meus filhos”, pensava Sara com seus botões. Porque já estava cansada daquele sabor de todos os domingos, aniversários e festas.

Mas não se atrevia a dizê-lo à sua mãe, como também não se atrevia a dizer que não tinha nenhuma vontade de ter filhos para enfeitá-los com guizos, chupetas, babadores e lacinhos, que o que ela queria era ser atriz e passar todo o dia comendo ostras com champanhe e comprando casacos com gola de arminho, como um que sua avó Rebeca vestia quando jovem, numa foto do início do álbum de família, que, aliás, era a única que Sara achava fascinante. Em quase todas as outras fotos era difícil distinguir as pessoas umas das outras, sentadas na relva em volta de uma toalha xadrez, ou à mesa de alguma sala de jantar onde se celebrava uma festa esquecida, cuja única

lembança unânime era a torta. Sempre havia entre as comidas restos de torta ou uma torta inteira; e a menina se aborrecia de olhar para aqueles comensais sorridentes, porque eles também tinham cara de torta.

Rebeca Little, a mãe da senhora Allen, casou-se várias vezes e foi cantora de *music-hall*. Seu nome artístico era Glória Star. Sara tinha lido em alguns programas antigos que sua avó mostrou-lhe. Estavam guardados a chave num movelzinho de tampa ondulada. Mas agora já não usava golas de arminho. Agora vivia sozinha em Manhattan, na parte de cima do pernil, num bairro meio pobre que se chamava Morningside. Era fã de licor de pera, fumava fumo de rolo e estava um pouco desmemoriada. Mas não porque fosse muito velha, e sim porque, à custa de não contar as coisas, a memória enferruja. E Glória Star, tão falante em outros tempos, já não tinha a quem seduzir com suas histórias, que eram muitas e, algumas, inventadas.

Sua filha, a senhora Allen, e sua neta Sara iam vê-la todos os sábados e arrumavam um pouco sua casa, porque ela não gostava de limpar nem de arrumar. Passava o dia lendo livros e tocando *foxes* e *blues* num piano negro muito desafinado; e, assim, por todos os lados empilhavam-se os jornais, as roupas sem pendurar, as garrafas vazias, os pratos sujos e os cinzeiros cheios de pontas de cigarro de toda a semana. Tinha um gato branco pachorrento e preguiçoso que atendia por Cloud e que abria os olhos assim que sua dona começava a tocar piano; consumia o resto do tempo dormitando numa poltrona de veludo verde. Sara tinha a impressão de que sua avó tocava piano somente para que o gato acordasse e lhe desse um pouco de atenção.

A avó nunca vinha ao Brooklyn vê-los, nem telefonava, e a senhora Allen queixava-se de ela não querer viver com eles, para assim poder cuidar e tratar dela como fazia com os anciãos de seu hospital.

– Eles dizem que sou seu anjo da guarda, que ninguém empurra uma cadeira de rodas com tanto cuidado como eu. Ai, que sina mais triste! – suspirava a senhora Allen.

– Não entendo. Você não diz que gosta do seu trabalho? – dizia seu marido, interrompendo-a.

– Gosto.

– Então o que é tão triste?

– Pensar que uns doentes desconhecidos gostam mais de mim do que minha própria mãe, que não precisa de mim para nada.

– É que ela não está doente – respondia o senhor Allen. – Além do mais, ela já não disse muitas vezes que gosta de viver sozinha?

– Disse.

– Pois então! Deixe-a em paz!

– Tenho medo de que seja roubada ou que lhe aconteça algo. Um ataque do coração, um escapamento de gás durante a noite, um tombo no corredor... – dizia a senhora Allen, que estava sempre pensando em catástrofes.

– Mas o que pode acontecer? Nada. Essa vai enterrar todos nós, você vai ver. E uma cobra.

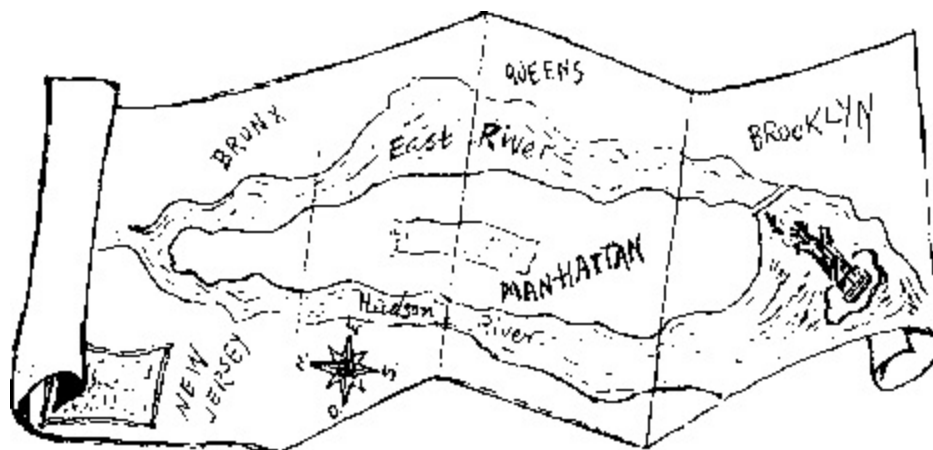
O senhor Allen sempre chamava a sogra de “essa”. Ele a menosprezava por ter sido cantora de *music-hall*, e ela a ele, por ser bombeiro hidráulico. Sara conhecia esse e outros assuntos familiares porque seu quarto e o de seus pais eram separados por um tabique muito fino e, como ela sempre dormia mais tarde do que eles, ouvia-os discutir algumas noites.

Quando o tom de voz do senhor Allen subia muito, sua mulher dizia:

– Não fale tão alto, Sam, que Sara pode ouvir.

Esta era uma frase que a menina conhecia desde sua mais tenra infância. Porque já naquele tempo (mais ainda que agora) acostumou-se a ouvir as conversas dos pais através do tabique.

Principalmente para ver se despontava o nome do senhor Aurélio. Durante aquelas noites confusas de suas primeiras insônias infantis, ela sonhava muito com o senhor Aurélio.



Aurélio Roncali e o Reino dos Livros.

As “farfânicas”

Sara aprendeu a ler sozinha quando era muito pequena, e para ela era o maior divertimento do mundo.

– Sara é muito esperta – dizia a avó Rebeca. – Eu não conheço nenhuma criança que tenha falado tão certinho como ela, antes mesmo de começar a andar. Deve ser um caso único.

– Sim, ela é esperta – respondia a senhora Allen – mas faz umas perguntas muito esquisitas, que não são normais para uma criança de três anos.

– O quê, por exemplo?

– O que é morrer, veja só!, E o que é a liberdade, e o que é casar. Uma vizinha acha que talvez fosse bom levá-la a um psiquiatra.

A avó ria.

– Que psiquiatra, que nada! Com as crianças, o que se tem que fazer é responder às suas perguntas, e, se não se pode dizer a verdade porque talvez você mesma não saiba o que é a verdade, conte uma história que pareça ser verdade. Mande Sara para cá. Sobre o que é casar e o que é a liberdade eu posso esclarecê-la muito.

– Ai, meu Deus, quando a senhora vai falar a sério, mamãe!? Não sei com que idade a senhora vai assentar a cabeça.

– Eu, nunca. Assentar a cabeça deve ser muito chato. Por falar nisso, veja se você manda Sara um domingo destes, ou nós vamos buscá-la, porque Aurélio quer conhecê-la.

Aurélio era um senhor que naquela época vivia com a avó. Mas Sara não chegou a vê-lo. Sabia que ele tinha uma loja de livros e jogos antigos, perto da Catedral de São João o Divino, e às vezes mandava-lhe algum presente pela senhora Allen. Por exemplo, um livro com a história de Robinson Crusoé para crianças, outro com a de Alice no País das Maravilhas e outro com a de Chapeuzinho Vermelho. Foram os três primeiros livros de Sara, antes mesmo de saber ler bem. Mas os desenhos eram tão detalhados e tão bonitos, que facilitavam o reconhecimento dos personagens e das paisagens de cada aventura. E uma não era muito diferente das outras, porque a aventura principal era que iam sozinhos pelo mundo, sem uma mãe nem um pai que lhes apertassem as mãos fazendo advertências e proibições. Sozinhos. Pela água, pelo ar, por um bosque, não importava. Livres. E naturalmente podiam falar com os animais, pensava Sara, é lógico.

E também não era estranho que Alice mudasse de tamanho, porque isso acontecia com ela em sonho algumas vezes. E que o senhor Robinson vivesse numa ilha, como a Estátua da Liberdade. Tudo tinha a ver com a liberdade.

Antes mesmo de saber ler bem, Sara acrescentava coisas e inventava finais diferentes para aqueles contos. O desenho de que mais gostava era o que representava o encontro de Chapeuzinho Vermelho com o lobo numa clareira do bosque; ocupava uma página inteira e ela não conseguia parar de olhar. Naquele desenho o lobo tinha uma cara tão boa, de quem estava pedindo carinho, que Chapeuzinho, claro, correspondia, confiante, com um sorriso encantador. Sara também confiava nele, não tinha medo, era impossível que um animal tão simpático pudesse devorar alguém. O final estava errado. Também o de Alice, quando diz que tudo foi um sonho, para que dizer isso? Robinson também não devia voltar ao mundo civilizado, se estava tão contente na ilha. O que menos agradava a Sara eram os finais.

Outro presente do Aurélio, que a senhora Allen trouxe outro dia, foi um mapa de Manhattan, dentro de um folheto verde, com muitas explicações e desenhos. A primeira coisa que entendeu, ao desdobrá-lo com a ajuda de seu pai e orientada por suas explicações, foi que Manhattan era uma ilha. Observou-a por muito tempo.

– Parece um pernil – disse.

O senhor Allen achou tanta graça, que contou a todos os seus amigos. Estes se divertiram tanto com o dito, que o transformaram em expressão popular. “Não, senhor, isso está na parte de cima do pernil, como disse a menina de Samuel.” E, quando num domingo qualquer seu pai a levava com eles, os que já a conheciam apresentavam-na assim aos outros: “A menina que inventou a do pernil.” E Sara, que não teve intenção de fazer graça, não gostava que rissem tanto. A verdade é que os amigos de seu pai riam de tudo e eram bem bobos. Além do mais, não faziam outra coisa senão falar de beisebol. Ela imaginava que Aurélio fosse diferente.

Pensava nele muitas vezes, com essa mistura de emoção e curiosidade que despertam em nossa alma os personagens que não conhecemos e cuja história nos parece misteriosa. Como o chapeleiro de *Alice no País das Maravilhas*, como a Estátua da Liberdade, como Robinson ao chegar à ilha. A única diferença é que seus pais nunca falavam desses personagens, mas de Aurélio, sim. E com muita frequência.

– Mas quem é Aurélio? – perguntava à sua mãe, mesmo com poucas esperanças de receber uma resposta satisfatória, porque as de sua mãe nunca eram satisfatórias.

– O marido da vovó.

O senhor Allen ria quando escutava isso.

– Marido... A qualquer coisa se dá o nome de marido!

– Então é meu avô?

A senhora Allen cutucava o senhor Allen e fazia um gesto muito esquisito com as sobrancelhas. Era um aviso de que preferia mudar de assunto.

– Não confunda a cabeça da menina, Sam! – protestava.

– Mas é meu avô ou não?

– A verdade é que ele trata a sua avó como uma rainha – dizia ele. – Como uma verdadeira rainha. Os reis de Morningside!

– Não dê ouvidos ao seu pai, ele está sempre brincando, você sabe – intervinha a senhora Allen.

Sim. Sara sabia. Mas não conseguia entender as brincadeiras das pessoas adultas, porque não tinham nem pé nem cabeça. Ainda mais quando as

brincadeiras eram usadas para responder a perguntas que ela não achava engraçadas.

Em todo caso, a notícia de que Aurélio tratava a avó como a uma rainha foi muito importante para soltar as fantasias de Sara. Claro: era um rei. E sobre isso a menina não precisava de explicações. Preferia inventar por sua conta como era o país em que ele reinava, já que não deixavam que fosse até lá.

A livraria do velho Aurélio Roncali chamava-se Books Kingdom, ou seja, O Reino dos Livros, e o logotipo, impresso na primeira página de cada livro, representava uma coroa de rei sobre um livro aberto.

Sara tinha muita vontade de ir àquela loja, mas nunca a levaram, diziam que era muito longe. Imaginava-a como um país pequenino, cheio de escadas, de cantos e de miniaturas de casas, escondidas entre estantes de cores e habitadas por uns seres minúsculos com asas e gorros pontudos. O senhor Aurélio sabia que viviam ali, e sabia também que só saíam à noite, quando ele já tinha ido embora e todas as luzes estavam apagadas. Mas eles não se importavam com isso porque eram fosforescentes na escuridão, como os vaga-lumes. Soltavam uma espécie de teia de aranha, também luminosa, e dependuravam-se pelos fios brilhantes para se deslocarem de uma estante à outra, de um bairro do reino a outro. Metiam-se entre as páginas dos livros e contavam as histórias que os livros contavam. Seu idioma era um zumbido que parecia música de *jazz*, mas sussurrada. Para viver em Books Kingdom, a única condição era saber contar histórias.

Mas, de vez em quando, enquanto estava inventando esta história e sonhando em também viver em Books Kingdom, mesmo que fosse necessário diminuir de tamanho como Alice, Sara ficava olhando as paredes da casa onde vivia de verdade, no Brooklyn, de onde quase nunca saía. Era como despertar, como cair das nuvens do País das Maravilhas. E era então que as perguntas sensatas começavam a invadi-la. Por exemplo, por que o rei daquela tribo de contistas anões e fosforescentes enviava-lhe presentes? E por que ela não podia conhecê-lo, se seus pais falavam dele como se o conhecessem? Por que não vinha ele em pessoa trazer-lhe os livros? Era alto ou baixo? Jovem ou velho? E, sobretudo, era seu amigo ou não?

– Não é seu avô, mete isso na cabeça – disse sua mãe, num dia em que a menina voltou a cansá-la com suas perguntas.

E, para convencê-la, foi buscar o álbum de família e mostrou-lhe uma fotografia muito borrada do início do álbum, onde aparecia uma mulher muito bonita e muito alta vestida de branco, de braço com um homem muito mais baixo que ela e que olhava para a câmera com cara assustada.

– Preste atenção. Este é seu avô Isaac, que Deus o tenha. Ou seja, meu pai. E ela, mamãe. Entendeu?

– Mais ou menos – disse Sara, sem grande interesse.

– Pois acabou-se. São seus avós e pronto.

O assunto dos parentescos, de tão esquisito que era, entediava Sara e não despertava tanta curiosidade como outros, tanto fazia que Aurélio fosse seu avô ou não.

Morningside é um bairro de Manhattan que, como já foi dito, fica ao norte, na parte de cima do pernil. Antes de Sara nascer, a avó também vivia em Manhattan mas ao sul, justamente do outro lado do East River. Sara estava acostumada a ouvir sua mãe falar com saudades dessa casa, onde ela também viveu quando era solteira. Costumava chamá-la de “a casa da avenida C”. E parecia sentir sua falta, principalmente porque estava mais perto do Brooklyn que a outra e gastava-se menos tempo para chegar. Mas nunca mencionava outra qualidade que desse para entender se era bonita ou feia.

Um pouco antes de Sara nascer, três anos depois do casamento de seus pais, a avó Rebeca mudou-se com aquele misterioso marido, ou coisa que o valha, para o bairro de Morningside, perto de onde ficava a livraria do velho. Foi a única casa da avó que Sara conheceu, mesmo assim pouco, porque era muito pequena. Porque naquela época, nos tempos de Aurélio, quase nunca levavam a menina lá e nem a senhora Allen ia lá muitas vezes. E, como nos anos em que uma criança aprende a ler e a sonhar é quando o desconhecido parece mais mágico, o bairro de Morningside parecia então a Sara muito mais distante e irreal, a Catedral de São João o Divino, um castelo encantado, e aquela casa de Manhattan, de cujas janelas se via um parque comprido e solitário, uma casa de ficção.

Claro que Sara, por mais esperta que fosse, nunca tinha lido um livro, mas, quando começou a ler, lembrou-se de quando era pequena e pensava na casa de Morningside, e entendeu que, para ela, tinha sido uma casa de ficção.

Suas principais fantasias infantis surgiram em torno daquele nome – Morningside -, que parecia maravilhoso pela sonoridade que tinha, como o bater de asa dos pássaros e, também, é claro, porque significava “ao lado da manhã”, que é uma coisa muito bonita. Mas, além disso, é que ali, ou seja, “ao lado da manhã”, viviam Aurélio e Rebeca, duas pessoas tão diferentes de Samuel Allen e sua mulher, que ficava difícil imaginar que fossem parentes. Ou seja, dois personagens de literatura. Porque em literatura – como Sara soube mais tarde – não existe gente comum.

De qualquer forma, enquanto a avó viveu com o rei livreiro de Morningside, o senhor Allen, mesmo fazendo brincadeiras, tinha por eles mais simpatia que sua mulher. E isso era estranho. Pelo menos respeitava seus costumes, não os julgava nem se irritava; deixava-os com sua vida. Limitava-se a chamá-los “os de Morningside”.

– Esta manhã os de Morningside telefonaram para a loja – dizia uma noite ou outra na hora do jantar.

A senhora Allen, pelo contrário, quando ouvia falar dos de Morningside, ficava nervosa e começava a pestanejar três vezes seguidas, num “tique” nervoso.

– Pelo amor de Deus! E por que não telefonaram pra mim?

O senhor Allen continuava comendo tranquilamente ou vendo a televisão, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

– E eu sei? E mesmo que telefonassem, o telefone estaria ocupado. Não é sua mãe? Pergunte a ela.

Quem sabe, você a chateia com tantos conselhos, como se fosse uma criança.

– Ela é como se fosse uma criança.

– Bom, mas eu não sou e você também me trata como tal. Seus conselhos aborrecem a todos nós.

– Chega! E o que queriam?

– Dizer que ela ia cantar em Nyack esta noite. Ou seja, já foi. Ficaré dois

dias.

O nome de Glória Star ainda era conhecido em alguns lugares de terceira categoria e, de vez em quando, ela era convidada para cantar *blues*, apoiada num velho piano.

– Pelo amor de Deus! – suspirava a senhora Allen. – Por isso não quis falar comigo, já sabe o que eu teria dito.

– Por que você tem que dizer alguma coisa? O que importa? – dizia o senhor Allen. – Deixa cantar, se ela gosta e ele não se incomoda... afinal, é o único que teria direito.

– Até que se canse dela. Depois ela vai se queixar. Quando o perder, já não terá idade para encontrar outro nem parecido. Temo pela velhice de minha mãe, Samuel, digo de coração.

– Pois eu não. Cada um entende a vida de uma maneira. Deixe em paz os de Morningside.

Sara, naqueles primeiros anos, só se lembrava de ter ido três ou quatro vezes à casa de Morningside.

O gato Cloud não existia, e na entrada havia um cabide com cabeças de leão douradas. A porta da casa sempre era aberta por uma empregada negra e muito grande, que estava sempre de mangas curtas, mesmo no inverno. Chamava-se Sally.

Sara se lembrava da avó tal como a vira pela primeira vez na casa de Morningside. O que mais a impressionou naquele dia é que parecia mais jovem que sua mãe. Vestia uma roupa de seda verde e estava sentada diante de uma penteadeira de três espelhos, cheia de caixinhas brilhantes. A avó, enquanto se maquiava na frente do espelho, cantarolava, acompanhando uma canção italiana que vinha da sala:

“Parlami d’amore,
Mariú,
tutta la mia vita
sei tu...”

Naquela época, a avó parecia outra. Assim como a casa de Morningside.

Mais tarde, já quando seu pai chamava a avó de “cobra”, Sara achava que, como ela, ele a recordava vestida de verde.

Antes do mapa de Manhattan e dos livros de contos, o primeiro presente que Sara ganhou do rei-livreiro de Morningside – quando só tinha dois anos - foi um enorme quebra-cabeça. Em cada lado de suas peças havia uma letra maiúscula diferente, com o desenho colorido de uma flor, fruta ou animal cujo nome começava por aquela letra.

Graças a este quebra-cabeça, Sara conheceu e gostou das vogais e das consoantes, antes mesmo de entender para que serviam. Colocava as peças em fila, virava-as e combinava, à sua maneira, as letras que ia distinguindo umas das outras através daqueles desenhos tão divertidos e apropriados. O **E** parecia um pente, o **S** uma serpente, o **O** um ovo, o **X** uma cruz inclinada, o **H** uma escada para anões, o **T** uma antena de televisão, o **F** uma bandeira rasgada. Ela ganhou do pai um caderno grande, de capa dura como de livro, que estava sobrando de suas contas na loja. Era de papel quadriculado, com riscas vermelhas à esquerda, e nele Sara começou a pintar uns rabiscos que imitavam as letras e outros que imitavam móveis, utensílios de cozinha, nuvens ou telhados. Não via diferença entre desenhar e escrever.

E mais tarde, quando já lia e escrevia correntemente, continuou pensando a mesma coisa, ou seja, não encontrava razões para diferenciar uma coisa da outra. Por isso gostava muito de anúncios luminosos que alternavam imagens com letreiros, marilyn monroes apagando e a marca de dentifrício acendendo na mesma marquise do mesmo altíssimo edifício, iluminando a noite num piscar que ia do dourado ao verde, quase ao mesmo tempo. Porque as letras e os desenhos eram irmãos de pai e mãe: o lápis afiado, o pai; a imaginação, a mãe.

As primeiras palavras que Sara escreveu, naquele caderno de capa dura que ganhou do pai, foram “rio”, “lua” e “liberdade”, além de outras mais estranhas que saíam por acaso, como se fossem trava-línguas, misturando vogais e consoantes à vontade de Deus. Essas palavras que nasciam sem querer, como flores silvestres que não necessitam de rega, eram as de que mais gostava, as que mais a deixavam feliz, porque somente ela as entendia. Repetia essas palavras muitas vezes, entre dentes, para ver como soavam, e

chamava-as de “farfânicas”. Quase sempre a faziam rir.

– De que você está rindo? Por que mexe os lábios? – perguntava sua mãe, olhando-a inquieta.

– Nada. Falo baixinho.

– Mas com quem?

– Comigo mesma; é uma brincadeira. Invento farfânicas, que digo várias vezes e rio, porque soam muito engraçado.

– Inventa o quê?

– Farfânicas.

– O que quer dizer isso?

– Nada. Nunca querem dizer nada. Só às vezes.

– Ai meu Deus, essa menina está doida.

Sara franzia a testa.

– Da próxima vez não conto nada. Pronto!

A senhora Allen algumas noites subia ao décimo sétimo andar, apartamento F, para fazer uma visita à sua vizinha, a senhora Taylor, e desabafar com ela.

– Parece que está sempre escondendo algum segredo, veja só, tão pequena; ou pensando em outra coisa; não é estranho? E é tão arisca... Saiu à minha mãe.

A senhora Taylor, que tinha assinatura de uma revista de divulgação científica e era fã dos programas de televisão que tratam de complexos em crianças, foi quem sugeriu que a senhora Allen levasse a filha a um psiquiatra. Segundo ela, Sara tinha complexo de superdotada.

– Mas tem que ser muito bom – dizia, com gesto de entendida – porque senão as crianças ficam traumatizadas.

– Mas um muito bom será muito caro. Quick Plumber não dá para tanto. E Samuel não vai querer.

Quick Plumber era o nome da loja que pertencia ao senhor Allen junto com outro sócio mais jovem. E justamente esse sócio era o marido da senhora Taylor. Chamava-se Philip, costumava vestir-se de couro negro, tinha uma moto grande e era da turma de amigos piadistas do senhor Allen. A senhora Allen achava-o muito bonito.

Os Taylor tinham um filho muito gordo, um pouco mais velho que Sara e que por duas ou três vezes desceu para brincar com ela. Mas quase não sabia brincar e estava sempre dizendo que estava chateado e sempre estava tirando dos bolsos cheios da jaqueta, balas, pirulitos e chicletes cujos papéis amassava e jogava pelo chão. Chamava-se Rod. Mas no bairro era chamado de Formigão.

Rod não tinha nenhum complexo de superdotado. Atrapalhava-se com tudo o que tivesse a ver com a letra impressa, e Sara nunca pensou em compartilhar com ele a linguagem das farfânicas que, já nos primeiros anos de sua vida, contava com expressões tão inesquecíveis como “amelva”, “tarindo”, “maldor”, “miranfu”. Estavam entre as que sobreviveram.

Porque algumas vezes as farfânicas ficavam dançando dentro da cabeça como um cantar sem sentido. E evaporavam em seguida, como a fumaça de um cigarro. Outras permaneciam gravadas na memória de tal maneira que era impossível apagar. E chegavam a significar algo que se adivinhava com o tempo. Por exemplo, “miranfu” queria dizer “vai acontecer algo diferente” ou “vou ter uma surpresa”.

Sara demorou muito a dormir na noite em que inventou essa farfânia. Levantou várias vezes na ponta dos pés para abrir as janelas e olhar as estrelas. Pareciam mundos pequenos e maravilhosos como o Reino dos Livros, habitados por gente muito estranha e sábia, que a conhecia, assim como conhecia a linguagem das farfânicas. Duendezinhos que de muito longe viam-na debruçada na janela e lhe mandavam faíscas de fé e de aventura. “Miranfu, – repetia Sara entre dentes, como se rezasse. – Miranfu.” E seus olhos enchiam-se de lágrimas.

Poucos dias depois, ficou sabendo, por uma conversa telefônica de sua mãe com a senhora Taylor, que Aurélio Roncali tinha vendido sua loja de livros, ido para a Itália e não vivia mais com a vovó. A senhora Allen falava com uma voz dolorida e confidencial. De repente, viu a filha, que já estava há algum tempo parada na porta da cozinha, e zangou-se:

– O que você está fazendo aí, ouvindo o que não deve? Vá para o quarto! – gritou, muito zangada.

Mas Sara estava pálida como um papel, tinha os olhos perdidos no vazio

e não se mexia. Sua mãe viu que se agarrava à porta e fechava os olhos, como se fosse desmaiar. E assustou-se um pouco.

– Telefone daqui a pouco, Lynda – disse – não, não é nada, não se preocupe.

E desligou.

Quando chegou ao lado da filha e quis abraçá-la, a menina não deixou.

– Mas o que há, Sara? Você está tremendo.

A menina, de fato, tremia como vara verde. A senhora Allen trouxe um banquinho para que sentasse. Então, Sara cobriu o rosto com as mãos e caiu num pranto sem consolo.

– Fala alguma coisa – suplicava a senhora Allen. – Está doente? O que dói?

– Miranfu, miranfu – balbuciava a menina entre soluços – pobre miranfu...

Esteve vários dias com febre alta e em seus delírios chamava Aurélio Roncali, dizia que queria entrar no Reino dos Livros, que ele era seu amigo, e que tinha que voltar.

Mas Aurélio Roncali nunca voltou. E tampouco voltou a ser mencionado diante dela. Sara entendeu que tinha que se calar. Com aquelas febres tinha ganhado o direito ao silêncio. Tornou-se obediente e resignada. Entendeu que os sonhos tinham que ser cultivados no escuro e em segredo. E esperava. Chegaria um dia – tinha certeza – em que poderia gritar triunfalmente: “Miranfu.” Enquanto isso, sobreviveria em sua ilha. Como Robinson. E como a Estátua da Liberdade.

Naquela época Sara tinha quatro anos e agora, seis anos depois, parecia que tudo aquilo tinha sido um sonho.

Aurélio Roncali, o último namorado da vó Rebeca, enterrou Glória Star. E Sara situava os dois num mundo habitado por lobos que falam, crianças que não querem crescer, lebres com coletes e relógios, naufragos que aprendem solidão e paciência numa ilha. Não viu nenhum deles em pessoa, mas as coisas vistas nos sonhos são tão reais como as que se pode tocar.

E aquele rei-livreiro de Morningside, do qual nada sabia, havia existido de verdade. E foi o primeiro a injetar-lhe suas duas paixões fundamentais:

viajar e ler. E as duas fundiam-se em outra, porque lendo era possível viajar com a imaginação, ou seja, sonhar que viajava.



Viagens rotineiras a Manhattan.

A torta de morango

Conhecer Manhattan tornou-se uma obsessão para Sara. Nem aguçava mais o ouvido para escutar a razão pela qual seus pais começavam a discutir quando se metiam na cama. Acostumou-se a reconhecer o tom excitado de sua mãe, como se reconhecem as nuvens escuras que ameaçam tempestade. Mas eram assuntos sem interesse. Quase sempre surgia o casal Taylor como ponto de comparação. O senhor Allen achava Lynda Taylor alegre, dócil e juvenil. A senhora Allen respondia que devia ser mesmo porque o marido lhe dava presentes e vivia somente para ela. Mimava-a muito. Ressaltava também a capacidade de trabalho de Philip Taylor, que em suas horas livres dedicava-se a consertar rádios e televisões, e o que mais surgisse. E ainda tinha tempo para levar sua mulher ao cinema. Acabavam de comprar uma máquina de lavar louça nova, e um microondas. Philip, sim, era um homem. E além disso nunca estava sujo, usava desodorante.

– Como é que você sabe?

– Lynda me contou.

– Mas que bobagens falam as mulheres! Desodorante! Por acaso, eu cheiro mal?

Sara acendia a luz, tirava da gaveta da mesinha o mapa de Nova Iorque que havia ganhado anos atrás do senhor Aurélio, e ficava examinando seus detalhes.

Então, começava a sonhar com os olhos abertos, e a discussão de seus

pais convertia-se em pano de fundo sobre o qual se desenvolviam as imagens de sua fantástica excursão pelas ruas, praças e parques que não conhecia. Uma vez voava por cima dos arranha-céus, outras vezes ia a nado pelo rio Hudson, outras em patins ou em helicóptero. E no final daquele passeio sonâmbulo, quando as pálpebras já pesavam, Sara via a si mesma encolhida numa espécie de ninho que alguém havia fabricado para ela no mais alto da Estátua da Liberdade, escondido entre as pontas de sua coroa verde. Pousava ali como um pássaro cansado de voar. E, enquanto ia adormecendo, rezava à estátua porque, afinal de contas, ela era sua deusa. Inventava orações e as escrevia numa estranha tela. Eram como telegramas enviados à representante da Liberdade, pedindo que fosse salva do cativeiro de não ser livre. Também pedia que sua avó voltasse a vestir-se de verde, como quando a conheceu. Porque o verde é a cor da esperança.

Ao sul, num ponto do mapa onde se encontravam os dois rios e ficava a ilhazinha com a estátua, a menina colou uma estrela dourada e uma outra prateada, onde estava a casa da avó Rebeca, que nunca mais voltou a chamar-se Glória Star.

A estrelinha dourada e a prateada comunicavam-se, enviando piscadelas de norte a sul, no enorme mapa de Nova Iorque que Sara Allen abria todas as noites em cima de sua cama, e que já estava gasto de tanto desdobrar e voltar a dobrar para aprender bem os nomes das ruas de Manhattan e as linhas de metrô e de ônibus que a percorriam e interligavam. Chegou a conhecê-las como as linhas da sua própria mão e tinha certeza de que podia movimentar-se perfeitamente bem pela ilha de seus sonhos, atravessá-la de um extremo a outro e, sem medo, entrar em todos os seus cantos, apesar de jamais ter feito isso, porque só cruzava a ponte de Brooklyn uma vez por semana, sempre com sua mãe, sempre às mesmas horas, e sempre faziam o mesmo caminho. Um caminho que terminava no lugar que Sara tinha marcado no mapa com a estrela de prata: a casa onde vivia sua vó desde que a conheceu, um apartamento de frente, no sétimo andar, com dois trechos de corredor.

Desejava que chegassem os sábados para acompanhar a mãe naquela visita obrigatória, e o tempo voava, ah, na casa do piano negro, do gato Cloud, dos armários desarrumados e dos cinzeiros cheios de pontas. Adorava

o apartamento da vovó Rebeca, talvez por ser a única casa de Manhattan em que tinha entrado, e as histórias que a avó Rebeca contava quando estava de bom humor, talvez por serem as únicas interessantes que escutou dos lábios de um ser vivo.

Ela sonhava – Miranfu! – em um dia ir viver com a avó em Manhattan; Sally, a empregada negra voltaria, e cobririam de espelhos as paredes da casa.

A viagem semanal a Manhattan era com lenha nova para alimentar o fogo desse sonho.

Por outro lado, a senhora Allen, que procurava pretextos para chorar e sentir pena do próximo, entristecia-se com aquelas visitas, e quando voltavam ao Brooklyn de noite, no metrô, costumava vir secando as lágrimas com um grande lenço que tirava do bolso do casaco. Sara olhava em volta, nervosa por estarem chamando a atenção de todos, mas logo notava que ninguém percebia nada, porque as pessoas que andam no metrô de Nova Iorque têm sempre os olhos no vazio, como se fossem pássaros dissecados.

– Vai morrer, quando a gente menos esperar, vai morrer – dizia, chorosa, a senhora Allen.

– Mas por que vai morrer, mamãe, se não está doente? Achei-a muito alegre.

Sara achava que os únicos momentos bons que aquelas viagens a Manhattan proporcionavam à sua mãe eram os que passava metida na cozinha, de véspera, preparando a torta de morango que sempre levavam para a vovó. Isso acontecia de noite, depois de tirar a mesa de jantar, enquanto o senhor Allen lia o jornal ou via um jogo de beisebol pela televisão.

– Olha como cheira bem, Samuel! – dizia Vivian Allen com o mesmo entusiasmo de todas as sextas-feiras, quando tirava a torta do forno. – Está melhor que nunca.

Depois deixava que a torta esfriasse um pouco, envolvia-a cuidadosamente em papel de alumínio e colocava-a no fundo de uma cesta. Estava ofegante e seus olhos brilhavam.

– Amanhã estará melhor ainda – dizia, satisfeita. – Para que fiquem boas, as tortas devem ser feitas de véspera. Ela vai adorar. Vai lambe os dedos.

– Mas sua mãe não gosta de torta de morango -dizia o senhor Allen, que estava cansado de escutar a mesma coisa todas as sextas-feiras.

– Você não sabe de nada.

Mas Sara notava que, depois que sua mãe deixava a torta na cesta e começava a limpar o forno, a euforia que iluminava seu rosto desaparecia e seus olhos perdiam o brilho.

No dia seguinte as duas almoçavam mais cedo qu[^] de costume, preparando-se para a viagem. Deixavam tudo bem limpo e arrumado.

– E agora o sanduíche de seu pai. Não podemos esquecer – dizia a senhora Allen.

A loja Quick Plumber, Serviços Hidráulicos Urgentes, de propriedade de Allen e Taylor abria todos os sábados. E Sara tinha ouvido comentários de que ultimamente o negócio ia de vento em popa.

Quando o senhor Allen chegava do trabalho às seis horas, elas ainda não tinham voltado. Encontrava um sanduíche de pepino e um bilhete de sua mulher que ele nunca lia, pois jogava no lixo junto com o sanduíche. Tomava um banho e descia para jantar no restaurante chinês da rua em frente.

Mas a senhora Allen jamais se esquecia de preparar o sanduíche e escrever o bilhete. Escrevia-o sobre o balcão da copa, sentada num banco alto com assento de plástico vermelho, com uma caneta grossa que estava pendurada numa correntinha junto ao telefone amarelo. Demorava um pouco e, às vezes, olhava o infinito como se não soubesse o que escrever. Mas, na verdade, sempre escrevia exatamente a mesma coisa:

“Samuel, como hoje é sábado, vou com Sara ver a minha mãe, dar um jeito na casa e levar a torta de morango. Aí está seu sanduíche.”

Ao terminar, suspirava profundamente.

Depois sentava-se num banquinho do banheiro, colocava Sara entre suas pernas e começava a penteá-la nervosamente, dando-lhe muitos puxões de cabelo, porque dizia que já era tarde.

– Não parece, mas é uma viagem. Uma viagem longa. Só mesmo ela! Não podia estar vivendo ainda na avenida C?!

Sara aproveitava e perguntava à mãe se a casa da avenida C era mais

bonita que a de Morningside. Ela encolhia os ombros e dizia que não lembrava muito.

– Mas, como não, você não morou lá quando era solteira?

– Sim, mas não lembro bem. Tinha uma sala grande. E do meu quarto podia-se ver o East River. Enfim, daqui até lá seriam vinte e tantas estações de metrô a menos.

– E por que ela deixou aquela casa? Gostava mais de Morningside? Ai, mamãe, não puxa meu cabelo!

– A culpa é sua, não fica quieta! Você me deixa nervosa.

– Responde.

– Deixou a casa porque quis. A vovó é caprichosa e tem sempre que sair com as suas. Igual a você.

Mas de Aurélio Roncali não dizia nenhuma palavra. A senhora Taylor tinha dito (sempre com base nos consultórios sentimentais da TV e nas leituras sobre os complexos) que é melhor não falar com as crianças sobre os assuntos que provocam traumas. E, apesar de já ter passado muito tempo, Vivian Allen não esquecia a estranha doença de Sara depois da separação de sua avó e do livreiro. Porém, a menina notava que aquele espesso manto de silêncio que caiu sobre o nome do senhor Aurélio era mais sufocante para sua mãe do que para ela mesma.

Porque as pessoas e as coisas que são vistas somente com os olhos da imaginação podem continuar vivendo e sendo as mesmas, embora desapareçam na realidade. Quando se vê realmente e depois não mais, a mudança é maior.

– É como eu digo, filha – dizia a senhora Allen muito depressa o que eu acho uma loucura é a vó viver tão longe. Não há maneira de meter-lhe na cabeça que estaria melhor aqui, com a gente.

Sara ficava pensativa. Aquela solução parecia completamente absurda, tinha certeza de que a avó jamais aceitaria.

– Poderíamos ir viver com ela. Lá tem mais lugar. Não seria melhor?

– Que bobagem você está dizendo! E seu pai? Você não vê que o trabalho do seu pai é aqui?

– Poderia trabalhar lá. Lá também estouram os encanamentos.

A senhora Allen terminava de penteá-la e mudava de conversa. Sara pensava que ela não tinha nenhum trabalho no Brooklyn que impedisse que fosse viver com sua vó em Manhattan. Não se atrevia a dizer, mas parecia-lhe a solução ideal. Imaginava-se tirando os trastes de um quarto bem grande que ficava à direita do corredor, perto da entrada, e decorando-o com pôsteres de atrizes de cinema, de pistoleiros, de trens e de crianças patinando. Falaria com seus pais pelo telefone e viria vê-los às sextas-feiras. Porém, sabia que não podia falar sobre isso, nem com muito tato. Ficava quieta e triste.

–Vamos logo! – dizia sua mãe. – Em que você está pensando? Já está ficando tarde! Não parece, mas é uma viagem, uma viagem longa.

Vestia-lhe um impermeável vermelho, de borracha, chovesse ou não, e dava-lhe a cesta coberta por um guardanapo quadriculado vermelho e branco. Por baixo daquele guardanapo ia a torta.

– Toma, filha, leva. A vovó gosta que você leve.

– A ela tanto faz. Nem presta atenção nisso.

– Não me contradiga. Acho que não esquecemos nada.

E a senhora Allen, depois de comprovar que havia fechado o gás, que o bilhete para o marido estava bem visível em cima da geladeira e que as torneiras não pingavam, revia as coisas de dentro da bolsa, enquanto as nomeava entre dentes.

– Deixa eu ver. As chaves, os óculos, a carteira... O dinheiro trocado para o metrô vou levar na mão. Espera. Segura a sombrinha um momentinho.

Fechava com chave as três fechaduras colocadas em diferentes alturas da porta e chamava o elevador. Daí em diante segurava com força a mão da menina e só soltava quando chegavam à casa da avó.

Sara olhava-se no espelho do elevador e, pelo canto do olho, em todas as vitrines que encontrava, até chegar à boca do metrô. Não gostava de ir tão agarrada à sua mãe, mas era inútil sonhar que pudesse soltar-se. Olhava o céu por cima dos edifícios.

– Por que tenho que vestir o impermeável se hoje não vai chover? – perguntava aborrecida.

– Nunca se sabe – respondia a senhora Allen. – Eu também trouxe a sombrinha, está vendo? É melhor precaver-se. Não esqueça que é uma

viagem, embora não pareça. Só voltaremos à noite e a meteorologia

disse que a nebulosidade é variável. Disse também que um furacão ameaça a costa da Flórida, que em Minnesota há cinco estradas interrompidas, que o anticiclone está se desenvolvendo no centro da Europa e na parte oeste do Mediterrâneo, e que...

Sara deixava de ouvir e começava a olhar as pessoas: um negro que vendia bananas num carrinho, um menino de moto com um *walkman*, uma loura de salto alto, um velho que tocava flauta sentado numa escada; olhava os letreiros, esperava, sempre agarrada à mão de sua mãe, que a luz verde acendesse para poder cruzar a rua e chegar à boca do metrô. Entravam amontoadas com os demais, atravessavam aquelas roletas que só cediam colocando-se, numa ranhura, as duas fichas douradas compradas pela senhora Allen, após um tempo numa fila diante de um guichê. Dentro deste, protegido por grossos vidros, via-se um homem cor de chocolate que vendia as fichas douradas como se fosse um boneco mecânico e despachava-as por um buraco ovalado de metal. Às vezes, quando precisava responder a algum cliente, aproximava da boca uma espécie de megafone que parecia um cogumelo esquelético como os que estavam desenhados nos contos de anões e bruxas. A senhora Allen soltava, por uns momentos, a mão de Sara para pegar as fichas e o troco.

– Segure a sombrinha – dizia.

Eram uns instantes muito intensos e excitantes para Sara. Tinha sempre no bolso algumas fichas daquelas. Pegou de seu pai uma vez em que ele estava dormindo e caíram do colete mal dobrado no encosto da cadeira. Olhava a ranhura por onde devia colocá-las, afastava-se uns passos de sua mãe, e era invadida pela tentação de sair correndo com seu impermeável vermelho, sua sombrinha e sua cesta, cruzar aquele umbral e perder-se sozinha no meio da multidão, em direção a Manhattan. Porém, nunca nem sequer tentou fazê-lo.

Chegavam à plataforma. A senhora Allen olhava receosa e apertava, ainda mais fortemente, a mão de Sara. Dos passageiros que esperavam na plataforma, alguns despertavam mais suspeitas que outros, e disso dependia a escolha do vagão para entrar, quando, finalmente, chegava o trem, a tanta

velocidade que parecia que não ia parar. Sara pensava em muita coisa enquanto entrava no vagão, e ficava olhando aquela gente, da qual sua mãe tentava distraí-la, enquanto abotoava(os botões de cima do impermeável para que não sentisse frio ao sair. De frio, calor e tempestades sabia tudo, era sobre isso que falava todas as manhãs com os velhos que, segundo contava suspirando, a amavam mais que sua própria mãe. Ouvia todas as notícias da meteorologia na televisão e as comentava com eles. Por outro lado, aborrecia-se com os filmes de amor e de aventuras. Também sobre isso comentava com os velhinhos que, em geral, davam-lhe razão, uns porque pensavam como ela, e outros para que se calasse.

– Quem pode acreditar nisso? – dizia enquanto lhes servia um caldo de frango ou os cobria com um cobertor quadriculado. – Onde já se viu um homem pular de um telhado a outro, ou mesmo uma mulher com cara de serpente?

– Em Manhattan pode-se ver essas e outras coisas piores ainda, senhora Allen – respondia-lhe algum, sentenciosamente.

E, se por acaso fosse verdade, a senhora Allen não gostava que Sara visse aqueles filmes na televisão, nem que olhasse para ninguém quando estavam no metrô indo visitar a avó.

– Por que você está olhando esse senhor?

– Porque está falando sozinho.

– Deixa pra lá. Não vê que ninguém olha?

– Coitado. Por isso olho eu.

– Você não tem nada a ver com isso. São assuntos dele.

Muita gente falava sozinha no metrô de Nova Iorque. Uns sussurrando, outros falando alto, e alguns inclusive fazendo sermões como se fossem padres. Estes últimos tinham as roupas desalinhadas e o cabelo alvoroçado, mas, mesmo dizendo de vez em quando, num tom altissonante, “irmãos” ou “cidadãos”, suas palavras esbarravam num muro de silêncio e indiferença. Ninguém jamais olhava para eles.

– Ande até aquele canto, Sara, que vai esvaziar um lugar ali, com licença? – dizia a senhora Allen abrindo caminho entre as pessoas, quando notava que

sua filha prestava atenção a algum daqueles oradores extravagantes.

Sara ficava com raiva quando sua mãe falava com ela no metrô, porque não a deixava pensar. Era um lugar onde ela gostava muito de pensar, exatamente por estar tão perto daquelas pessoas tão diferentes e desconhecidas entre si, embora unidas na mesma viagem, no mesmo momento. Gostava de imaginar suas vidas, comparar seus gestos e suas roupas. E o que mais a divertia era comprovar que as diferenças eram muito maiores que as semelhanças. Como era possível que, em uma distância tão pequena como a que vai da cabeça aos pés, pudessem existir tantas variações aponto de ser impossível confundir um daqueles viajadores com outro? Mas não dava muito tempo para vê-los bem, porque a senhora Allen ficava na sua frente de propósito, como se tivesse medo de que, somente por olhar, Sara fosse contagiada por alguma doença ruim.

– Deixa, mamãe, não desabotoe mais. Eu não estou com calor.

– Claro que não, você sempre acha que sabe tudo. Quer ficar quieta?

– Quem sabe se tenho calor sou eu.

– Sim, claro, mas ao sair, com a diferença de temperatura, você pega um resfriado e aí?

– Mas eu nunca fico resfriada...

– Ai, meu Deus, que menina mais respondona! Por que essa cara de vítima agora?

– Por nada, mamãe, fica quieta, anda.

– Está segurando bem a cesta?

– Estou, mamãe. Fica quieta agora, por favor -suplicava a menina com um sussurro fervoroso.

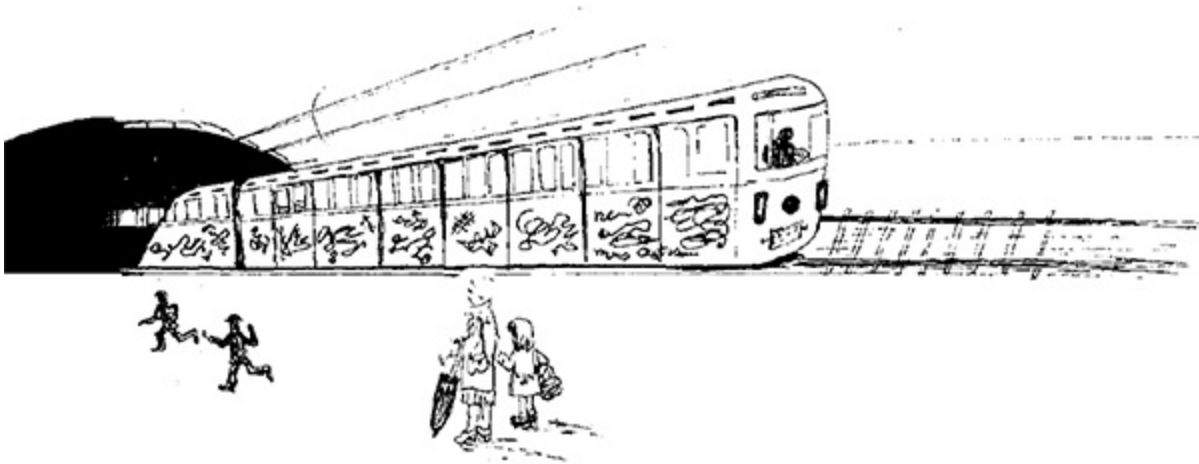
– Mas o que há? Por que você fecha os olhos? Está enjoada?

– Me deixa. É que estamos indo por debaixo do rio!

– E daí? Que novidade! Parece boba, filha, se alguém escuta...

Havia um trecho no início da viagem de metrô que passava por dentro do East River. E coincidia exatamente com os comentários da senhora Allen, que caíam como chuva, sem parar. Sara fechava os olhos, não porque enjoasse ou tivesse medo, e sim porque não tolerava que assuntos tão insossos ocupassem a mente de sua mãe e interrompessem seus pensamentos,

justo quando se estava produzindo o milagre de viajar por dentro de um túnel sobre o qual pesavam toneladas de água. Seu trajeto era de umas duas milhas, e chamava Brooklyn-Battery Tunnel porque, depois de cruzar o rio, entrava debaixo do Battery Park, o parque que fica mais ao sul de Manhattan, onde se encontram o Hudson e o East River. Havia estudado, sabia, conhecia a data em que começaram as obras do Brooklyn-Battery Tunnel, em 1905, mas isso não tinha nada a ver com a emoção de pensar, enquanto se tinha aquela massa de água em cima. Chegar a Manhattan por debaixo de um rio era a prova de que naquela ilha tudo podia acontecer. A cabeça de Sara rodava como um moinho, e surgiam-lhe centenas de perguntas que queria fazer a vó Rebeca quando chegassem à sua casa.



Evocação a Glória Star. O primeiro dinheiro de Sara Allen

Perto da casa da vó Rebeca, havia um parque misterioso e sombrio, que começava numa ladeira atrás da Catedral de São João o Divino. Chamava-se Momingside, como o bairro e, como estava abaixo do nível da rua, para chegar até ele era preciso descer por umas escadas de pedra. Tinha fama de ser muito perigoso.

Uns anos atrás, um desconhecido, a quem a imaginação popular batizou com o nome de “o vampiro do Bronx”, elegeu aquele lugar como campo de operações para seus crimes noturnos, que recaíam sempre em vítimas femininas. Foram descobertos cinco cadáveres de mulheres em Momingside num espaço de poucos meses; a notícia correu e, conseqüentemente, fazia tempo que ninguém ousava cruzar o parque, fosse dia ou noite, nem chegar perto dos degraus de pedra cobertos de musgo, arrematados por sólidos corrimãos, que davam acesso a ele.

Sara gostava muito de olhar o parque abandonado da janela da sala de estar, que era o maior cômodo da casa, onde a avó tinha o piano. Sentia-se atraída por seu aspecto romântico e solitário.

Junto àquela janela, a avó colocou sua poltrona predileta, embora estivesse um pouco velha e as molas saíssem por baixo. Enquanto sua mãe descia para comprar algo, ou varria as baratas mortas da cozinha, Sara sentava-se numa cadeirinha baixa junto à avó, para fazer-lhe companhia e escutar seus casos, quando tinha vontade de contá-los. Porque algumas vezes estava sonolenta ou triste, os olhos caídos, e não tinha vontade de falar.

Porém, mais cedo ou mais tarde, Sara conseguia animá-la e acender, com suas perguntas, o brilho apagado do seu olhar.

Costumavam falar baixinho, quase cochichando, e essa cumplicidade com a avó era o que mais emocionava a menina, porque adorava os segredos.

– Vovó, o Morningside por dentro é bonito?

– Que nada! O Central Park é muito mais bonito. Eu adoraria ter dinheiro para viver na parte sul do Central Park. Aqui os edifícios são vulgares... Quer saber a verdade? A única coisa que tem este parque é o mistério que ganhou com a história do “vampiro do Bronx”. Nada mais. Está tão abandonado que dá pena.

– Como é que você sabe?

– Ora, porque desço muitas vezes para passear no parque.

– E você entra lá dentro?

– Claro que entro. Eu gostaria mesmo é de passear no Central Park de charrete. Mas quem não tem cão caça com gato. Pelo menos respira-se ar puro à vontade, sem que ninguém incomode.

– Você não tem medo?

– Ter medo de quê? É um dos lugares mais seguros de Manhattan. Você não vê que está sempre deserto? Os assaltantes e vampiros não são bobos, isso você vai aprender no cinema. Não perdem tempo escondendo-se, à espreita de uma presa, num lugar onde já sabem que nunca passa ninguém.

– E prenderam o vampiro do Bronx?

– Não. Pelo menos eu não vi noticiado nos jornais que compro. Acho que ainda está solto. Deve ser muito esperto, filha. Não sei por quê, mas eu imagino que é um bom rapaz. E você?

– Não sei – dizia Sara um pouco assustada. – Eu não imagino nada.

Quando a senhora Allen percebia que sua mãe e sua filha estavam falando do vampiro do Bronx ficava furiosa.

– Mamãe, não conta histórias de medo a Sara, porque depois ela não dorme – dizia.

– E para que dormir? Onde já se viu tamanha perda de tempo...? Espera aí, que jornais são esses que você está jogando no lixo?

– Muito bem dito, mamãe. É lixo. Jornais velhos. Cheios de crimes e

bobagens assim.

– Um crime não é nenhuma bobagem, filha. Deixa eu ver antes de ir pro lixo, pode ter algo que eu queira recortar. Você tem mania de jogar tudo fora. Cada vez que você vem aqui, parece que passou um furacão.

– E a senhora tem mania de não jogar nada fora, de não consertar nada. Essa poltrona não pode continuar assim. Eu vou chamar um estofador. Da próxima semana não passa!

– Nem pensar! Eu gosto dela assim, meio rasgada. Tem as marcas do meu corpo. Que é a única coisa que me resta.

– Porque a senhora quer. Porque teima em não vir morar com a gente no Brooklyn.

A avó não gostava daquela conversa.

– Deixa de ser chata, Vivian, vamos parar com isso. E não me chame de senhora! Eu já disse isso muitas vezes!

– Eu tentei, mas não posso. Só consigo dizer “senhora”. Papai, que Deus o tenha, dizia que tratar os pais de “você” é uma falta de respeito.

– Mas se você não tem nenhum respeito por mim, mesmo me chamando de “senhora”. Nem eu quero, é lógico. Além do mais, filha, seu pai era um antiquado.

Num sábado à tarde, no início de dezembro, quando Sara e sua mãe chegaram, como sempre, à casa da avó, ninguém respondeu à campainha.

– Está ficando surda – disse, suspirando, a senhora Allen.

– Pode ter ido dar uma volta – disse Sara. – Hoje chegamos mais cedo.

– Aonde pode ter ido com um frio desses? Segura a sombrinha, toma, vou pegar meu jogo de chaves.

Entraram na casa e só encontraram o gato Cloud cochilando em cima da poltrona da avó.

A senhora Allen ficou muito preocupada. Ultimamente, sua mãe estava bebendo demais. Mas isso ela não disse a Sara. Achou que seria fácil encontrá-la num bar da redondeza, onde era conhecida. De qualquer jeito tinha que descer para fazer outras coisas.

– Olha – disse a Sara – você fica aqui. E, se a avó chegar, faça um chá e corte um bom pedaço de torta para ela. Você tem medo de ficar sozinha um

pouco?

– Eu? Nenhum – disse a menina.

– Então, até já. Espero não demorar. E, se o telefone tocar, atenda.

– Claro, mamãe, que bobagem. Não vou deixar o telefone tocando.

– Não me responda assim. Se seu avô Isaac estivesse aqui... enfim...

Pode ir varrendo um pouco a cozinha.

– Está bem.

Mas, quando sua mãe saiu, Sara não foi varrer a cozinha, mas sim saltar pela casa dizendo “miranfu” a todo volume, porque era a primeira vez que ficava sozinha na casa de Morningside, e estava eufórica. Era maravilhoso – miranfu! – imaginar que a casa era sua e que ela chamava-se Glória Star.

Havia um disco na vitrola. Apertou o botão, subiu o volume. O disco começou a tocar.

Era a mesma música italiana que a avó ouvia diante da penteadeira de três espelhos, naquela tarde em que estava vestida de verde. Sara nunca mais tinha escutado aquela música, mas reconheceu-a logo, e ficou excitada, como se estivesse sendo vítima de um encantamento:

“Parlami d’amore,
Mariú, tutta la mia vita
sei tu...”

Cloud abriu os olhos. Depois espreguiçou-se, desceu da poltrona e começou a ronronar em volta de Sara.

– Não, você não estava, Cloud. Você não estava aqui naquela tarde. Me deixe. Você não pode me acompanhar nas minhas lembranças. Eu sou Glória Star, a famosa cantora Glória Star, conhece?

O gato olhava-a fixamente com seus olhos cor de esmeralda. Miava baixinho e tentava em vão alcançar a barra do seu vestido.

– Não..., é inútil, você não pode lembrar porque você não me conhecia. Tampouco você conhece o Aurélio. Me deixa, gato chato, você está arranhando minhas meias de seda. Você não vê que estou esperando Aurélio? Ele vem do Reino dos Livros para levar-me para dançar, e eu tenho que me

arrumar bem bonita. Porque ele gosta de me ver bem bonita.

Foi ao corredor e abriu a porta do quarto da avó. Estava escuro. Deteve-se no umbral tentando encontrar o interruptor da luz e, por um instante, teve medo. E se a avó fosse encontrada em cima da cama estrangulada pelo vampiro do Bronx? A primeira coisa que teria que fazer seria não tocar em nada e chamar a polícia, como tinha visto que se fazia nos filmes.

O gato Cloud, que a tinha seguido, esfregou-se em suas pernas nuas e ela deu um grito. Acendeu a luz e o gato saiu bufando.

– Ai, que susto você me deu, Cloud! – exclamou Sara. – Quer deixar-me em paz? Pelo menos você podia dizer alguma coisa. Mesmo que fosse só: “Como vai a Rainha?”, como o Gato de Cheshire disse a Alice. Mas, claro, o que sabe você de Alice? Você parece o Rod Taylor, mas em forma de gato. Um gato bobo e mudo. Estou gastando saliva em vão.

Enquanto falava, olhava ao seu redor. Embora seus temores tivessem passado ao acender a luz, a verdade é que o quarto estava um desastre. Tinha um aspecto que dificultava muito continuar brincando de ser Glória Star nos seus tempos de esplendor em declínio. Cheirava a pontas de cigarro, a fechado, a suor e a perfume barato. Pelo chão e pendurados nos encostos das cadeiras, via-se um monte de roupas de todo tipo, e, em cima da grande cama desfeita, havia uma porção de cartas, fotografias e jornais espalhados sem ordem nem harmonia.

Sara tentou acender o abajur de três braços com tulipas de cristal que ficava em cima da penteadeira de três espelhos, mas notou que as lâmpadas estavam queimadas. Sobre o mármore negro listrado de rosa, junto a dois jarros de cosméticos destampados e vários batons gastos, havia copos sujos, grampos, carrete de linha, colherzinhas, cinzeiros e um exército de vidros de remédio, alguns pelo meio, outros vazios.

O gato deu um salto e subiu na cama, acomodando-se em cima dos papéis que estavam dispersos entre os lençóis desalinhados e enrugados.

– Fora daí, Cloud! Onde já se viu tanta falta de respeito! – disse Sara, com voz fingida, enquanto aproximava-se da cama com passos lânguidos. – Oh, meu Deus, minhas cartas de amor!, minhas pétalas de flores!, minhas fotos mais queridas! Sou Glória Star!, você sabia disso? Ufa!, que peste de

gato.

Deu um empurrão em Cloud, que voltou de um salto para o chão, e começou a recolher com cuidado todos aqueles papéis, separando as cartas dos recortes de jornais, e agrupando as fotografias por tamanho em pilhas diferentes. Uma das maiores era de um homem mais velho, mas muito bonito, com um farto bigode, e cabelo preto um pouco grisalho muito bem penteado. Estava encostado numa estante cheia de livros, tinha um cigarro aceso entre os dedos, e sorria para a câmara. Sara olhou aquela fotografia por muito tempo, e depois virou-a. Atrás havia uma dedicatória com letra grande e bem legível, que dizia: “Você é minha glória, A.” Era a mesma letra de algumas cartas que acabava de recolher.

O disco tinha acabado. Sara foi para a sala de estar com todos aqueles papéis. Não sabia bem porquê, mas não queria que sua mãe os visse quando chegasse e começasse a fazer a limpeza. Era capaz de jogar no lixo como os jornais. Mas Sara não ia permitir! Eram segredos da vovó. Sara não estava brincando de ser Glória Star. Sentia-se Glória Star em pessoa. Por outro lado era cúmplice de sua avó, e não queria que ninguém bisbilhotasse suas cartas secretas. Nem ela mesma queria fazer isso.

Foi até o movelzinho de tampa ondulada, que estava sempre fechado. Mas ela sabia onde a avó guardava a chave: dentro de uma floreira chinesa em forma de cesta, que tinha nos pés dois passarinhos disputando com os bicos a posse de uma minhoca, puxando cada um de um lado.

Subiu num banquinho para alcançar a estante onde sempre estava, agitou-se, pelo ruído, viu que a chave estava dentro. Mas nesse momento o telefone tocou e ela levou um susto tão grande que a floreira dos passarinhos escorregou de suas mãos e caiu no chão. Quando conseguiu atender o telefone, seu coração batia forte.

Era a avó. Tinha a voz muito alegre. Tinha descido para dar um passeio por Momingside, depois entrou um pouco num bingo do bairro e ganhou cento e cinquenta dólares. Tinham lido o bilhete que deixou? Estava em cima do piano. Sara disse que não e que sua mãe tinha ido para a rua um pouco assustada.

– Pobre Vivian! – disse a avó – se não estiver preocupada com algo, não

vive. Vou subir logo. Estou no bar aqui em baixo tomando um licor. Bom, não diga nada do bingo à sua mãe... Está bem, já sei que você sabe guardar bem os segredos... Até já. Vamos ver se eu e você podemos conversar um pouco, filha... Ah!, eu queria pedir um favor, agora me lembro...

– Fala, vovó.

– Já que você está sozinha aí..., eu deixei o quarto muito bagunçado. Você quer recolher uns papéis que estão em cima da cama e guardar no movelzi-nho? Você já sabe onde está a chave.

– Sei, vovó – respondeu Sara, com um sorriso muito temo – na floreira dos passarinhos.

Quando desligou o telefone, estava muito excitada. A primeira coisa que fez foi colocar outra vez o disco. Adorava aquela música, embora não entendesse a letra. Mas dizia “Mariú”, que devia ser uma espécie de “Miranfu” em italiano. Depois foi recolher a floreira, temendo pelo pior. Por sorte – miranfu! – tinha caído em cima da poltrona e não quebrou. Em compensação, custou a encontrar a chavezinha. Estava caída entre o almofadão e o braço da poltrona.

Por fim, meteu-a na fechadura e abriu a tampa ondulada do móvel, que se chamava secretária porque era um móvel de segredos. Exalava um cheiro de papel antigo, de flores secas. Olhou outra vez o retrato de Aurélio Roncali e deu-lhe um beijo.

– Obrigada – disse, baixinho.

E as lágrimas rolaram de seus olhos. Mas não como no dia em que soube que tinha ido embora. Durante os seis anos que se passaram desde aquele dia, havia entendido que se pode chorar de três maneiras diferentes: de raiva, de pena e de emoção. Este era um choro de emoção. Bem, de emoção e de alegria. Uma coisa um pouco estranha, miranfu.

“VERDADEIRA RECEITA DA TORTA DE MORANGO
TAL QUAL ME ENSINOU NA INFÂNCIA
REBECA LITTLE, MINHA MÃE.”

Depois, antes de descer novamente a tampa do móvel, teve curiosidade

por uma gavetinha à direita que estava entreaberta. Viu um envelope lacrado. Reconheceu a letra de sua mãe.

Não pôde deixar de rir. Quer dizer que, depois de tantas histórias com a torta de morango, a vovó também sabia fazer.

A avó voltou com muito bom humor. No instante em que ouviu a chave na fechadura, Sara saiu correndo para recebê-la, seguida pelo gato. Não tinha a menor ideia se havia passado muito ou pouco tempo desde que sua mãe saiu. Mas a dúvida esclareceu-se logo.

A avó tinha acabado de jogar para o alto o dinheiro que ganhou no bingo, e sua neta estava recolhendo o dinheiro do chão, as duas morrendo de rir, quando tocou o telefone e a avó foi atender.

– Alô... ah, oi, Vivian... claro, já estou aqui, está me ouvindo? Não, não, sinto muito dar esse desgosto, mas o vampiro do Bronx não me raptou. Acho que ele prefere carne mais jovem.

Sara tinha acabado de recolher as notas e sentou-se na poltrona da avó. Olhava pensativa e sorridente o parque de Momingside, sobre o qual espalhavam-se nuvens violeta que, pouco a pouco, perdiam seu esplendor. Cloud subiu no seu colo, ronronando, e ela pôs-se a acariciá-lo. Sentia-se tão bem, como em poucas vezes na vida.

– Eu deixei um bilhete em cima do piano. Além disso, estou aqui há dez minutos.

Sara olhou para ela. E ela devolveu o olhar com uma piscadela sorridente. Sara achava muita graça que a vó se defendesse dos sermões da própria filha com aquelas mentiras de criança. E mandou-lhe um beijo com as pontas dos dedos. E, além do mais, o que dizia servia como pista sobre o tempo que havia transcorrido.

– Claro que sim, Vivian... como não pode ser? o que você está dizendo? que dez minutos atrás você ainda estava aqui?... ai, filha, você parece um detetive, por um minuto a mais ou a menos, que importa? nos encontramos nos elevadores... Ai, deixa de ser chata, Vivian, de tudo você faz um drama!... sim, a menina está bem... e o gato também. E as baratas estão vivas e animadas. Estamos todos bem.... agora sim, agora vamos comer a torta... está bem, até logo, não tenha pressa.

Sara havia-se inclinado sobre o gato e dizia no seu ouvido:

– Ouviu a vovó, Cloud?, passaram-se dez minutos, só isso. Parece incrível o que cabe em somente dez minutos. Se você não fosse tão ignorante, se você fosse o gato de Cheshire, poderíamos falar de como o tempo se alonga, algumas vezes. Ronronando, hem? Você é bobo, mas é carinhoso. E, além disso, seu pelo é muito suave, lá isso é verdade.

– Com quem você está falando, com Cloud? -perguntou a avó, com voz jovial e divertida, assim que desligou o telefone. – Eu pensava que você não gostava de gatos.

– Dos que são mudos, não muito. Mas esta tarde eu creio que Cloud está me entendendo.

– Vem, filha, vamos lanche. A chata da sua mãe disse que o supermercado está muito cheio e que ela vai demorar meia hora. Que alívio!

Porém, aquela meia hora foi incrivelmente curta para Sara. A avó, muito animada, prontificou-se a

preparar, ela mesma, o lanche, e começou a recolher as vasilhas sujas da cozinha, a ferver a água para o chá, e a pôr a mesa cantarolando. Também abriu uma lata de comida para Cloud e colocou debaixo da pia, num prato de alumínio.

– Quer ajuda, vó?

– Não, nada de ajuda, fica sentadinha. Vou colocar uma toalha de mesa bem bonita. Hoje é um dia especial.

Sara contagiou-se com a alegria de sua avó. E, principalmente, estava espantada com sua atividade e eficácia. A toalha de mesa era de flores bordadas. Colocou uma borracha por debaixo.

– Eu pensei que você não sabia fazer as tarefas de uma casa – disse a menina.

– Como não?! Se é a coisa mais fácil do mundo. Acontece que é uma coisa chata quando não existe uma motivação. Você vai ver só, hoje a torta deve estar muito boa.

Sara perguntou se ela também sabia fazer a torta.

– Sei, mas já esqueci. Eu já não gosto de cozinha. Mas tenho a receita guardada, não sei onde. Sua mãe deu-me como se fosse um testamento. Disse

que tinha medo de que vizinhas a roubassem. Bendita torta de morango! Eu já estou enjoada. Vou prová-la esta tarde pela primeira vez depois de muito tempo. Quase toda semana dou a um pobre. Mas hoje é diferente.

– O que festejamos hoje, vovó?

– Não sei, qualquer coisa. Seu aniversário! Não é dentro de uns dias?

– Na próxima sexta-feira. Pensei que você não lembrasse. Fico muito contente que lembre. Faço dez anos.

A avó foi à sala de jantar e voltou com o dinheiro que ganhou no bingo. Dividiu em dois montes iguais.

– Toma – disse – metade para você e metade para mim. É meu presente de aniversário.

– Mas é muito! eu nunca tive tanto dinheiro, vovó!

– Guarda e não diz a ninguém. Qualquer hora pode fazer falta. Agora, tenta gastar o quanto antes. Olha, vá ao meu quarto, numa das gavetas da direita, a de cima, tem várias bolsinhas, do tempo que eu saía à noite. Escolhe a que você mais gosta para guardar seu primeiro dinheiro. Assim o presente fica completo.

Naquela tarde Sara gostou como nunca da torta de morango. Parecia que estava comendo pela primeira vez.

– Não há nada como uma boa conversa, sem pressa, para que as coisas estejam bem – disse a avó.

Depois, foram para a sala de estar esperar a senhora Allen. Sara apertava contra o peito, por baixo da camiseta, uma bolsinha de cetim azul bordada com lantejoulas, onde guardara os setenta e cinco dólares.

– Dinheiro chama dinheiro – disse a avó – Vamos ver se me aparece um noivo rico. Procura um para mim. Você me acha muito velha ou você acha que ainda posso arrumar algum noivo?

A menina, que ao buscar a bolsinha viu o vestido verde no armário, respondeu:

– Eu não acho você velha. Você é muito bonita. Principalmente vestida de verde.

A avó ficou triste de repente. Sara entendeu que era melhor não falar de Aurélio. Tomara poder encontrar um outro noivo para a avó. Mas como

poderia, se nunca saía sozinha?

Acabaram falando de solidão e de Liberdade. A avó contou a Sara que haviam trazido a Estátua da Liberdade da França para Nova Iorque há cem anos, e que o escultor que a fez, um artista da Alsácia, tirou o molde do rosto da estátua sobre o de sua mãe, uma mulher muito bonita. Deu-lhe um livrinho onde estava tudo muito bem explicado, para que lesse em casa, porque já se ouviam os passos da senhora Allen.

– Filha, não tivemos tempo para nada – disse a avó.

A meia hora passou como um relâmpago. Como o tempo nos sonhos. Miranfu.



Festa de aniversário no chinês.

A morte de tio Josef

No dia do seu aniversário, uma sexta-feira, Sara estreou um conjunto de saia plissada e suéter vermelho, presente de sua mãe. O senhor Allen decidiu festejar comendo num restaurante chinês. Os Taylor foram convidados.

– Sabe, o Rod também vai – disse a senhora Allen, sorrindo para Sara com malícia, quando estavam chegando à loja para encontrar com seu pai – a festa é sua, faltava um menino, você não acha?

Sara não respondeu. Rod estava menos gordo, mas continuava feio. E, ainda por cima, se fazia de conquistador com as meninas do bairro. Sara decidiu que não ia dar bola.

– Eu não disse antes para fazer uma surpresa – acrescentou a senhora Allen – e, no final, haverá outra. Você vai ver como vai ser bom.

Porém, não foi bom. Pelo menos para Sara. O restaurante era escuro e tinha as paredes pintadas de vermelho, preto e dourado, com uns patos de patas muito compridas, e uns tanques com flores boiando que, não se sabe por quê, despertavam um pouco de pena. Nas mesas, com toalhas de papel, havia umas lampadazinhas vermelhas. E por toda parte sentia-se o cheiro agri-doce típico da comida chinesa. Além do mais, Sara já conhecia aquele restaurante, porque o dono, o senhor Li-Fu-Chin, era amigo do seu pai, e, nas noites em que ele demorava a chegar em casa, ela ia buscá-lo ali com sua mãe. Frequentemente voltavam discutindo.

Juntaram duas mesas com um centro de flores de papel, puseram Sara

sentada ao lado de Rod, que estava tão concentrado comendo vorazmente, que não tinha tempo nem vontade de falar. Limitava-se a dizer que sim com a cabeça e a emitir uma espécie de grunhido de satisfação, com a boca cheia, cada vez que sua mãe perguntava se gostava de uma coisa ou queria provar outra. A mesa estava tão cheia de travessas com comidas diversas, que era quase impossível fazer um gesto sem derrubar um copo ou sujar a manga de gordura. Os sabores eram muito parecidos e as conversas dos adultos giravam principalmente sobre a comparação de uns quitutes com outros, e também dos comentários de admiração que despertava o senhor Taylor, por ser o único capaz de manejar com destreza os palitos chineses, sem precisar recorrer à colher nem ao garfo. De vez em quando, o senhor Li-Fu-Chin aproximava-se risonho da mesa para perguntar se estavam satisfeitos.

– Muito satisfeitos, um banquete, amigo, um verdadeiro banquete – respondia o senhor Allen. – Traga um pouco mais de arroz três delícias e de porco com molho agri-doce.

– Vai sobrar, Samuel – advertia a senhora Allen em voz baixa.

– Que sobre, que diabo! Hoje é dia de festa, não é Sarinha?

– Mas a rainha da festa comer pouquinho, como um passarinho – dizia o senhor Li-Fu-Chin, notando que Sara levava o garfo à boca sem nenhuma vontade. – Não está gostando, linda?

– Estou sim, muito obrigada – respondia Sara. – Está tudo muito bom.

Não fazia outra coisa que se lembrar da avó.

A verdade é que sempre achou bastante chato comer e, mais ainda, falar do que se estava comendo ou do que se ia comer. Mas, afinal, aquela reunião estava acontecendo em comemoração a seu aniversário; seus pais pareciam estar satisfeitos e de bom humor; e sua roupa era bem bonita, embora fosse quente e apertasse um pouco na parte de cima. Tinha motivos para sentir-se mais feliz. E, quando pensava nisso, tentava animar-se, mostrar-se amável. Mas via o queixo de Rod mastigando sem parar, ouvia o ruído dos talheres chocando-se contra os pratos e o rumor dos risos, olhava aquelas aves de pernas compridas com patas e bicos de ouro pintados na parede e não entendia por que sentia tanta vontade de chorar.

De sobremesa trouxeram uns doces com surpresas dentro. Faziam

barulho ao serem partidos e, de dentro, saíam uns papéis pequenos e compridos, como serpentinas coloridas. Cada um trazia uma mensagem escrita. Todos liam e perguntavam, com muito alvoroço, uns aos outros: “Deixa eu ver o que diz o seu?”, e riam-se quando achavam que a frase era apropriada.

O papelzinho de Sara era de cor malva. Ela ficou toda vermelha e logo guardou-o, sem querer mostrá-lo a ninguém, por muito que insistissem. Dizia: “Antes só do que mal acompanhada.” Achou que eles poderiam pensar que ela tinha inventado e que estava escrito ali por artes de mágica. Sua consciência pesava por estar pensando exatamente o que havia lido. Quem teria sido o duende que adivinhou seu pensamento? Ficou imóvel, olhando o vazio, alheia a tudo o que ocorria a seu redor.

Não fazia outra coisa que se lembrar da avó, de como foi curto o tempo em sua casa, de todas as coisas que tinham ficado por falar.

A senhora Allen, que não a perdia de vista, cutucou a senhora Taylor.

– Olha – sussurrou. – É essa a expressão que eu digo que ela tem muitas vezes, sem saber por quê. Me assusta. Em que estará pensando? Eu acho que minha mãe põe fantasias em sua cabeça.

A senhora Taylor, sorrindo, deu-lhe um tapinha amistoso no braço, como querendo consolá-la.

– Todos nós passamos por essa idade. É a idade da fantasia – disse com superioridade. – Está ficando muito bonita.

– Sim, e isso também me preocupa. Porque como está a vida hoje em dia...

– Por favor, Vivian, você se preocupa por tudo. Relaxa, mulher, e aproveita.

– Você tem razão, Lynda; o que seria de mim sem seus conselhos... Mas é que, não sei, quando estou bem, sempre parece que vai acontecer alguma coisa ruim.

– Cala a boca, mulher, não seja agourenta...

Quando parecia que tudo já tinha acabado, veio da cozinha o senhor Li-Fu-Chin trazendo uma torta com dez velinhas acesas.

O senhor Allen, que estava muito contente, levantou-se e começou a

cantar em voz alta o *Happy birthday to you*, acompanhado imediatamente não só pelos comensais de sua mesa, incluindo Rod, mas também por outras pessoas desconhecidas que estavam espalhadas pelas mesas do restaurante. O senhor Allen animava-as, sorrindo, a que se juntassem ao coro, fazendo amplos gestos com as mãos, como se fosse um regente de orquestra. Sara baixou os olhos. Estava terrivelmente envergonhada.

– Anda, filha, não seja chata! Está pensando em quê? Assopre as velas!
– disse a senhora Allen num tom de reprovação. – Não quer? Mas você tem que pedir algo.

Sara concentrou-se. “Que eu volte a ver a vovó vestida de verde”, disse para si mesma, cravando as unhas na palma das mãos.

Depois, soprou as velas o mais forte que pôde, quase com raiva, como querendo acabar com aquela cerimônia o mais rápido possível. As dez velas apagaram-se ao mesmo tempo. Ouviu aplausos à sua volta.

– Boa sorte. Isso quer dizer boa sorte – afirmou a senhora Taylor. – Você não esqueceu o desejo, não é?

– Não – disse Sara.

– E é segredo, não é?

– É – disse Sara.

O senhor Li-Fu-Chin entregou-lhe uma faca e os aplausos redobraram.

– Você partir torta. Eu ajudar.

– Para mim em primeiro lugar! Um pedaço grande! – disse Rod, abrindo caminho a cotoveladas e mostrando seu prato.

– Que cara boa tem essa torta – comentou o senhor Taylor; a senhora Allen sorriu, toda alegre. – É a vantagem de vir a restaurantes de amigos. Em outro, não nos permitiriam – disse.

O senhor Li-Fu-Chin piscou um olho para a senhora Allen. Os Taylor olhavam sem entender.

– É que a torta quem fez foi a Vivian, ontem à noite – esclareceu o senhor Allen. – Torta de morango. É a sua especialidade, não é mulherzinha? Pode competir com as de O Doce Lobo.

Ela fez um gesto de falsa modéstia, como querendo diminuir a importância do comentário do marido. O Doce Lobo era a confeitaria mais

famosa de Manhattan. Fazia setenta e cinco tipos de tortas. Ficava perto do Central Park, tinha também dois salões de chá onde, mesmo sendo tão grandes, nunca havia lugar vazio para lanchar.

– Não exagere, homem – disse a senhora Allen. -Além do mais, eles têm que provar primeiro. Acho que saiu muito boa. Mas são eles que têm que julgar.

Provaram, repetiram, menos Sara, e não sobrou nada.

– Quem dera O Doce Lobo... – comentou Philip Taylor. – E mais, mesmo que seja só uma aposta, vamos reservar uma mesa no primeiro fim de semana, pedimos torta de morango e comparamos com a da Vivian. Não é uma boa ideia?

– Por mim está feito – disse o senhor Allen.

E Sara notou que, pela primeira vez, ele orgulhava-se, diante dos vizinhos, da torta de morango. Olhava satisfeito para sua mulher.

– E, como vai ser pior – seguiu o senhor Taylor -chamamos o dono e dizemos: “E o senhor é chamado de Rei das Tortas? Mas como, homem? A rainha está aqui, a verdadeira Rainha das Tortas está aqui.” E terá que se calar, por mais Doce Lobo que ele seja.

Todos riam muito e a senhora Allen ficou olhando extasiada para Philip Taylor.

O almoço terminou, como era de esperar, cantando louvores à torta de morango.

Naquela noite Vivian fez outra torta, mesmo dizendo que estava cansada, porque o dia seguinte era sábado e tinham que ir, como sempre, à casa da avó.

Enquanto a senhora Allen tirava do forno a torta de morango, e Sara já estava no quarto lendo o livrinho sobre a Estátua da Liberdade que ganhou da avó, o telefone tocou e o senhor Allen foi atender. Da cozinha e do quarto de Sara, ouviam-se fragmentos de uma conversa agitada e cheia de silêncios. A senhora Allen aguçou o ouvido. “Não pode ser!, não pode ser!”, exclamava o senhor Allen, entrecortadamente.

Sara saiu do quarto e tropeçou na mãe no corredor. Vinha secando as mãos no avental.

– O que houve? – perguntou a menina.

– Não sei, filha. Vou ver. Parece alguma notícia má.

Sara voltou para o quarto e deixou a porta aberta. Em pouco tempo ouviu choro. Depois, desligaram o telefone. Seus pais passaram pelo corredor abraçados e chorando. Ela seguiu-os até a cozinha. Sua mãe dizia, entre soluços:

– A felicidade, Samuel, tem que ser paga com pranto. Eu estava dizendo isso a Lynda, hoje no almoço. E ela disse que sou agourenta. Agourenta..., agourenta... Pobre Josef!

Logo depois, Sara inteirou-se de que um irmão de seu pai, tio Josef, que ela não conhecia, teve um acidente de carro perto de Chicago, onde vivia, e morreu na hora.

A senhora Allen, a quem as catástrofes faziam vibrar tanto, mostrava-se mais carinhosa que nunca com seu marido. A ponto de sentar no seu colo e beijá-lo como a uma criança. Depois, enquanto preparava-lhe um chá, passaram a discutir os detalhes da viagem a Chicago. O senhor Allen foi ao quarto buscar uns folhetos com horários de trens e aviões.

– É bobagem você ir também, Vivian. É despesa em dobro. E, além disso, vocês se viram muito pouco – dizia enquanto olhava os folhetos e fazia contas numa calculadora de bolso.

Mas não conseguiu convencê-la. Numa ocasião dessa, como ia deixá-lo sozinho? Nem que estivesse louca. E depois, o que diriam os parentes vendo-o chegar sem ela ao enterro? Eram capazes de pensar que o casamento ia mal.

– Coitada da Sara – disse o pai num determinado momento, olhando-a – que final de aniversário!

Mas, além desse comentário, não voltaram a falar com ela nem a lhe perguntar nada. Assim sendo, foi outra vez para seu quarto e continuou lendo, porque achou que todo aquele transtorno não tinha nada que ver com ela. E, por outro lado, estava completamente apaixonada pelo livro que ganhou da avó. Tinha capa azul e uma gravura grande com a ampliação do rosto da estátua. O título era: *Construir a liberdade*.

Depois de vários telefonemas, cochichos e passos que iam e vinham de um cômodo a outro, os Allen dirigiram-se ao quarto de sua filha.

Sara havia deitado de roupa e tudo na cama. A ideia de construir a Estatua da Liberdade nasceu na França. Fora encomendada a um escultor alsaciano, chamado Frédéric Auguste Bartholdi, que começou a trabalhar em 1874, usando sua mãe como modelo para a primeira maquete, que tinha somente nove pés de altura.

Adormeceu lendo isso, pensando, fascinada, que madame Bartholdi foi mulher antes de ser estátua, e a chegada de seus pais sobressaltou-a. Lynda Taylor estava presente. No início não entendeu nada. Escondeu o livro, sem saber por quê.

Vinham comunicar-lhe que partiam para Chicago, num avião noturno, dentro de três horas. No dia seguinte, um sábado, seria o enterro de tio Josef. Es-tariam de volta no domingo à noite. Ela ficaria na casa dos Taylor.

– Mas tínhamos que levar a torta para a vovó. Vocês a avisaram?

– Você pensa em cada coisa, filha! – disse o senhor Allen. – Agora mesmo vamos avisá-la.

– Anda, querida, pega sua roupa e sobe comigo -disse-lhe Lynda Taylor em tom protetor.

– Aqui está a chave de casa se você precisar descer para alguma coisa – advertiu-lhe a senhora Allen. – Por favor, minha filha, você acaba de fazer dez anos, já tem idade para ter responsabilidade. Espero que se porte bem.

– É claro que vai portar-se bem – interveio Lynda num tom musical e artificial. – Você é uma menina responsável, não é mesmo?

Sara nem olhou, nem lhe respondeu nada.



Segunda parte

A AVENTURA

A quem dizes teu segredo, entregas tua liberdade.

(Tragicomédia de Calisto e Melibea)

Apresentação de Miss Lunatic.

Visita ao Comissário O'Connor

Quando escurecia e começavam a acender-se os letreiros luminosos no alto dos edifícios, via-se passear pelas ruas e praças de Manhattan uma mulher muito velha, vestida de trapos, e coberta com um chapéu de grandes abas que tapava, quase que totalmente, seu rosto. A cabeleira, abundante e branca como a neve, ia até as costas, às vezes esvoaçante e outras vezes presa numa grossa trança que chegava à cintura. Empurrava um carrinho de criança vazio. Era de um modelo muito antigo, de tamanho grande, rodas muito altas, e a capota bastante estragada. Nos antiquários e leilões da rua 90, que frequentava, já haviam oferecido até quinhentos dólares por ele, mas nunca quis vendê-lo.

Sabia ler o destino na palma das mãos, sempre levava frasquinhos com unguentos, que serviam para aliviar as mais diversas dores, num bolso interno; e vagueava sempre por lugares onde estavam prestes a ocorrer incêndios, suicídios, desabamentos de paredes, acidentes de carro ou brigas. O que significava que percorria Manhattan a uma velocidade imprópria para a sua idade. Inclusive, havia quem assegurasse havê-la visto, na mesma noite à mesma hora, circulando por bairros tão distantes como o Bronx ou o Village, e no meio do cenário de dois acontecimentos diferentes, como, algumas vezes, ficou provado por fotos nos jornais. E, então, não restava dúvida. Porque se era fotografada, ainda que fosse em segundo plano e com a imagem desfocada, seu aspecto peculiar tornava impossível confundi-la com outra mendiga qualquer. Era ela, com certeza, era a famosa Miss Lunatic. Por

esse apelido era conhecida há muito tempo, e suas extravagâncias fizeram com que alcançasse uma popularidade que beirava à lenda.

Não tinha documentação que provasse sua existência real, tampouco família e residência conhecidas. Costumava ir cantando canções antigas, com jeito ou de balada, ou de canções de ninar, quando estava distraída, e hinos heroicos quando precisava caminhar depressa. Do mesmo modo que se detinha diante das vitrines luxuosas da Quinta Avenida, também entretinha-se remexendo nos depósitos de lixo da periferia, com sua bengala de punho dourado que representava uma águia de duas cabeças. Quando encontrava algum móvel ou alguma bugiganga em bom estado de conservação, colocava no seu carrinho e transportava para algum leilão onde era conhecida. E tudo o que pedia em troca era um prato de sopa quente.

A verdade é que tinha muitos amigos em diversas profissões, ou sem nenhuma. Era muito querida, sobretudo por não ter o defeito, tão comum nos velhos, de falar sem parar, interessasse ou não, mesmo que a pessoa que estava ouvindo tivesse pressa ou se aborrecesse. Ela olhava bem com quem estava falando. Às vezes podia ser bastante faladeira, mas não contava suas histórias ao primeiro que aparecesse. Preferia esperar que pedissem que as contasse e, em geral, gostava mais de escutar do que de ser escutada. Dizia que assim é que se adquire experiência.

– E para que a senhora quer mais experiência do que já tem, Miss Lunatic? – perguntavam alguns. – Já não sabe tudo?

Ela encolhia os ombros.

– Sobre as pessoas, não. As pessoas estão sempre mudando. E cada pessoa é um mundo – respondia – eu adoro que me contem coisas.

Falava com os vendedores ambulantes de bijuteria e de cachorro-quente, africanos, índios, porto-riquenhos, árabes, chineses, com os viajantes perdidos pelos corredores compridos do metrô ou pelas plataformas da Penn Station, entre confusas vozes dos alto-falantes, com os porteiros dos hotéis, com os patinadores, com os bêbados, com os cocheiros dos cavalos que fazem parada no lado sul do Central Park. E todos tinham alguma história para contar, alguma paisagem da infância para reviver, alguma pessoa querida que lembrar com saudade, algum conflito para o qual pedir conselho.

E depois aquelas histórias acompanhavam Miss Lunatic quando ela voltava a caminhar sozinha; durante algum tempo permaneciam enroladas nos seus trapos como serpentinhas de ouro que ornamentassem sua figura, impedindo-a de atirá-las ao esquecimento.

Também dedicava-se a recolher gatos sem dono e a estabelecer contato com famílias ricas para que os adotassem. Ninguém entendia como conseguia esses contatos, já que as pessoas em Nova Iorque são muito desconfiadas, mas o certo é que não era difícil encontrá-la à saída do Hotel Plaza, ou de alguma joalheria da Lexington Avenue, falando com gente luxuosamente vestida.

Era muito amiga dos bombeiros. Algumas vezes, mesmo sendo ilegal, tinha sido vista com eles, em cima do veloz carro reluzente e vermelho que, ao passar, fazia com que todos abrissem caminho. O que ela mais gostava era que permitissem que fosse puxando o cordão do sino niquelado. Ao som daquele sino, as bochechas enrugadas de Miss Lunatic coravam de emoção e alegria, sob a aba de seu enorme chapéu.

Mas as zonas que frequentava mais assiduamente eram as habitadas por marginais, e sua ocupação preferida, a de infundir fé aos desesperados, ajudá-los a encontrar a raiz dos seus males e a fazer as pazes com seus inimigos. Conseguia poucos resultados, mas não desanimava, embora a tenham insultado muitas vezes por intrometer-se onde não era chamada, e chegaram a expulsá-la a pontapés de um local do Harlem, por defender um negro que estava sendo atacado por outros quatro, muito mais robustos.

– Vá embora daqui, Miss Lunatic – disse, ao vê-la jogada na calçada, a dona de uma tinturaria que havia ao lado. – Afinal de contas é jogar pérolas aos porcos.

– Nem pensar – disse ela levantando-se e recolhendo seu chapéu do chão. – Vou entrar outra vez para ver se prestam atenção em mim. Devo ter-me explicado mal. Ou, talvez, eles é que estejam muito transtornados.

Se lhe perguntavam onde vivia, respondia que, durante o dia, dentro da Estátua da Liberdade, em estado de letargia, e, durante a noite, por aí, no bairro onde estivesse enquanto lhe perguntavam. Fazendo companhia aos solitários como ela, a todos que perambulam pelas casas suspeitas e dormem

em bancos de praça, casas em ruínas e passagens subterrâneas.

Confessava ter cento e setenta e cinco anos; mas, no caso de não ser verdade, tínhamos que admirá-la, pelo menos, por seu conhecimento de História Universal, a partir da morte de Napoleão, e pela familiaridade com que falava de artistas e políticos do século XX, com alguns dos quais assegurava haver tido um relacionamento estreito. Havia gente que ria dela mas, em geral, ela era respeitada, não só porque não fazia mal a ninguém, era discreta e fazia-se entender com grande propriedade – sempre com um leve sotaque francês -, mas também porque, apesar de suas roupas de mendiga, conservava, na forma de mover-se e caminhar com a cabeça erguida, um ar de altivez e independência que não permitia o menosprezo nem a compaixão. Sempre responsabilizava-se por seus atos e metia-se somente com o que queria.

Devido a sua tendência, de que já se falou, de mediar as discussões entre bêbados e delinquentes perigosos, tentando que as partes rivais chegassem a um acordo, viu-se implicada como suspeita em assuntos duvidosos. Mais de uma vez, tomando-a por cúmplice em alguma malfeitoria, apunhalaram-na sem consideração por sua idade. Mas, ao que parece, era invulnerável, segundo contavam depois, com grande assombro, as testemunhas presentes ao fato. Porque, apesar de usarem a arma contra ela vigorosamente e com muita raiva, ninguém vira brotar uma só gota de sangue do corpo frágil de Miss Lunatic. Por outro lado, a polícia, que a prendeu várias vezes, nunca encontrou provas que pudessem culpá-la de alguma coisa.

Um comissário veterano do distrito de Harlem, fascinado pela valentia de Miss Lunatic, seus múltiplos contatos com a malandragem e seu talento para testemunhar em casos difíceis, mandou chamá-la numa tarde de inverno para propor-lhe um trato. Receberia uma boa soma de dinheiro, caso colaborasse como informante da polícia. Ela indignou-se. Informar às autoridades que havia fogo, que havia caído parte de um telhado ou que era preciso urgentemente uma ambulância era algo muito diferente de ser deduzido. Nem que estivesse louca. E, quanto ao dinheiro, muito obrigada, mas não era nenhuma tentação.

– Para que eu necessito de dinheiro, senhor O’ Connor? – perguntou. –

O senhor sabe dizer?

Tinha as mãos cruzadas sobre a mesa e o comissário prestou atenção naqueles dedos deformados pelo reumatismo e avermelhados pelo frio.

– Para quando a velhice chegar – disse.

Miss Lunatic começou a rir.

– Desculpe, senhor, mas cheguei a Manhattan em 1885 – disse. – Não acha que já dei provas suficientes de saber assegurar minha velhice sozinha?

O comissário O'Connor contemplou-a com curiosidade do outro lado da mesa.

– Em 1885? No mesmo ano em que trouxeram para cá a Estatua da Liberdade? – perguntou.

Um sorriso nostálgico delineou-se nos lábios de Miss Lunatic.

– Exatamente, senhor. Mas suplico-lhe que não me submeta a nenhum interrogatório.

– Responda-me somente uma coisa – disse ele. -Ouvi dizer que a senhora não tem nenhuma renda. E que tampouco vive de esmola.

– É verdade, por quê?

– Tranquile-se, dou-lhe minha palavra de que não se trata de uma investigação policial. Só pretendo ajudá-la. O dinheiro não lhe interessa?

– Não; porque se converteu numa meta e nos impede de desfrutar do caminho por onde vamos andando. Além disso, nem sequer é bonito, como era antes, quando seu tato era prazeroso como o de uma joia.

O comissário observou que, enquanto Miss Lunatic dizia aquelas palavras, ela acariciava umas moedas muito estranhas que tirou de uma bolsinha de veludo verde, e brincava com elas. Não eram de grande tamanho, emitiam um brilho esverdeado e pareciam muito antigas. Esteve a ponto de perguntar de onde procediam, porque nunca havia visto moedas desse tipo, mas conteve-se por medo de ganhar sua desconfiança. Preferia continuar ouvindo-a falar de qualquer coisa. Houve uma pausa e ela voltou a guardar as moedas na bolsa.

-Agora não – continuou depois de um suspiro -, agora o dinheiro é um vil papel enrugado. Quando tenho algum, quero logo gastá-lo.

– Concordo com a senhora – interrompeu o comissário -, mas ele é

necessário para viver.

– Isso se costuma dizer, sim. Para viver... Mas o que chamam viver? Para mim, viver é não ter pressa, é contemplar as coisas, dar ouvidos às aflições alheias, sentir curiosidade e compaixão, não dizer mentiras, compartilhar com os vivos um copo de vinho ou um pedaço de pão, lembrar-se com orgulho da lição dos mortos, não permitir que nos humilhem e nos enganem, não responder sim ou não antes de contar até cem, como fazia o Pato Donald... Viver é saber estar só para aprender a estar acompanhada, e viver é explicar-se e chorar... e viver é rir... Conheci muita gente ao longo da minha vida, comissário, e, acredite, em nome de ganhar dinheiro para viver, levam isso tão a sério que se esquecem de viver. Justamente ontem, passeando pelo Central Park mais ou menos por estas horas, encontrei-me com um homem imensamente rico, que vive perto do parque e começamos a conversar. Pois bem, está desesperado e não sabe por quê. Não acha graça em nada nem aproveita a vida. E, claro, só vive pensando bobagens. Em pouco tempo, eu parecia a milionária e ele o mendigo. Ficamos muito amigos. Ele disse que não tinha nenhum. Bom, um..., mas está cansando-se dele.

– Que história interessante! – disse o senhor O’Connor.

– Sim, é uma pena que eu não tenha tempo para contá-la. Fiquei de ir daqui a pouco à casa dele, para ler sua mão. Se bem que não sei se vai adiantar muito, porque eu não leio o destino fechado, leio só o aberto.

– O que quer dizer isso?

– Que não dou soluções, limito-me a mostrar caminhos que se cruzam e a deixar as pessoas em liberdade para escolher o que quiseram. E Mister Woolf está querendo soluções, temo que necessite ordens de alguém. Talvez porque esteja cansado de ser obedecido. Chama-se Edgar Woolf. Ganha dinheiro a granel. Tem um negócio muito próspero de confeitaria.

O comissário olhou-a com os olhos arregalados pela surpresa.

– Edgar Woolf? O Rei das Tortas? A senhora vai à casa de Edgar Woolf? Ele vive num dos apartamentos mais luxuosos de Manhattan, sabia? Mas tem fama de ser inacessível, de não receber ninguém.

– Pois veja só, simpatizou comigo. Ou o senhor acha que eu só me dou com deserdados da sorte? Se bem que, pensando bem – retificou – Mister

Woolf também é um deserdado da sorte. Para mim, a única fortuna, já lhe disse, é a de saber viver, a de ser livre. E o dinheiro não liberta, querido comissário. Olhe à sua volta, leia os jornais. Pense em todos os crimes, guerras e mentiras que o dinheiro causa. Liberdade e dinheiro são conceitos opostos. Como também o são liberdade e medo. Mas, enfim, estou roubando seu tempo. Não vim para fazer discursos, e, quanto à sua proposta, já respondi exaustivamente, o senhor não acha? Esqueça-se de mim se puder.

O comissário olhou-a entre pensativo e perplexo.

– Então a senhora não tem nem dinheiro nem medo... – disse.

– Eu, não. E o senhor?

O rosto do comissário ficou sombrio.

– Medo, sim; muitas vezes, confesso.

– Pois não é bom para a sua profissão. Além do mais, o senhor provoca medo. Onde é que o senhor sente o medo? Na boca do estômago?

O comissário ficou na dúvida e apalpou o estômago por baixo do casaco.

– Sim, mais ou menos.

– É o mais comum. Espere um momento.

Miss Lunatic, ante o pasmo do comissário O'Connor, começou a fuçar em sua algibeira interior, de onde tirou vários frasquinhos que alinhou sobre a mesa.

– Oh, céus!, Sinto muito. Tinha um elixir muito bom contra o medo, mas acabou. É o mais solicitado.

Quando voltava a guardar os frasquinhos, acrescentou:

– Claro que existe outra forma de espantar o medo, mas não é propriamente uma receita, porque o paciente tem que dar muito de si. Consiste em pensar: “Isso que me assusta não me afeta”, algo assim como ver de longe aquilo que amedronta, para que se desfaça.

– Isso eu não consigo entender bem.

– Quase ninguém consegue; por isso é que eu digo que dá pouco resultado receitá-lo a alguém. Pode ser que um dia, de repente, sozinho, o senhor sinta e entenda... Muito bem, dá licença de eu me retirar?

O comissário O'Connor concordou. Porém, quando a viu levantar-se, pegar seu carrinho e dirigir-se para a porta, teve uma sensação muito triste,

como se tivesse medo de estar despedindo-se dela para sempre. E voltou a chamá-la. Ela deteve-se com um ar interrogativo.

– Miss Lunatic – disse ele – a senhora é maravilhosa.

– Obrigada, senhor. Isso dizia meu filho, que Deus o tenha. Aliás, um grande artista, ainda que a memória volúvel das pessoas tenha sepultado seu nome... O senhor queria dizer algo mais?

– Sim, eu não gostaria que a senhora passasse fome ou frio.

– Não se preocupe, eu não passo.

– Eu acho inacreditável, perdoe se digo isso. E como faz? Como se ajeita para sobreviver?

Miss Lunatic deteve-se no centro da sala. Levantou a aba do chapéu num gesto solene e olhou para o senhor O'Connor. Seus olhos negros, brilhando no rosto pálido e cheio de rugas, pareciam carvões acesos. E ela, no meio daquele aposento de paredes nuas, uma figura de cera.

– Com muita força de vontade, senhor, para usar palavras do Cavaleiro Inexistente.

– Outro amigo seu? – perguntou o comissário.

– Sim. Se bem que esse é um personagem inventado. O senhor gosta de romances?

– Muito. Acontece é que tenho pouco tempo para ler.

– Pois, quando tiver um tempinho, recomendo *O Cavaleiro Inexistente*. Não é muito grande. Acabo de ver uma tradução do italiano esta tarde, ao passar pela vitrine de Doubleday.

– Como anda por Manhattan! Vejo que a senhora não para um momento.

– O senhor tem razão. Eu não compreendo as pessoas que dizem sentir tédio. Eu nunca tenho tempo para tudo o que quero fazer... E, agora, sinto deixá-lo. Marquei encontro com Mister Woolf, e tinha pensado em, antes, dar uma volta de charrete pelo Central Park. De graça, é lógico. É promessa de um cocheiro angolano que me deve favores. Convenci uma filha dele a não suicidar-se. É isso. Adeus, comissário.

O comissário O'Connor levantou-se para abrir a porta e apertou-lhe as mãos, entusiasmado.

– Espero que voltemos a encontrar-nos – disse. A vida é longa, Miss

Lunatic. E dá muitas voltas.

– Eu sei. Dizer isso a mim... – respondeu ela, sorrindo.

– Pois, então, saúde! E agasalhe-se bem, parece que vai nevar.

– É tempo. Estamos em dezembro.

Ao sair, fazia um vento muito frio, que alvoroçou as longas melenas brancas de Miss Lunatic, que apressou o passo até a rua 125. Tinha decidido pegar o metrô até Columbus Circle.

Enquanto cantava um hino alsaciano, pôs-se a pensar em Edgar Woolf, o Rei das Tortas.



A fortuna do Rei das Tortas.

O paciente Greg Monroe

O arranha-céu onde vivia Edgar Woolf era to do seu, inteirinho, andar por andar, elevador por elevador, janela por janela, corredor por corredor. Ou seja, as mais de três mil pessoas que trabalhavam do porão ao quadragésimo andar daquele edifício estavam às ordens do Rei das Tortas, e não havia nem sequer uma sala alugada para outras empresas, mesmo havendo alguma de sobra. Mas cada vez havia menos espaços disponíveis, uma vez que o negócio, em constante progresso, requeria instalações mais modernas, decoração na última moda e maquinário em contínua renovação.

Ou, pelo menos, Mister Woolf acreditava nisso, porque é sabido que os ricos só pensam em aumentar sua riqueza, tirando mais partido do dinheiro que ganham. Em seus momentos livres, visitava aqueles espaços vazios, passeava por eles, de cima a baixo, com as mãos para trás, detinha-se pensativo, tirava um metro do bolso e tomava medidas de uma parede. E na sua esperta cabeça, rodeada de um cabelo espesso e avermelhado, surgiam, como num balão de histórias em quadrinhos, as imagens das novas instalações que projetava para ampliar os departamentos de publicidade, de experiências culinárias, de livraria; as oficinas de reparação de material, os escritórios de administração, o andar de investigação química, o de faturamento, de remessas ao estrangeiro, os três andares de fornos e cozinhas. Ninguém poderia convencê-lo de que estava enchendo a cabeça com projetos inúteis, porque, ao imaginá-los, convertiam-se para ele em necessidades de

urgente realização. E não via o momento de avisar aos arquitetos e projetistas de mais renome para empreenderem as obras de melhoria. Não vivia para outra coisa.

Aquele negócio milionário, cada ano mais próspero e famoso, teve sua origem, tempos atrás, numa modesta confeitaria da rua 14, dirigida primeiro pelo avô de Edgar Woolf, e depois por seu pai. A única semelhança que poderia relacionar a confeitaria multinacional de agora com aquela lojinha esquecida era que conservava o nome com que foi registrada por seu primeiro dono. Efetivamente, em honra ao sobrenome da família, seguia chamando *The Sweet Woolf*, ou seja, O Doce Lobo. Apesar da opinião contrária de certos assessores publicitários de Edgar Woolf, que desaconselharam aquele nome por julgá-lo antiquado e pouco comercial, ele manteve-se firme em não trocá-lo por nenhum outro dos que lhe propuseram.

E anos mais tarde, quando já toda Manhattan sabia que, para provar as tortas do Doce Lobo em um dos enormes salões de chá do primeiro andar, era preciso reservar mesa com antecedência, ou entrar na fila dos balcões da luxuosa confeitaria que ocupava os mil metros quadrados do térreo, Edgar Woolf chamou aqueles conselheiros a seu escritório e despediu-os sem hesitação, embora com uma generosa indenização, porque nunca foi pão-duro.

– Não quero gente incompetente a meu lado – comunicou-lhes.

– Por que o senhor diz isso, Mister Woolf? – perguntou o menos tímido e mais adulator.

– Por terem dito que o nome não era comercial. Imagina se fosse, hem?

Tanto os salões de chá como a confeitaria tinham gravado nas portas giratórias da entrada o desenho de um lobo lambendo os lábios, emblema que também era estampado no papel de embrulho e nos guardanapos.

As crianças que passavam pelo Doce Lobo, atrás de cujas vitrines exibia-se, sobre cetins e veludos, a maior variedade de sobremesas jamais vista, com um bom gosto mais apropriado à exibição de uma joalheria que de uma confeitaria, ficavam paralisadas diante daquelas vitrines marcadas com as iniciais E.W., enquanto respiravam fundo, com gestos gulosos, o aroma que vinha do interior através das portas giratórias, em contínuo movimento.

Era comum ouvir algum choro desconsolado ou presenciar alguma pirraça, porque teimavam tanto em não sair dali, que muitas vezes suas mães tinham que recorrer à força para levá-las.

Realmente, o cheiro de bolo, tortas e doces, recém-saídos do forno, que invadia as ruas naquele trecho, era tão apetitoso e tentador, que circulava um *slogan*, de autor desconhecido, que consolava os insatisfeitos, e que dizia:

“O Doce Lobo é a loja
Onde apenas por cheirar,
É como se já tivéssemos
Almoço, lanche e jantar.”

O edifício, ladeado por dois becos de segurança contra roubos e incêndios, tinha forma octogonal, e a parte de baixo, onde estava a grande doceria, os salões de chá, Doce Lobo I e Doce Lobo II, constituía a base mais larga e sólida, reforçada por dezesseis colunas de mármore cor de chocolate. Depois, aquela base ia se estreitando progressivamente a cada cinco andares até chegar ao quadragésimo, que era o último. Com esse estreitamento em cima, conseguia-se ao efeito ótico desejado pelo arquiteto que idealizou o edifício: quer dizer, que tivesse, como de fato tinha, a forma de uma torta. Além desse, havia muitos outros detalhes ornamentais que contribuía para dar a impressão de que se estava diante de uma torta gigantesca, com as bordas de merengue, que se delineavam sobre as janelas, e a alternância das cores de bolo, avelã, creme, amêndoa, morango, caramelo, torrone e chocolate com que estavam pintadas as paredes das distintas franjas, quando se levantava a vista até o terraço octogonal.

Este terraço, o mais chamativo de todos os arranha-céus, estava coroadado por enfeites de vidro grosso policromado, imitando diversas frutas, cada qual com sua verdadeira cor, para maior realismo: bananas, groselhas, limões, maçãs, cerejas, peras, laranjas, ameixas, uvas, figos e morangos. Eram de um tamanho enorme, para que pudessem ser apreciadas da rua.

Quando começava a anoitecer, mediante um sistema elétrico que se ligava, desde o quadragésimo andar até o interior das frutas, estas se

iluminavam, aureoladas por uns efeitos tão especiais que era comum encontrar grupos de turistas e curiosos concentrados na calçada em frente ao edifício, olhando, abobalhados, para cima e tirando fotografias. Porque os turistas, como é sabido, não querem ver as coisas mas, sim, fotografá-las. As diferentes luzes do terraço acendiam e apagavam por turnos, com se tivessem cãibras, até chegar um momento de total escuridão. Logo, vinha um estalido mais intenso que iluminava-as todas de uma só vez, enquanto saía do interior de cada uma um esguicho de sementes douradas que subiam ao céu escurecido para depois caírem como uma cascata, lenta, faiscante e silenciosa.

Era uma coisa espetacular. Porque, além disso, para completar aquele caprichoso acabamento entre cada fruta de vidro e a seguinte erguiam-se umas colunas brancas com capuz iluminado que representavam velas de aniversário. Para que as velas parecessem de verdade, conseguiu-se uma ilusão ótica muito original: consistia em que a chama engrossava ou emagrecia e oscilava mais ou menos ao compasso do vento que soprasse.

Todos esses efeitos luminosos eram manipulados a partir de uma grande nave instalada no último andar. Ali estavam também as máquinas de ar condicionado, as de purificação de água, as caldeiras, as diferentes chaminés de saída de fumaça, todo um vasto reino, enfim, atravessado por tubulações, chaves, botões, torneiras e alavancas, circuitos fechados de televisão, e toda classe de artefatos para colocar em ponto de bala o funcionamento interno de toda aquela empresa. Ou seja, ali, na nave do quadragésimo andar, estavam “as tripas e o cérebro do negócio”, como costumava dizer com humor Greg Monroe, um velho empregado de Mister Woolf que tinha sob sua responsabilidade a revisão e o cuidado de todo aquele maquinário, tão sofisticado, que nunca deixava de dar alguma dor de cabeça.

– Claro que nem a metade das que você me causa, Edgar, quando começa a inventar problemas que não existem e empurra para eu resolvê-los – dizia, às vezes, impaciente, a seu patrão. – Eu, de verdade, não posso com tudo, e fique sabendo que, mais dia menos dia, vou me cansar de você.

– Não sei há quantos anos você faz essa ameaça.

– E você se aproveita porque eu tenho mais paciência que o santo Jó.

Mas um dia acaba, é claro.

De todos os empregados às ordens do Rei das Tortas, Greg Monroe era o único que o chamava de você e atrevia-se a falar-lhe nesse tom.

Aos dez anos começou a trabalhar como mensageiro na confeitaria da rua 14, justamente uma semana antes de a nora do velho dono entrar em trabalho de parto e nascer Edgar Woolf, que não teve nenhum irmão e cresceu débil, mimado e cheio de caprichos. Greg afeiçãoou-se a ele desde que nasceu, e conhecia-o melhor que ninguém.

Foi seu primeiro amigo mais velho, e o mais fiel que Edgar teria sempre. Ensinou-o a desenhar, a andar de bicicleta, a construir atiradeiras, a caçar ratos, a talhar madeira e consertar máquinas quebradas. Mais adiante, nas brigas de rua, tinha apanhado por ele, havia encoberto suas faltas para protegê-lo de alguma bronca paterna, havia falado sobre suas experiências amorosas com as moças. Havia sido, enfim, sucessivamente, seu cúmplice, seu confidente e seu conselheiro sentimental.

Mas aquele menino esperto, tenaz e imaginativo cedo teve outras ambições. E, mesmo não perdendo completamente o contato com Edgar (por carta ou telefone), os diferentes ofícios que desempenhou posteriormente o distanciaram de Nova Iorque e de seu amigo durante muitas etapas de suas respectivas vidas. Greg Monroe havia sido desenhista de arquitetura, maquinista de teatro, câmera de cinema, inventor de aparelhos eletrônicos patenteados por ele, e, por fim, um dos técnicos especializados em som e luzes mais solicitados de Manhattan.

Até que um dia, quando o volume dos negócios de Edgar Woolf tornou indispensável o apoio de um homem de sua total confiança, pensou em Greg Monroe para ocupar o segundo posto na empresa, sob as condições que ele estabeleceu. Greg, que acabava de enviudar e tinha seus dois filhos já casados e vivendo longe, aceitou a oferta de seu antigo amigo. Não por suas vantagens econômicas, mas, sim, porque se sentia só e cansado. E Edgar soube comover suas cordas sentimentais, sempre mais dispostas a vibrar em tempos de velhice ou desgraça.

O que, desde logo, não imaginava é que chegaria a ser tão indispensável para O Doce Lobo. Não só para “as tripas e o cérebro” da empresa, mas

também para as do dono, que, como não tinha amigos nem confiava em ninguém, acostumou-se tanto à companhia do velho Monroe, que acabou necessitando dele e requisitando-o para tudo.

– Rapaz, você está abusando. Isso não é da minha competência – costumava dizer quando era consultado sobre assuntos relacionados com a qualidade das tortas. – Você não pretende que eu desça à cozinha todos os dias para provar todos os produtos que saem do forno. Morreria empanzinado. Além do mais, para isso você tem os Mestres Tartufos, com esse uniforme ridículo, inventado por você, estampado com morangos e maçãs. Não sei como eles não têm vergonha de entrar no elevador com semelhante aspecto.

O velho Monroe tinha um caráter tão bondoso e sincero, e uma filosofia de vida tão cheia de senso de humor, que era impossível levar a mal suas críticas carinhosas. Por outro lado, Edgar Woolf estava bem necessitado das duas coisas: de carinho e de críticas.

– Mas eles não gostam de mim como você. Me enganam. Veja o caso da torta de morango. Se você não dissesse, eu não saberia de nada...

– Mas de quê? Se eu não disse nada. Ai, por favor, Edgar, não voltemos à torta de morango...! – dizia Greg, muito nervoso.

– Claro!, agora você quer diminuir sua importância, porque você é muito bom. Mas há meses comenta-se por toda Manhattan que minha torta de morango é uma porcaria, que está depreciando o meu negócio, que parece um xarope! Que mancha, meu Deus!, que mancha para O Doce Lobo! E se não fosse por você...

– Chega, por favor! – gritava o velho Monroe, muito excitado. – Se você quer sofrer, isso é com você. Mas eu não lhe disse nada disso, é obsessão sua. A única coisa que eu disse foi que um dia convidei um dos meus netos a lanchar lá embaixo e ele não terminou o pedaço da torta, porque achou que estava um pouco seca...

– Não, também disse que você havia provado e que...

– Ah, já nem lembro do que disse. Bendita torta de morango! Pode não ser a melhor de todas, mas não é motivo para ficar assim. Por que diabos ocorreu-me comentar algo? Não vou mais abrir a boca quando estiver com

você.

– Mas o pior é que o problema continua sem solução, isso é o pior...

– Problema, problema! – resmungava Greg Monroe. – Vê-se logo que você nunca soube o que é ter um problema sério...!

Efetivamente, Edgar Woolf estava há alguns meses completamente transtornado por culpa da torta de morango. Havia contratado vários detetives para se esconderem entre os clientes de Doce Lobo I e Doce Lobo II, e transmitirem, rigorosamente, todos os comentários desfavoráveis que escutassem sobre a torta de morango. Parece que, na realidade, não era das que tinham maior aceitação e chegou-se a ouvir dizer, em mais de uma mesa, não só que o produto tinha baixado de qualidade, mas que nunca havia sido grande coisa.

Edgar Woolf, cada dia mais alterado por causa desses informes confidenciais, tinha perdido o sono, estava histérico e não sabia como remediar aquele sinal de azar que, pela primeira vez, empanava o brilho da fama de seu negócio.

Havia despedido sucessivos confeitheiros e, segundo ele, nenhum acertava com uma receita verdadeiramente eficaz. Por outro lado, o fato de que, a cada quinze ou vinte dias, a torta de morango de O Doce Lobo mudava de sabor acentuava o espanto dos consumidores. Porque, é preciso lembrar, nos Estados Unidos o público é muito tradicional e pouco amigo de inovações. E, com tantas mudanças, não havia tempo para que o novo sabor ficasse conhecido. Comentava-se, essa era a verdade. A torta de morango daquela confeitaria tão famosa já não era mais a mesma.

Os detetives não tiveram outro remédio que fazer chegar aos ouvidos de Edgar Woolf os resultados de suas pacientes e sutis investigações. Os clientes habituais de O Doce Lobo provavam a torta de morango com certa apreensão, com a cautela típica de quem está duvidando do resultado.

– Eu acho que hoje está um pouco melhor -dizia uma senhora, entre um gole e outro de chá.

– Pode ser; mas não venha dizer, Barbara, que, numa casa como esta, tenhamos que provar alguma coisa sem garantia total!... – replicava a outra.

– Isso é verdade. É preciso ter certeza!

– Naturalmente, querida. O mínimo que se pode exigir é que uma torta saia igual todos os dias, afinal, estamos em O Doce Lobo, não é? Do contrário, estaríamos comendo de pé em qualquer balcão da Broadway.

Edgar Woolf, contra seus hábitos, tinha começado a sair daquele bairro, a bater perna por toda Manhattan, e a entrar, incógnito, em diversas cafeterias do Village, de Lexington ou da Quinta Avenida. Enterrava um chapéu de feltro até as sobrancelhas, colocava óculos escuros e percorria a cidade de cabo a rabo, a bordo de uma de suas limusines. Peter, seu motorista de maior confiança, via-se obrigado a estacionar nos lugares mais inverossímeis, à medida que seu chefe, com os olhos fixos na janela, descobria um lugar onde, sua intuição avisava, talvez pudesse encontrar a doce presa desejada. De tanto provar diferentes qualidades de torta de morango, já tinha o paladar estragado e era incapaz de distinguir umas das outras. Muitas noites, voltando para casa, estava tão deprimido que pedia a Peter que o deixasse no Central Park, por onde passeava sozinho e pensativo. Seu aspecto, mascarado pelos óculos, e seu passo agitado e nervoso pareciam mais os de um malfeitor fugindo da justiça do que os de um magnata endinheirado.

Chegou a cair muito baixo, a ponto de colocar anúncios nos melhores jornais de Manhattan oferecendo mundos e fundos a quem fornecesse a receita autêntica, caseira e tradicional da torta de morango. E dava-lhe raiva que o chefe de publicidade tivesse que atender a algumas daquelas chamadas telefônicas, dizendo: “Sim, sim, não é um engano, o senhor está falando com o telefone de O Doce Lobo”. Edgar Woolf sentia-se frustrado.

– Mas que frustrado, que nada! – repreendia-o seu amigo, farto de aguentar esse calvário de lágrimas. – Você já tem cinquenta anos, por favor, Edgar. Desfrute da vida e gaste o dinheiro que você ganhou honradamente. Faça uma viagem, vá ao cinema, procure uma mulher que te ame, sei lá...

– Ah, sim, uma mulher que me ame, como se isso fosse fácil.

– E por que não? Você está na melhor das idades, e, cuidando-se um pouco mais, seria bastante atraente. Já tentou apaixonar-se seriamente?

– E para quê, se todas me abandonam?

– É claro; se você leva uma mulher para dançar e passa toda a noite falando que a torta de morango sai pior que a de chocolate, suponho que ela

dirá que vai ao toalete retocar o batom, e desaparecerá. Eu faria o mesmo.

– Não mexa nas minhas feridas, Greg. Você está cansado de saber que eu nunca consegui que uma mulher se apaixonasse por mim.

– Claro, porque você é um egoísta. E as mulheres necessitam de atenção, de dedicação. Quando você quis alguma, vamos ver? Estou falando de você apaixonar-se, é isso que precisa! Apaixonar-se por uma mulher interessante, que faça você perder a cabeça, que desperte a sua vontade de alegrar-lhe a vida e, com isso, alegre a sua. Em suma, que faça você esquecer tanta elucubração sem sentido. Você acha normal que eu tenha que suportar, todos os dias, a mesma novela?

– Se eu sou tão egoísta assim, suba para o seu apartamento e deixe-me em paz!

– Quem dera que você me deixasse!

Sempre se separavam zangados, embora a zanga durasse pouco.

Greg Monroe tinha gostos simples, vestia sempre um guarda-pó cinza e sua vida transcorria no quadragésimo andar. Quando não estava ocupado com a revisão das máquinas, abria uma portinha de madeira escura com trinco niquelado, situada na parede da direita, que conduzia à sua pequena casa particular. Uma vez ali, dedicava-se a desenhar, a ler e a ouvir música, que eram suas três paixões. Outras vezes, algum neto vinha visitá-lo.

Mas raras vezes podia desfrutar daqueles momentos de descanso sem interrupções. O dormitório de Edgar Woolf ocupava o mesmo espaço do seu apartamento e ficava exatamente debaixo dele. E, o que é pior, na volta de uma viagem recente à Califórnia por motivos familiares, Greg Monroe encontrou um curioso elevador cilíndrico comunicando as duas peças, mandado construir por seu chefe. Chateou-se muito por não ter sido consultado sobre tal invento, e, mais ainda, por ser tachado de ingrato e mau amigo.

– Eu é que queria fazer uma surpresa – queixava-se Edgar. – Criamos corvos e, depois, eles nos arrancam os olhos.

– Não preciso das suas surpresas, estou farto delas e de você. Agora sim, você não vai mais me deixar viver em paz. Você é um egoísta.

– Não sou um egoísta, Greg, é que estou muito só. Não tenho ninguém

além de você. Por que você me trata tão mal?

Acabava tendo que consolá-lo. E agradecendo que tivesse lhe proporcionado aquele espantoso veículo que permitia locomover-se a qualquer momento do dia ou da noite, e, assim, atender às aflições e alterações de humor do Rei das Tortas.

Naquela tarde de dezembro, Edgar Woolf estava particularmente nervoso. Passeava, como uma fera enjaulada, por seu enorme escritório, e acendia um cigarro depois do outro e não parava de olhar o relógio.

Por fim, subiu com passos decididos a escada em caracol que conduzia a seu quarto. Era um aposento bem espaçoso, separado do grande banheiro por uma parede de mármore verde. O teto e as paredes eram espelhados, a não ser onde havia uma porta de vidro que dava acesso ao terraço. Abriu esta porta e saiu.

Desviando-se dos altos loureiros e das estátuas que rodeavam a piscina, subiu os três degraus que levavam à varanda alta e circular. Lá embaixo, a massa escura das árvores do Central Park formava um imenso retângulo repleto de caminhos sombrios e misteriosos. Fechou os olhos para não ter vertigem, para não ver a luz das frutas gigantes que coroavam, ali tão perto, às suas costas, o friso de seu próprio anúncio luminoso, mais um entre todos os que coloriam o bosque com seus resplendores. Estremeceu. Fazia muito frio.

Estranhava aquela debilidade como se fosse uma convalescença infantil, aquele desejo de chorar nos braços de alguém.

Olhou outra vez o relógio. Eram sete e meia. Não mais. Estava claro que Miss Lunatic não viria mais. E sentia furiosamente sua falta como a um sonho evaporado, disparatado, absurdo.

Estava há cerca de uma hora à espera daquela estranha e fascinante mulher que, na tarde anterior, surgiu-lhe de entre as ramagens do parque. Sobre o que tinham falado? Como começou a conversa? E como ela conseguiu devolver-lhe essa espécie de fé no amor, na vida, na sorte? O que disse exatamente?

Tinha sido incapaz de explicar a Greg Monroe. Sequer atreveu-se a dizer como estava vestida, nem falar do carrinho que arrastava. E, no entanto, era

uma experiência tão estranha, tão especial, que Greg escapou para o cinema, a fim de não continuar ouvindo aquela história, que qualificou de alucinação. Poderia ser? Estaria ficando assim tão louco por causa da torta de morango?

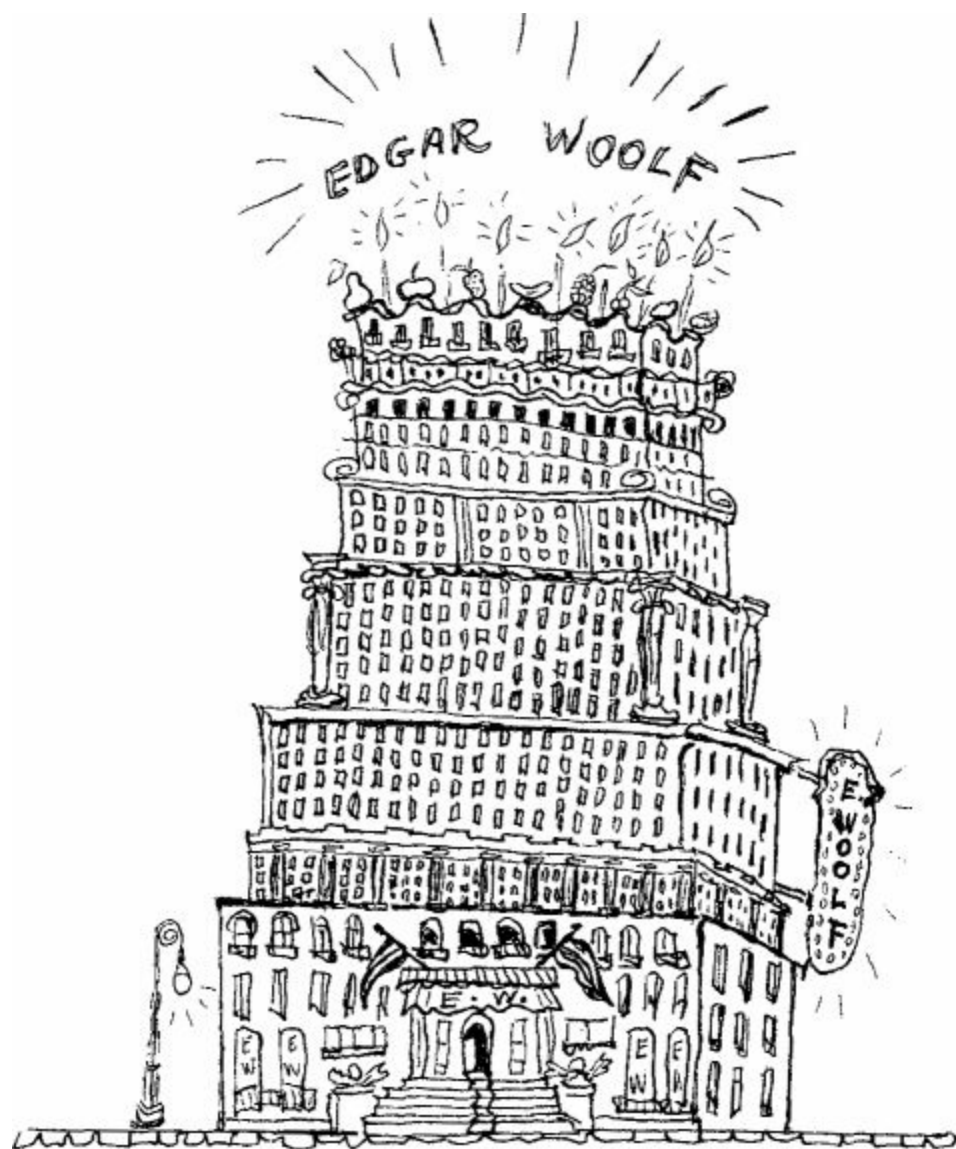
Miss Lunatic, quando se despedia de alguém -especialmente se era alguém com pouco trato com o misterioso – costumava deixar, como rastro, a impressão ambígua característica das miragens.

Edgar Woolf sentia o dardo de sua ausência como uma pena de amor romântico. Mas não podia ser, jamais esperou alguém por mais de cinco minutos.

Não viria mais. Já eram quase oito horas. Já tinha telefonado cinco vezes para a recepção. E dois de seus detetives particulares estavam lá embaixo. Não. Ninguém parecido àquela descrição havia vagueado pelas imediações de O Doce Lobo.

Precisava dar um passeio. Talvez voltasse a encontrá-la no parque. Impulsionava-o a mistura de uma extrema ansiedade com sossego. Não era nenhum motivo concreto que o convidasse a passear. E, no entanto, uma força viva arrastava-o até o parque, como que o atraindo a um centro de esperança. Entrou no quarto e olhou-se no espelho. O fulgor dos anúncios luminosos multiplicava-se, refletido em todas as paredes da luxuosa habitação, e saltavam faíscas avermelhadas da cabeleira de Mister Woolf. Sua figura pareceu-lhe misteriosa e interessante.

Pegou o casaco e o chapéu e dirigiu-se ao corredor que dava para seu rápido elevador particular.



Encontro de Miss Lunatic com Sara Allen

Quando Miss Lunatic desceu na estação de Columbus Circle, levava, em seu carrinho, um menino de tenra idade porque, dentro do vagão, notou que sua mãe, uma mulher jovem mas muito acabada, carregada de embrulhos, não podia com tanto peso. Acompanhou-os até o outro vagão para a baldeação, e o menino ria contente com o movimento do carrinho, segurando nos lados, tentando ficar de pé. Não queria sair dali e, quando Miss Lunatic pegou-o nos braços para entregá-lo à mãe, começou a chorar.

– Muito obrigada por tudo, senhora – disse a mãe. Vamos, Ray, não chore... Quer ficar com a senhora.

O menino, de fato, aferrava-se com todas as suas forças a um colar cheio de penduricalhos, de formas e tamanhos diferentes, entre inúmeros cachecóis desbotados de Miss Lunatic.

– Não – disse -, é que gostou deste sininho. Gostou do barulhinho, hem?... Espere.

Enquanto a mãe pegava o menino, que chorava desconsolado, e recolhia alguns de seus embrulhos do carrinho, Miss Lunatic tirou de seu bolso interior uma pequena tesoura e, habilmente, cortou de seu colar um sininho prateado, que se destacava dos outros amuletos por seu tamanho. Depois, pôs-se a agitá-lo alegremente diante daquelas mãozinhas infantis que se apressaram em agarrá-lo. Como por encanto, o pranto cedeu lugar a uns sons guturais de triunfo.

– Não, por favor, era só o que faltava...! – protestou a mãe. – Devolve, Ray!, é da moça...! Obrigada, senhora, mas as crianças não sabem o que querem.

– Discordo disso. Eu acho que, pelo contrário, são os únicos que sabem o que querem – respondeu Miss Lunatic.

A mulher olhava-a curiosa.

– Mas, certamente, é uma recordação sua.

– Claro, mas recordação vou continuar tendo da mesma forma. Seu metrô já está chegando. Toma, já ia ficar um embrulho. Adeus, lindo. Dá um beijo.

Viu-os entrar espremidos entre as outras pessoas. Contemplou seus rostos sorridentes através das portas de correr cheias de grafites. Gostava de pensar que, naquela multidão desconhecida, ia um menino chamado Ray que usava um objeto seu. Por trás da vidraça, a mulher, com gestos efusivos mas atenta para que não caíssem os embrulhos, tratava de movimentar o braço gorducho de Ray dando adeus a

Miss Lunatic e agitando o sininho com seus dedinhos desajeitados. Mas o sininho acabou caindo no chão, meu Deus!, e a mãe estava se agachando para recolhê-lo. Miss Lunatic não soube o final da história, porque o metrô partiu.

Ficou olhando o carro desaparecer engolido pelo túnel, e começou a andar até a saída. Andava curvada, arrastando os pés, presa de um súbito desânimo. Onde iria parar, com os anos, seu sininho? O que seria de Ray quando crescesse? Pôs-se a pensar na incessante transformação das pessoas e das coisas, nas despedidas, nos fardos que o tempo implacavelmente vai deixando sobre os ombros das pessoas. E sentiu uma espécie de vertigem. Como sou velha! – pensou – como gostaria de descarregar meus fardos mais secretos em alguém mais jovem, digno de herdá-los! Mas quem...? Ih..., vê-se que a conversa com o comissário deixou-me sentimental. Mas não! não vou deixar que isso aconteça!

Sentiu, porque uma voz interior avisara que precisava ficar atenta. Não queria dar corda àquele tédio com relação à vida, resistia em deixar-se levar pelas ideias negras. “Se você cair no poço, está perdida -disse aquela voz interior. E de lá já não se enxerga nada, você sabe disso”. Sim, sabia. E também sabia que não enxergar nada era deixar de viver. Havia uma forma que não falhava: conseguir que a cabeça tomasse conta da situação e

ordenasse ao corpo que se endireitasse, não andasse encolhido. E fixar o olhar.

Estava em um dos longos corredores que conduzem à saída. Na verdade tinha pouca vontade de conversar com o Rei das Tortas. Porém, decidiria na rua. Por enquanto, o que tinha que fazer era pisar mais firme. E saber por onde ir.

Acelerou, pois, o passo, ergueu a cabeça e, nesse mesmo instante, seus olhos depararam com uma cena que afugentou imediatamente seus pesares para obrigá-la a prestar atenção aos pesares alheios.

Entre o confuso ir e vir dos viajantes que se adiantavam uns aos outros, se empurravam e se cruzavam sem se olhar, uma menina, totalmente ignorada por eles, chorava silenciosamente com os olhos baixos e apoiada na parede da passagem subterrânea. Devia ter uns dez anos. Estava vestida com um impermeável vermelho de capuz, e levava, pendurada no braço, uma cesta de vime coberta com um guardanapo quadriculado.

Miss Lunatic deteve-se olhando-a, e logo compreendeu porque se emocionou tanto com aquela inesperada visão. Lembrava muito a Chapeuzinho Vermelho desenhada numa edição de contos de Perrault que ela deu de presente a seu filho quando era pequeno.

Aproximou-se dela, abrindo caminho entre o bando de gente que as separava. A menina, ao ver os velhos sapatos de Miss Lunatic parados ali no chão junto aos seus, levantou os olhos que estavam, efetivamente, cheios de lágrimas. E olhou-a. Mas sem demonstrar estranheza nem medo ao descobrir uma figura tão extravagante diante de si. Pelo contrário, seus olhos pareceram reviver com um fulgor de alívio e confiança. E Miss Lunatic, que fazia muito não via um olhar tão transparente e puro, sentiu como se seu velho coração esquentasse diante das chamas de uma inesperada fogueira.

– O que você tem, linda? Está perdida? – perguntou-lhe, docemente.

A menina negou com a cabeça. Depois tirou um lenço do bolso do impermeável e pôs-se a assoar o nariz e secar as lágrimas.

– Não. Esta estação é a que fica mais perto do Central Park, não é?

– É sim. Você está entrando ou saindo do metrô?

– Saindo... ou melhor... pensei em sair – emendou com voz desgostosa.

– Pois eu também. Se você quiser companhia...
– Obrigada. Não precisa incomodar-se. Tenho um mapa.
– Ah, tem um mapa!, então porque está chorando? – insistiu Miss Lunatic, ao perceber que a menina voltava a fazer beicinho.
– É muito longo para contar – respondeu ela com um fio de voz e abaixando novamente os olhos. – Muito longo.

– Bom, isso não importa. Tudo o que merece a pena ser contado é longo. Mas eu gostaria de saber se você tem vontade de contar ou não. Isso é o que importa.

A menina olhou-a extasiada. E as repentinas faíscas de entusiasmo que Miss Lunatic descobriu no fundo de seus olhos chorosos fizeram-na pensar no sol quando está a ponto de romper as nuvens da tempestade. De uma hora para outra até se poderia ver desenhado o arco-íris.

– Vontade?, oh, sim, muitíssima! – exclamou a menina. – Mas a quem posso contar?

– A mim, por exemplo.

– Sério?

– Claro. Você acha tão estranho assim? Aliás, você é daqui?

– De Manhattan, não. Vivo no Brooklyn. E agora vou em direção norte, a Morningside, à casa de minha avó. Ou melhor, ia... parei aqui porque... bom, é que eu nunca saí sozinha... queria ver o Central Park... mas, de repente..., não sei, me deu remorsos.

– Por favor, filha, remorsos!, que palavra mais feia!

E, dizendo isso, Miss Lunatic agarrou-a pelos ombros com decisão.

– Anda, vamos lá fora – disse num tom sereno e persuasivo. Conheço um café muito agradável perto do Lincoln Center, onde poderemos falar à vontade. Quer colocar essa cesta dentro do carrinho?

– Pode ser – disse a menina, entregando a cesta a Miss Lunatic.

– Então, vamos andando. Dá a mão.

Não falaram nada até chegar lá em cima. Soprava um vento muito frio. Às suas costas ficava uma praça com a estátua de Colombo no meio. E, mais para lá, a grade de um jardim muito grande. A menina, mesmo sem soltar a mão de Miss Lunatic, ia parando a cada momento. Consultou uma bússola

que retirou do bolso e respirou fundo. Olhava em todas as direções com avidez, como se não estivesse disposta a perder nenhum detalhe de nada. As vitrines das lojas e os bares brilhavam como joias. Passou um grande caminhão amarelo com um grupo de músicos de *jazz* que iam fazendo soar, ruidosamente, seus instrumentos. Tocavam umas variações de *Let it be*. Mas, quando alguém percebia, já tinham desaparecido e duvidava-se de que tivessem sido vistos de verdade.

Em frente havia um cinema diante do qual se aglomerava muita gente bem vestida. Chegou devagar um automóvel negro, comprido e silencioso, que tinha três portas e cortininhas de gaze nas janelas. Saiu um motorista mulato vestido de cinza com galões dourados e abriu a porta para alguém que estava dentro. Surgiu uma perna comprida de mulher, arrematada por um sapato de cristal primoroso.

– Será a Cinderela? – perguntou a menina.

– Não – disse Miss Lunatic. – Acho que se chama Kathleen Turner. Mas nunca houve ninguém como Gloria Swanson.

– Vamos ver? – perguntou a menina, puxando sua acompanhante naquela direção.

Miss Lunatic não respondeu, mas deixou-se levar.

– A senhora é muito boa – disse a menina. – Quando estou com minha mãe não posso olhar nada.

Uma nuvem de fotógrafos estava esperando a chegada daquela mulher que acabava de sair do carro negro. Estava com um vestido cor de prata e acompanhada por um homem louro e alto vestido de pinguim. Mas havia tanta gente que não se podia ver direito.

– Que estranho esse carro...!, não é? – disse a menina.

– Nele costumam andar os milionários. Existem muitos em Manhattan. Chamam-se limusines e têm telefone, bar, televisão, enfim, filha, tudo. Vamos embora, anda, se não se importa. Porque depois eu saio em alguma foto e vão dizer que venho me exhibir nesses lugares.

A menina sorriu.

– Você foi artista? Minha avó foi artista.

– Eu, não – disse Miss Lunatic -, mas fui musa de artista.

– Não sei bem o que é uma musa – disse a menina -, não são uns bichinhos que têm asas?

Miss Lunatic sorriu e apertou com carinho aquela mãozinha que se entregava com confiança à sua.

– Pode ser que algumas de nós tenhamos asas, sim. Mas o meu caso, de todo jeito, é especial e, claro, longo para contar. Vamos cruzar nessa direção, anda, que esta gente pensa que é dona da rua.

À luz dos faróis, o ar enchia-se de minúsculos flocos de neve. A menina levantou os olhos até o céu, até o cume dos altíssimos edifícios coroados por jardins frondosos, balaustradas e estátuas, atravessados por anúncios luminosos que piscavam sem parar: letras e desenhos perseguindo-se ou alternando-se num esbanjar de fantasia. A menina soltou-se da mão de Miss Lunatic e deu um salto com os braços estendidos para o céu.

– Oh, sou livre! – exclamava -, livre, livre, livre!

E as lágrimas voltaram a escorrer por suas bochechas ruborizadas de frio.

– Vamos, filha, não chore mais – disse-lhe Miss Lunatic. – Vamos ver se você me saiu uma manteiga derretida.

– Não, manteiga derretida, não. Agora eu não estava chorando de tristeza, era de emoção. É que nunca... desde que eu era pequena... não sei, liberdade a gente sente por dentro e não dá para falar. Entende?

– Um pouco – disse Miss Lunatic. – Mas não pare tanto, anda, o vento está muito frio. Logo, logo, sentamos nesse café de que já falei e você conta tudo o que quiser.

– Tudo o que quiser? – perguntou a menina, incrédula. – Isso é muito. E a senhora deve estar com pressa. Deve ter outras coisas que fazer.

Miss Lunatic começou a rir.

– Pressa, eu? Não. E mesmo que tivesse. Nunca encontrei nada mais importante para fazer do que escutar histórias.

– Que coincidência! – disse a menina. – Eu também.

– Então, teremos que pedir licença uma à outra. Vê-se que tivemos sorte.

– Quer dizer que a senhora também vai me contar coisas? Eu quero que a senhora me explique isso que a senhora falou sobre a musa.

Bateu um golpe de vento muito forte e carregou o chapéu de Miss Lunatic, num redemoinho, rua abaixo. A menina saiu correndo atrás dele e conseguiu resgatá-lo junto a um bueiro. Um táxi quase a atropelou e o taxista, muito zangado, botou a cabeça para fora da janela e disse uns insultos incompreensíveis. Ao devolver o chapéu para Miss Lunatic, estranhou que ela não a repreendesse como faria qualquer adulto em semelhante situação. Estava esperando, impassível, na beira da calçada. Parecia mais velha sem chapéu mas, ao mesmo tempo, mais jovem. Uma coisa bastante estranha. Seriam assim as musas? De repente a menina olhou para aquele rosto, que lhe pareceu de uma mulher cansada e triste.

– Obrigada, filha. Que pernas ligeiras você tem! – disse, enquanto colocava o chapéu e segurava-o fortemente com a ajuda dos cachecóis que havia tirado do pescoço. – Aliás, como você se chama?

– Sara Allen. E a senhora?

– Pode chamar-me Miss Lunatic, por enquanto.

– Então vai contar-me sobre a musa?

– Pode ser. Mas, veja só, eu não gosto de planejar as conversas com antecedência. O que vier, virá.

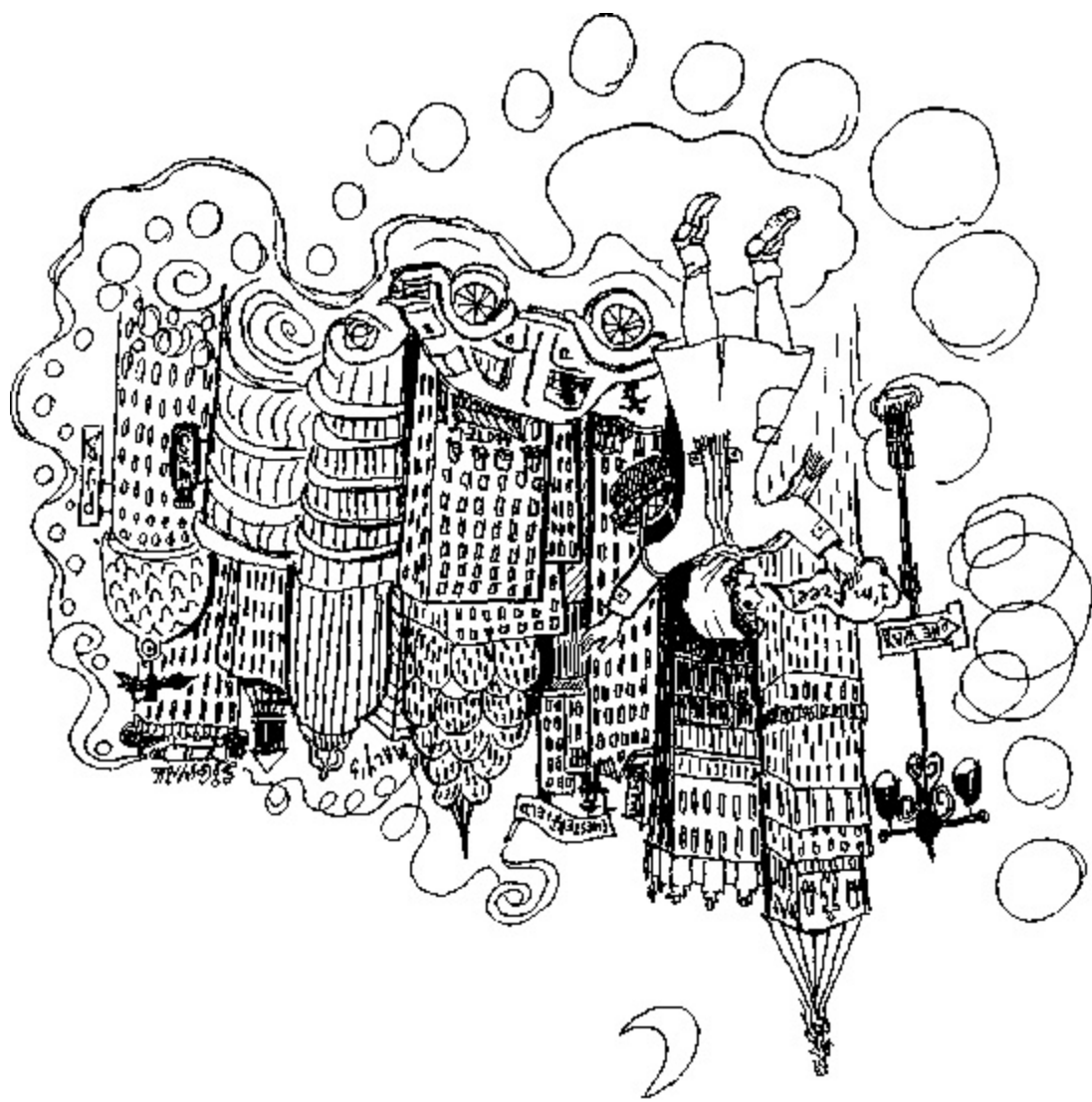
Aquilo que você vê ali é o New York Theater Center. Tem concertos e espetáculos de balé. Temos que passar em frente para ir ao café de que falei. Vamos Sara, anda mais depressa! Você vai como uma tartaruga.

– É que tudo é tão bonito.

– Sim, mas vamos ver se acertamos o passo, um-dois-um-dois...

E, apertando o passo enquanto empurravam o carrinho, cada uma por um lado, deixaram para trás a estátua de Dante Alighieri, situada num triângulo diante daquele Teatro Central, que tinha muitas bandeiras ao vento no final de uma enorme rampa. Miss Lunatic voltou a cantarolar o velho hino alsaciano que havia iniciado ao sair da delegacia.

E Sara, deslumbrada, olhava-a com o canto do olho, enquanto esperavam que o sinal ficasse verde para atravessar.



Madame Bartholdi.

Uma filmagem arruinada

As garçonetes daquele bar usavam lacinhos no cabelo e circulavam, entre as mesas, de patins. Mesmo assim, mantinham a bandeja, com seus copos, garrafas e taças de sorvete, num equilíbrio estável. Era uma destreza digna de admiração, levando em conta que os cantinhos do local ficavam em diferentes alturas. As garçonetes saltavam agilmente os degraus que separavam uns níveis de outros, como se não tivessem nos pés o impedimento das rodas. Sem cair, nem derrubar a bandeja, que parecia colada nas suas mãos, freavam os patins com uma leve torção do tornozelo e, em seguida, recuperavam o impulso necessário para deslizar outra vez sobre o ladrilho branco e preto, a caminho do balcão ou das mesas, iluminadas com velas vermelhas protegidas por um sininho de vidro.

Naquela tarde estavam fazendo um filme e havia uma aglomeração exagerada de gente. À porta, entre um grupo de curiosos e junto a um furgão prateado de onde saíam vários punhados de cabos pretos, estava parado um homem jovem. Usava boné quadriculado. Olhou curioso para a anciã de enorme chapéu de palha e para a menina de vermelho, que pretendiam entrar no local com aquele estranho carro.

– Vocês são extras da filmagem? – perguntou-lhes.

– Como? – perguntou a anciã, curvando-se por cima do carrinho.

– Eu quero entrar, por favor, Miss Lunatic! Eu quero entrar! – disse a menina, empinando-se para alcançar o ouvido de sua companheira. Tem patinadoras! Está vendo pela vitrine? É lindo!, eu quero entrar.

– Olha, Sara – respondeu a anciã em voz baixa quando se deseja muito uma coisa, não se fala tanto. Disfarce!

– Mas esse rapaz disse...

– E o que importa o que disse o rapaz? Puseram-no aí para parecer que manda, mas não manda nada. Você tem vontade de entrar, não tem?

– Oh, sim, muitíssima; a senhora, não?

– Eu acho que não poderemos falar à vontade, com tanta confusão – disse Miss Lunatic com gesto displicente. – Mas isso é o de menos. O importante é que você esqueça suas penas.

A menina, que não parava de olhar para o interior, olhou para Miss Lunatic com olhos carregados de estranheza.

– Que penas? – perguntou.

– Às vezes as perguntas, minha filha, contêm a resposta mais exata – respondeu a anciã, sorrindo. – Portanto, não tem problema. Só não esqueça o que eu disse: disfarce...

E dirigindo-se ao rapaz de boné, que as observava perplexo, fez um gesto teatral com as mãos, como de quem tenta afastar de seu caminho um impedimento casual e cansativo.

– Ouça, juvenzinho, extras coisa nenhuma. Nós somos as principais protagonistas.

– O que a senhora quer dizer? – perguntou ele, boquiaberto.

– Quero dizer exatamente o que eu disse: que, sem mim e ela, não tem argumento, não tem história, entende? Nós viemos para contar a história aqui. Supõe-se que o cenário estará pronto e que não nos incomodarão com minúcias tão cansativas quanto desnecessárias. Vamos, Sara, entre.

– Mas espera um momento, senhora... – disse o rapaz -, por favor, mostre-me sua identidade.

– Identidade? Que identidade?... Por favor, não me ofenda. Exijo uma explicação. Eu sou madame Bartholdi. Qual é o seu nome?

– Norman, senhora.

– Norman...? Não conheço. Deve haver um erro aqui.

– Pode ser... – disse o rapaz, àquela altura já completamente desconcertado. – Em todo caso, perdão.

Mas, se não se importa, vou consultar o diretor na outra linha.

– Faça o que acha que tem que fazer. A ignorância é muito atrevida. Vamos, Sara.

Norman, que tirou do bolso um *walkie-talkie* negro, pequenino, e estava tentando, em vão, estabelecer contato com um tal Mister Clinton, deu uma última olhada às estranhas visitantes, suspirou, olhou seu relógio de pulso e entrou no local rapidamente, enquanto murmurava:

– Está ficando tarde.

Elas o seguiram.

“Parece o coelho branco de Alice”, disse Sara para si mesma.

Norman não percebia que ele mesmo ia abrindo passagem entre as pessoas. Andava apressado, sem olhar para trás, como que procurando alguém.

– Que divertido! – disse Sara proibiu-nos de entrar e entramos.

– Claro, nunca se deve dar ouvidos às proibições – disse Miss Lunatic costumam não ter fundamento. Ande com naturalidade, assim, falando comigo. E preste atenção no carro.

– Estão rodando um filme! – disse a menina, absolutamente maravilhada -, olha esses trilhos, e a cadeirinha com o moço sentado em cima...! Parece um boneco, não é?

– Sim, filha, igualzinho; mas cuidado com esses cabos. Meu Deus, que confusão faz essa gente por nada! Olhe!, ali em cima parece que tem uma mesinha livre. Vamos.

Norman, a esta altura, havia chegado ao final dos trilhos, junto à cadeira metálica onde estava sentado aquele senhor que Sara achou parecido com um boneco. Era um homem muito magro, de óculos e cabelo crespo grisalho. Moveu uma manivela e seu acento desceu. Inclinou-se para escutar as explicações do rapaz de boné quadriculado e olhou para o lado direito do local.

– O rapaz da porta está nos mostrando com o dedo – comunicou Sara a Miss Lunatic, cheia de excitação. Que tal a gente se esconder em algum lugar?

– Esconder?, nem pensar!, sente-se aí.

– E a senhora, não senta?

– Sim. Estava procurando a garçonete que eu conheço, mas está tão confuso hoje, que só Deus sabe onde estará... E que este não é o lugar onde pensei levar você.

– Ah, não?

– Este lugar é muito caro.

– Não importa!, eu tenho dinheiro – replicou vivamente a menina, apalpando a bolsinha de cetim que trazia por dentro da camiseta. – Eu convido, pode pedir o que quiser. Está vendo?, eles continuam a nos olhar.

– Não dê atenção. Eles vão ver só, se se atreverem a nos incomodar.

– Mas é maravilhoso, Norman! – estava dizendo o homem de cabelo grisalho ao rapaz de boné. – Onde as encontrou? Exatamente o que eu procurava, o que estava faltando para contrastar com o ambiente, o toque exótico...! Meu Deus, como são incríveis! E a menina com esse impermeável e este vestido tão *kitsch*!

Os olhos de Norman iluminaram-se; aproveitou a ocasião para fazer-se importante diante do chefe.

– Eu as vi passar – mentiu -, e pensei que, talvez, pudessem interessá-lo. Questão de olfato. Fico satisfeito por ter acertado.

– Um acerto genial, querido Norman. Genial. Mas olhe só! os colares que usa a velha entre esses cachecóis, e o carrinho! por favor... Parecem invenção de Fellini...! Quero que a câmera acompanhe as duas, dissimuladamente, fingindo ser uma panorâmica; que Charlie procure captar fragmentos do que falam... depois, na montagem, veremos o que se pode aproveitar..., mas, sobretudo, diga isso a Waldman, sem exagero nos focos. Que não sejam intimidadas. Que estejam relaxadas e falem com naturalidade.

– Bom – disse Norman -, com isso o senhor pode estar tranquilo, Mister Clinton. De tímidas elas não têm nada. Principalmente a velha. Que classe! Fala como uma marquesa.

– Está bem. Melhor ainda se for uma marquesa. E, claro, que sejam servidas do que quiserem. É maravilhoso; vão resolver vários trechos do roteiro que estavam meio mortos, insossos... Enfim, não percamos mais tempo. Vamos repetir a entrada do policial.

Norman encaminhou-se outra vez até a porta e deteve-se junto ao balcão para falar com o ajudante de filmagem, um barbicha com colete de flanela.

– O que é essa madeira negra com um número pintado em branco que o senhor de barba está segurando? – perguntou Sara a Miss Lunatic.

– A claquete. Está vendo?, agora está aberta. Quando fechar é porque começam a filmar.

– Como a senhora sabe tantas coisas?

– Ah, filha, de tanto rodar eu também, mas pelo mundo. Nós, os velhos, ou estamos em dia ou ninguém nos respeita. Eu acho que aí o carrinho não atrapalha a passagem.

Naquele momento chegou uma garçonete de patins. Aproximou-se muito sorridente da mesa.

– É a que a senhora conhece? – perguntou Sara.

– Não, mas parece bem simpática.

– Como patina bem! – disse Sara, com inveja. -Eu gosto muito da saia que está usando, bem curtinha.

A garçonete fez várias evoluções em volta da mesa, sem deixar de sorrir.

– O que vão tomar? Estão convidadas por Mister Clinton.

Miss Lunatic olhou para a direção que a garçonete assinalava e notou que o diretor de cabelo grisalho e crespo cumprimentava-a com um leve gesto de cabeça.

– Olha só que sorte!, parece que o boneco simpatizou com a gente.

– Eu quero um chocolate batido – disse Sara.

– Simples ou duplo?

– Traga um duplo – disse Miss Lunatic. – Se sobrar, sobrou. Para mim, um coquetel de champanhe.

Naquele momento, o barbicha de colete *jeans* adiantava-se com a claquete aberta.

– Silêncio! Atenção! Sequência quatro! Ação! E ouviu-se o golpe seco da claquete fechando-se.

O relógio marcava quinze para as oito; na rua, a neve havia cessado, e o coquetel de champanhe de Miss Lunatic estava pelo meio.

Diante dela, sua companheira, de olhos baixos, brincava com o

guardanapo, no qual se viam manchas de chocolate; havia tirado o impermeável e o tinha pendurado nas costas da cadeira. Mas a roupa de malha também era vermelha. Como as suas bochechas coradas. Nos lábios de Miss Lunatic bailava um sorriso de prazer que iluminava seu rosto, rejuvenescendo-o. Ambas estavam totalmente alheias à câmera, que as focalizava. Saboreavam o silêncio que sucede às confidências.

-Anda, continua, linda – disse Miss Lunatic depois de uma longa pausa.

– Bom, não há muito o que contar – disse Sara. – O resto a senhora pode imaginar. Esta tarde, aproveitando a ausência da senhora Taylor, fui até minha casa, peguei a torta e escapei. Foi mais forte que eu. Levei anos sonhando entrar sozinha no metrô para ir a Morningside ver a vovó... Acontece que, quando cheguei à estação de Columbus, tive vontade de sair um pouco para ver o Central Park, e não resisti... Até esse momento, ia tudo mais ou menos bem. Mas, de repente, quando me vi sozinha andando para a saída, entre tanta gente desconhecida, em vez de desfrutar do bonito que era isso, sentir-me livre, faltaram-me forças e, não sei o que houve, desanimei... Foi quando a senhora apareceu por ali.

– Você fala como se tivesse visto um santo – disse Miss Lunatic, visivelmente emocionada, enquanto tomava outro gole do seu coquetel.

– Claro! – exclamou Sara, muito excitada. – É isso, exatamente isso foi o que eu senti: que uma aparição sobrenatural tinha vindo em minha ajuda. Não sei se é porque leio muitos contos... Eu estava muito mal, quase desmaiando, tinha um medo que não me deixava respirar, não sei de quê, um medo estranhíssimo, mas muito forte... Pensando agora, não entendo...

Fia via levantado seus olhos claros e interrogativos, e o olhar da mulher à sua frente era tão intenso, tão enigmático, que a menina se assustou, como se estivesse caindo num abismo. Mas não queria que percebesse.

– Não seria medo da Liberdade? – perguntou Miss Lunatic, solenemente.

E, ao fazer esta pergunta, levantou seu braço direito e manteve-o uns instantes para o alto, como se segurasse uma tocha imaginária. Sara sentiu uma leve inquietação ao reconhecer o gesto da estátua. Miss Lunatic imitou-a muito bem.

– Sim, seguramente foi isso – disse, tentando que sua voz soasse despreocupada.

Mas notou que seu coração batia muito forte.

Houve um silêncio. Ao mesmo tempo, a menina baixou os olhos e a mulher o braço. Em cima da me-sinha estava aberto o mapa que um dia o senhor Aurélio deu de presente a Sara. Ela falou daquele personagem à sua nova amiga, e contou-lhe como este velho mapa tinha despertado suas fantasias noturnas, suas viagens imaginárias por Manhattan, seus sonhos de Liberdade. Agora, um dos seus dedos, partindo do Central Park, seguia um itinerário caprichoso sobre o papel e, depois de traçar vários círculos, deteve-se na ilhazinha do sul, onde se via desenhada a estátua de metal esverdeado com sua coroa de espinhos e sua tocha na mão. De repente, a mão da mulher que estava sentada à sua frente, avançou devagar pela mesa e pousou sobre a da menina, como se quisesse protegê-la de perigos reais ou imaginários.

– E agora você já não tem medo, Sara Allen? -perguntou com uma voz diferente, muito diferente.

Sara moveu negativamente a cabeça, e notou que a pressão daquela mão sobre a sua acentuava-se. Seu coração saltou. A mão de Miss Lunatic não tinha rugas como antes, estava mais branca e alongada e o tato de sua palma estava muito suave.

– Mas não me olhe – ouviu aquela voz diferente dizer, lânguida e musical. Seus dedos estão muito frios, *ma chérie*... Em que está pensando?

– Não me atrevo a dizer – sussurrou Sara.

– Diga! – ordenou a voz.

A menina engoliu em seco. Olhava fixamente a minúscula estátua marcada ao sul do mapa com uma estrela dourada.

– Bem, pois... estou pensando que antes a senhora disse... disse... que tinha sido a musa de um artista..., também disse ao rapaz da porta que seu nome é madame Bartholdi..., sim, disse sim, eu me lembro bem... Eu, ontem, a estas horas estava lendo um livro que se chama *Construindo a liberdade*..., e de repente...

Deteve-se. Sentia a língua seca, colada.

– Continue! – pediu, ansiosa, aquela voz. – Por favor!

– Isso, de repente eu acho que entendi tudo – disse Sara com um fio de voz. – Sim, entendi tudo!, não sei como..., como se entendem os milagres. Porque é isso o que aconteceu..., que você, madame Bartholdi..., você é um milagre!

A outra mão, igualmente branca e suave, desceu e introduziu-se por baixo da de Sara, que ficou assim aprisionada, como um pássaro palpitante, entre as duas mãos daquela mulher. A menina percebeu um leve perfume de jasmim. Não tinha vontade de fugir, mas o coração batia cada vez mais depressa, em um ritmo quase insuportável. Abandonou-se àquelas mãos que agora levantavam as suas, lentamente, até uns lábios invisíveis.

– Deus te abençoe, Sara Allen, por ter me reconhecido – disse madame Bartholdi, enquanto depositava um beijo na mãozinha fria da menina por ter sido capaz de ver o que outros nunca veem, o que ninguém, até hoje, havia visto. Não tema, não volte a sentir medo jamais. Olhe no meu rosto, por favor, levo mais de um século esperando este momento.

Sara levantou a vista do mapa enrugado de Manhattan e do guardanapo com manchas de chocolate e, durante uns segundos, viu diante de seus olhos, rodeado de uma chama resplandecente, o rosto inconfundível da estátua que havia acenado de longe para milhões de emigrantes solitários, avivando seus sonhos e esperanças. Mas agora não estava longe, estava a seu lado, sorria e beijava sua mão.

Sara fechou os olhos, cega por aquela visão, e, quando voltou a abri-los, Miss Lunatic havia recuperado seu aspecto habitual. Além disso, estava de pé e insultava alguém. Sara sentiu muito calor perto de suas costas. Não entendia nada. Depois notou que haviam apagado uns focos muito potentes que as estavam iluminando.

– Mas por que vocês não vão para o diabo e nos deixam em paz? Vamos, Sara, vamos sair daqui. Estamos cercadas... Eu vi, estou vendo que eles estão avançando cautelosamente com suas tralhas..., sim, é com o senhor também, ou o senhor pensa que, porque sou velha, sou boba, com o senhor principalmente, Mister Clinton. A intimidade de Miss Lunatic não se compra com dois coquetéis de champanhe e um *milk-shake* de chocolate! Pega o carrinho, filha...

Sara, obedecendo a um impulso espontâneo de solidariedade com sua amiga, já estava de pé. Olhou, aturdida, a seu redor. Quase junto à sua mesa, montado na sua cadeirinha no alto de uns trilhos, o homem-boneco de cabelo crespo inclinava-se até Miss Lunatic balbuciando desculpas bobas.

– Por favor, senhora, não se zangue... Há um mal-entendido... Pensamos em pagar o seu trabalho... Pagar bem, aliás... Se quiser – acrescentou baixando um pouco a voz – podemos estabelecer agora mesmo as condições econômicas... Mas não se vá, imploro-lhe.

– Claro que vou! Agora mesmo! Quem é o senhor para dispor de mim e de que condições econômicas está falando? Colocar preço à Liberdade é o cúmulo! Onde já se viu tamanho despropósito?

Todos os que estavam no local olhavam naquela direção, mas Sara comprovava, com surpresa, que não tinha vergonha nenhuma. De repente passou por sua memória, como um relâmpago furtivo, aquele medo de chamar a atenção que às vezes sentia quando voltavam no metrô da visita à avó e sua mãe começava a choramingar. Pareceu-lhe uma cena absurda, muito distante, algo irreal em comparação à aventura que estava vivendo agora. Não tinha nenhuma vergonha de estar sendo olhada por toda aquela gente. Que nada, pelo contrário. Estava orgulhosa de conhecer o segredo de Miss Lunatic e de ser sua amiga incondicional: porque, além do mais, tinha razão. Quem eram eles para intrometer-se numa conversa particular? Não só pensava em apoiar sua amiga e segui-la em tudo, como também se divertia muito com o que estava acontecendo e por ver o boneco tão desmoralizado. Vergonha, nada. Vestiu o impermeável e pegou o carrinho. Ao redor do diretor esta-vam todos os seus ajudantes.

– Por favor, senhora, não vá – repetia, implorante, Mister Clinton do alto de sua cadeira. Fale você com ela, Norman! Você não disse que ela aceitou seu trato? Ofereça mil dólares! Dois mil!

Norman, envergonhado e amável, deu uns passos até a velha senhora.

– Eu não tratei nada com esse jovem e nem penso tratar! – assegurou Miss Lunatic, enquanto afastava-o de seu caminho. – Abram caminho, é tarde, temos que sair!

E, dirigindo-se à garçonete que havia acudido velozmente sobre seus

patins atraída pelo escândalo, disse em voz alta e firme:

– A conta, senhorita, por favor.

– Estão convidadas – respondeu ela, sorrindo forçadamente.

– Nada disso! Diga-nos imediatamente quanto devemos.

Deu uma olhada significativa para Sara, e esta percebeu no ar.

– Você não ia me convidar, filha?

E a menina, feliz como jamais havia sonhado sentir-se, meteu a mão no decote, tirou uma bolsinha de cetim com lantejoulas e desamarrou seus cordões.

– Sem dúvida, madame – disse.

E, depois, olhando com naturalidade para a garçonete, perguntou:

– Quanto é, por favor, dois coquetéis de champanhe e um *milk-shake* de chocolate?

– Cinquenta dólares, senhorita – respondeu, balbuciante e perplexa, a garçonete.

E Sara, enquanto contava o dinheiro e deixava-o cair displicentemente na mesa, agradeceu muito que Miss Lunatic não ajudasse naquela tarefa. Por um lado estranhava, mas por outro tinha uma sensação embriagadora de confiança em si mesma. Simplesmente ouviu-a comentar, enquanto ajeitava o chapéu:

– Que exagero! Não deixe nenhum centavo de gorjeta!

– Não pensei em deixar – respondeu Sara, guardando os vinte e cinco dólares restantes e voltando a meter a bolsa dentro do suéter.

Depois, arrastando o carrinho, e sem dar ouvidos a mais nada, alcançaram a porta e saíram do local.

As pessoas abriam caminho à sua passagem, como quando chegaram, mas agora em um silêncio religioso.

Poucos minutos depois de haverem desaparecido, aquele silêncio, alterado apenas por uns leves murmúrios, foi quebrado estrepitosamente pela voz de Mister Clinton, entre furiosa e histérica:

– Que alguém as siga! Alguém tem que trazê-las de volta! – gritou a ninguém em particular. – Não podemos perder uma coisa dessas!

O murmúrio cresceu. Mas ninguém se movia.

– Não digam que não se gravou a última cena...! Digo quando a menina tira a bolsinha de lantejoulas do decote. Eu não suportaria...! Por favor, Waldman, responda! – esbravejou Mister Clinton. – Temos algo disso?

– Não, senhor. Sinto muito – respondeu o barbicha da claquete com voz atemorizada. – Estávamos num intervalo da filmagem.

Mister Clinton teve um verdadeiro ataque de nervos. Mais do que nunca, parecia um boneco mecânico com os parafusos soltos. Chutava, arrancava a encrespada cabeleira cinza, cobria o rosto desfigurado com as mãos e repetia, chorando:

-Você é um imbecil, Norman! Um completo imbecil! Arruinou minha carreira para sempre. Vá atrás delas! Está me ouvindo? Traga-as aqui imediatamente, arrastadas, se for preciso.

– Não será fácil, senhor – resmungou Norman.

– Claro, pra você é mais fácil mentir pra mim. Vá buscá-las ou dê-se por despedido!

Norman saiu correndo para a porta. Olhou em todas as direções. Sara Allen e madame Bartholdi haviam desaparecido.



Um pacto de sangue.

Dados sobre o mapa para chegar à ilha da Liberdade

Caminhavam há algum tempo em silêncio, com o carrinho entre elas. Acabavam de cruzar um sinal e agora estavam numa calçada mal iluminada, ladeando a alta grade de ferro que rodeia a parte oeste do Central Park. Do outro lado, viam-se edifícios sólidos e luxuosos, porteiros uniformizados no final de um pequeno trecho de escada e uma espécie de toldo rígido desde a marquise até o limite da calçada, cortada por táxis amarelos e limusines silenciosas. Havia amortecido o ruído estridente das avenidas mais centrais, respirava-se melhor e era agradável aquele frio que vinha do bosque em penumbra, através dos ferros da grade. Haviam parado o vento e a neve.

Sara deteve-se junto a um sinal iluminado.

– Escute, madame Bartholdi.

– Diga, encanto.

– Jura que esses homens do cinema não viram você se transformar em estátua?

Miss Lunatic sorriu.

– Tenho certeza. Existem coisas que só os que têm os olhos limpos, como você, podem ver.

– Quer dizer que você vive dentro da estátua.

– Durante o dia, sim. Envelheço ali dentro para insuflar-lhe vida, para que possa continuar sendo a tocha que ilumina o caminho de muitos, uma deusa jovem e sem rugas.

– Como se fosse seu espírito? – perguntou Sara.

– Exatamente. Sou seu espírito. Mas me aborreço muito. Estou sempre desejando que chegue a noite para sair por Manhattan. Quando os turistas param de chegar, acendo as luzes da coroa e da tocha e, bem, cuido de mil detalhes rotineiros que tomam bastante tempo. Depois, asseguro-me de que está adormecida e acabou-se; saio por aí, por minha conta.

– Como se você se descolasse dela?

– Sim, mais ou menos. Pode-se dizer assim. Sabia que você é muito esperta?

– Isso diz minha avó, e também que puxei a ela. Quem dera! Minha avó, sim, é muito esperta. Em algumas coisas, se parece com você.

Haviam recommçado a caminhada. Sara, que ia grudada na grade, olhava de passagem as folhagens do Central Park, que injetavam em sua imaginação um fluxo hipnotizante.

– Aliás – disse Miss Lunatic. Sua avó deve estar preocupada.

– Não. Eu já disse que telefonei antes de sair e avisei que ia demorar um pouco porque queria dar uma volta pelo Central Park. Ela gosta muito desta zona; disse que era uma sorte, e que eu prestasse atenção em tudo para contar depois. Vai esperar-me acordada, porque está lendo um romance policial muito interessante. Ela não tem nem um pinga de medo dos parques, vai muito ao de Morningside, e olha que dizem que é perigoso. Por falar nisso, você sabe se prenderam o vampiro do Bronx?

– Até ontem, pelo menos, não. Esqueci de perguntar ao senhor O'Connor... Mas escuta, Sara, agora estou pensando, e se a senhora Taylor voltar?

– Tudo bem. Deixei um bilhete dizendo que minha avó veio me buscar e que eu vou dormir em sua casa. Vai demorar, porque foram ao cinema e Rod foi dormir na casa de uns primos. Se telefonar para Morningside, por medo de que eu esteja mentindo, ela sempre pensa que digo mentiras, a vovó, que está do meu lado, dirá o mesmo. Sei que ela não vai gostar, mas não tem importância; ela não é nada minha. E, além do mais, é uma cafona.

– Estratégia perfeita – sorriu Miss Lunatic.

– Sim – disse Sara quando crescer, eu quero escrever romances de

mistério. Esta noite estou me inspirando muitíssimo.

Caminharam outra vez em silêncio. Os poucos transeuntes que cruzavam com elas na calçada levavam um cachorro preso numa coleira ou faziam *cooper* com seu *jogging* e uma fita elástica na testa segurando o cabelo.

– Escute, madame Bartholdi.

– Diga, encanto.

– Como é que você faz para sair da estátua e chegar a Manhattan sem que ninguém a veja?

O carrinho que as separava deteve-se bruscamente. Miss Lunatic olhou ao redor. Não vinha ninguém.

– É um segredo – disse. – Nunca contei a ninguém.

– Mas você vai contar para mim, não é verdade? – perguntou Sara, completamente segura de que a resposta seria afirmativa.

Miss Lunatic estendeu o braço direito e sua mão e a de Sara se apertaram silenciosamente por cima da cesta que continha a torta de morango.

– Eu juro que, aconteça o que acontecer, mesmo que me matem, não vou contar a ninguém, nunca, nem à minha avó..., nem sequer a meu namorado, quando me apaixonar.

– A um namorado nunca, pelo amor de Deus, filha, os homens são muito linguarudos.

– Bem, então, a ninguém. Você tem um alfinete? Agora mesmo digo para o que é, você vai ver.

– Bem, menos mal que estou me divertindo com alguém – disse Miss Lunatic, enquanto procurava um alfinete na algibeira. – Passo a vida fazendo surpresas para os outros. Acaba cansando. Toma, aqui está.

Havia tirado um de tamanho médio e entregou-o a Sara, que o abriu e o espetou decidida na ponta do dedo indicador. Logo, brotou sangue.

– Agora você – disse, devolvendo-o a Miss Lunatic.

– De mim já não sai mais sangue, nem dos dedos nem da própria jugular. Deixe que eu me concentre.

Suspendeu a mão esquerda por cima do carrinho, e Sara viu que ela

perdia seu tremor e desapareciam os nós que deformavam aqueles velhos dedos. Imediatamente, a mão direita, igualmente rejuvenescida, apareceu brandindo o alfinete de fraldas, que se cravou no dedo da outra.

– Depressa! Agora não perca tempo me olhando – disse a voz Bartholdi, que Sara já havia escutado no café das patinadoras.

A menina obedeceu e dedicou-se à tarefa de apertar fortemente a ponta do próprio dedo contra a daquele outro suave, branquíssimo e arrematado por uma unha primorosa. Foi questão de instantes. Os sangues misturaram-se, e uma gota manchou o guardanapo xadrez que cobria a torta.

– Aquele a quem contas teu segredo, entregas tua liberdade, nunca esqueças, Sara. E agora vamos, filha, que aqui, paradas, faz muito frio.

Porém, a voz que pronunciou aquelas palavras já não era a da musa do escultor Bartholdi. Tampouco a mão inchada pelo reumatismo, que voltou a empunhar o cabo do carrinho, parecia-se com a que acabava de doar seu sangue.

Retomaram a rota. Mas Sara, muito discretamente, absteve-se de fazer comentários. Além do mais, estava muito absorta ruminando aquela espécie de adivinhação sobre a Liberdade e os segredos. Queria dizer que a estátua, mediante aquele pacto de sangue, estava transferindo a ela os atributos da Liberdade. Precisava clarear suas ideias antes de escutar qualquer outra coisa.

– Escute, madame Bartholdi.

– Diga, linda.

– Você leu *Alice no País das Maravilhas*?

– Claro que sim, muitas vezes. Foi escrito vinte anos antes de trazerem a estátua a Manhattan, 1885. Mas isso não importa, as datas me deixam deprimida... Por que a pergunta?

– É que estava me lembrando de quando a duquesa diz a Alice que de toda história se pode tirar uma moral. Depois ela inventa uma moral da história que é uma verdadeira adivinhação. Você lembra?

– Sim – disse Miss Lunatic, apressando o passo -, é no capítulo nove, a história da tartaruga falsa: “Nunca imagine ser diferente daquilo que você pudesse parecer aos outros ou aquilo que para os outros tenha parecido que você fosse, se lhes tivesse parecido que você não era o que era.”

– Isso mesmo, que boa memória você tem! Mas eu estava pensando na resposta de Alice: “Acho que eu compreenderia isso melhor – disse Alice com muita delicadeza – se estivesse escrito, mas dito assim não posso seguir o fio.” Comigo acontece a mesma coisa, madame Bartholdi.

Miss Lunatic começou a rir.

– Mas você não pretende que eu escreva tudo o que vou dizendo para que você vá anotando. Não chegaríamos nunca ao portão do Central Park. Além do mais, tenho o saudável hábito de esquecer o que digo.

– Eu, em troca, não perco uma palavra.

– Pois isso é suficiente. Sabemos que você é esperta, vai compreender tudo no seu devido tempo. Continuemos. Onde estávamos?

– Acho que você ia contar como faz para sair da estátua.

– Ah, sim... Foi resolvido de uma maneira bastante engenhosa. Tenho uma passagem secreta por debaixo da água.

– Como a do metrô? – perguntou Sara, fascinada.

– Parecida, porém mais estreita, é claro. Entra meu corpo com uma pequena folga de quinze centímetros de cada lado. E o trajeto é mais curto. Liga exatamente a base da estátua com Battery Park; sabe onde é, não sabe?

– Battery Park? Sim – disse a menina -, na parte de baixo do pernil, no encontro do Hudson com o East River. Mas você entra de cabeça? E como você anda? Você esbarra nas paredes? E por onde você sai? Posso tomar nota agora?

– Espere, coisa por coisa. Pegue o mapa. Vou mostrar o ponto exato de onde saio e volto a entrar. Se bem que não sei se vamos poder ver bem.

Pararam debaixo do sinal, e Sara estendeu o mapa sobre o carrinho. Miss Lunatic dobrou-o pela metade. Depois fez menção de procurar alguma coisa no seu bolso. Mas desistiu com um gesto de aborrecimento.

– Ora! Esqueci de colocar pilhas na lanterna, acabaram-se ontem à noite.

– Eu tenho uma pequena – disse Sara, muito contente por solucionar o problema. – Está na bolsa junto com o dinheiro.

– Dá gosto, filha! Pode-se ir com você a qualquer lugar.

À luz da lanterna de Sara, Miss Lunatic foi marcando com o dedo o itinerário da sua passagem subaquática desde a ilhazinha da Liberdade até um

lugar de Battery Park, no limite de City Hall, o bairro dos financistas. Para Sara, que acabava de ler por aqueles dias *A ilha do tesouro*, as explicações tão detalhadas e concretas de Miss Lunatic pareciam um informe secreto, uma confissão deliberada, como se estivessem dizendo que ela mesma teria que, em breve, servir-se daqueles dados.

– Atenção, observe bem. Está vendo aí uma cruz pequena? É a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Agora atravesse esta risca marrom e você chega a Battery Park. Está vendo a estação terminal do *ferry* na ilha? Então, justamente entre a igreja e o terminal do *ferry*, você verá uma boca de esgoto pintada de vermelho com um poste pequeno ao lado.

Sara, que forçava a vista à luz da lanterninha, levantou a cabeça.

– Mas isso não está no mapa.

– Não, claro – respondeu Miss Lunatic –, no mapa, não. Não me interrompa. Perto da base do poste tem uma ranhura por onde se introduz uma moeda. Toma. Guarda com você. Está vendo? Eu também levo o dinheiro numa bolsa.

Sara pegou, com gesto incrédulo, a moeda de tons esverdeados que lhe dava Miss Lunatic e examinou-a à luz da lanterninha. Eram coisas demais. Não estaria sonhando?

– Para que você me dá esta moeda? – perguntou, emocionada.

– O que você acha?

– Eu acho que é pra poder ver você de novo, quando eu quiser.

– Você é rápida como um raio. Sua avó tem razão. Pois já te digo, mete-a na ranhura e a tampa do esgoto cede devagar; só abre com este tipo de moeda, é um sistema parecido com o do metrô, se bem que as fichas são mais feias...

– Bom – disse Sara –, abre-se a tampa, aparece o túnel e aí? Alguma cadeira?

– Não. É muito mais agradável. Você diz uma palavra de que goste muito, coloca as duas mãos adiante, como se fosse mergulhar na piscina, e não há tempo para fazer mais nada. Em seguida estabelece-se uma corrente de ar morno que te pega e te leva por dentro do túnel, voando, sem esbarrar nas paredes nem nada. É muito gostoso.

– E depois?

– Uma breve parada na base da estátua e diz-se outra vez a palavra mágica. Então você ascende, em poucos segundos, até o cume da estátua e, se quiser, pode sair para a varanda que há na coroa. De noite é muito bonito, porque não há turistas e pode-se ver brilhar, do outro lado do rio, todas as luzes de Manhattan. Para voltar, a mesma coisa. Também junto ao esgoto que dá para o interior da estátua você verá um poste vermelho com ranhura. A mesma moeda serve. Quando se abre a tampa, você pode pegá-la, sai automaticamente. Não vai se esquecer de nada?

– Não posso prometer – disse Sara, com gesto preocupado.

Andaram um tempo em silêncio. Podia-se ver perto as luzes de Columbus Circle, diante da principal porta de acesso ao Central Park. A cabeça de Sara zumbia como se, dentro, houvesse um enxame de abelhas. Miss Lunatic havia dito, no café das patinadoras, que se despediriam quando chegassem a essa porta. Não sabia que pergunta fazer primeiro entre as muitíssimas que se atropelavam pedindo para sair.

– Escuta, madame Bartholdi.

– Fala, encanto.

– Onde você deixa o carrinho?

– Excelente pergunta! – exclamou, rindo. – Acho que, efetivamente, você pode chegar a escrever romances policiais bastante interessantes. Existe uma casinha de madeira, como de cachorro, bem em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, atrás de uma árvore. Eu tenho a chave. Exatamente por essa casinha, que está pintada de cinza, você pode guiar-se para encontrar a tampa do esgoto. São cinquenta passos em direção ao oeste. Já vi que você tem uma bússola. Alguma outra pergunta?

– Oh, sim, muitas! – disse Sara. – Todas as perguntas do mundo. Mas não sei por onde começar. Minha cabeça vai estourar. Não há tempo.

– Pois, olha, não, a cabeça não vai estourar. E tempo, há; é o único que há. Fique quieta um pouquinho e pense. Ou melhor, não pense em nada. É o que mais descansa.

– Mas me dê sua mão – disse a menina.

– Claro.

Miss Lunatic trocou o carrinho de lado e pôs-se a empurrá-lo, sozinha, com a mão direita, enquanto dava a esquerda a Sara. Começou a cantarolar uma canção que dizia:

“Prazer de amor
só dura um breve momento.
Tristezas de amor
duram toda uma vida...”

Era uma melodia tão doce que Sara, apertando com uma das mãos a mão de Miss Lunatic e, com a outra, sentindo o toque da moeda, aspirou o frio da noite, olhou as luzes dos arranha-céus que rodeavam a escura torta de espinafre, e as lágrimas resvalaram como chuva refrescante por suas bochechas. E entendeu que jamais se esqueceria daquela mistura de dor e alegria.

Despediram-se à porta do Central Park. Miss Lunatic achava que já era tarde demais para o encontro que tinha com um senhor mas, de qualquer forma, havia muitos outros assuntos imprevistos em Manhattan que requeriam sua atenção.

E, além disso, era preciso que ela, Sara, ficasse sozinha, para conhecer a atração do impulso, a alegria da decisão e o temor do acontecimento. Vencendo o medo do que ainda restava, conquistaria a Liberdade.

Aconselhou-a a dar um passeiozinho solitário pelo Central Park, antes de dirigir-se à casa da avó. Não era esse o seu plano? E, depois, pensava-se melhor nos bosques.

– Não quero que você vá embora, madame Bartholdi. O que vou fazer sem você? Fico perdida como num labirinto.

– Tente encontrar o seu caminho no labirinto – disse-lhe. – Quem não ama a vida não o encontra. Mas você ama muito a vida. Além do mais, mesmo que você não me veja, eu não irei, estarei sempre ao seu lado. Não chore. Qualquer situação pode mudar de um minuto para o outro. Essa é a vida.

Sara esticou-se para beijá-la. Não pôde evitar o pranto.

– E não se esqueça de uma coisa – disse Miss Lunatic. – Nunca olhe para trás. Em tudo pode haver uma aventura. Mas, diante da ânsia pela nova aventura, existe um medo de abandonar a anterior. Faça frente a esse medo.

– Não diga mais nada, madame Bartholdi, porque me rompe o coração. Não poderei lembrar-me de tudo.

– Bem, tinha uma frase muito bonita pra despedir-me. Porém, levo-a escrita, porque é como uma oração. Então pegue este papel e, para que não te perturbe agora, leve para ler à noite quando você estiver na cama.

– Obrigada, tenho alimento para não sei quantos dias. Para a vida toda... – disse a menina, engolindo as lágrimas. – Se você soubesse como te amo!

– Eu também. Desde que te vi, te amei; e vou continuar amando sempre. Adeus. Vá dar um passeio pelo bosque, anda. E que Deus te abençoe Sara Allen.

Sara tirou a bolsinha de cetim e guardou nela a moeda, a lanterna e o papelzinho dobrado que Miss Lunatic tinha acabado de lhe dar. Depois, correu em direção à grande porta de ferro fundido que dá acesso ao Central Park. Quando estava a ponto de atravessá-la, ouviu às suas costas uma voz que dizia: – Volta, Sara! Toma! Você está esquecendo a cesta!



Chapeuzinho no Central Park

S ara encontrou-se sozinha numa alameda de árvores do Central Park; já estava andando há muito tempo, distraída, sem parar de pensar, tinha perdido a noção do tempo e estava cansada. Viu um banco e sentou-se nele, deixando ao lado a cesta com a torta. Mesmo não passando ninguém e estando bastante escuro, não tinha medo, mas sim muita emoção. E uma leve sensação de tontura gostosa, como quando começou a levantar-se da cama depois daquelas estranhas febres de sua primeira infância. O encontro com Miss Lunatic deixou em sua alma um rastro de irrealidade parecido ao que experimentou ao curar-se daquelas febres ao lembrar-se de que jamais conheceria Aurélio. Mas não, não era igual, porque não só havia conhecido Miss Lunatic como também reconhecido, por baixo de seu disfarce de mendiga, a Liberdade em pessoa. E compartilhava com ela esse grande segredo que as unia. “A quem dizes teu segredo, entregas tua liberdade.” Que frases bonitas sabia! Havia dito estas frases de verdade? Havia visto, de verdade, quando suas mãos, seu rosto e sua voz mudaram? Ou havia sido um sonho? Tudo o que acontecia com Alice era mentira. Mas onde estava o limite que separa a verdade da mentira?

Tirou a bolsinha do peito e acariciou a moeda esverdeada. Não, não era mentira. E, além do mais, outras aventuras a esperavam. Miss Lunatic havia dito: “Nunca olhe para trás”; pretendia obedecê-la, ter sempre a vista fixa no caminho, sem perder nenhum detalhe.

Estava tão absorta em suas lembranças e sonhos que, quando ouviu passos entre as árvores, às suas costas, pensou que seria o ruído do vento sobre as folhas ou a corrida de algum esquilo, algum dos muitos que havia

visto desde que entrou no parque.

Por isso, quando descobriu os sapatos negros de um homem que estava de pé, plantado diante dela, assustou-se um pouco. Afinal, o vampiro do Bronx estava solto ainda, a própria Miss Lunatic havia confirmado. E, quem sabe, chateado de não encontrar vítimas em Morningside, bem podia ter transferido seu campo de operações para este outro bairro.

Mas, ao levantar os olhos, seus temores dissiparam-se em parte. Era um senhor bem vestido, de chapéu cinza e luvas de pelica, sem nenhum jeito de assassino. Claro que no cinema estes, às vezes, são os piores. E, além disso, não dizia nada, não se movia. Somente as suas narinas dilatavam-se, farejando algo, o que lhe dava um aspecto de animal à espreita. Porém, o olhar era de confiança; evidentemente de um homem solitário e triste. Logo sorriu. E Sara devolveu-lhe o sorriso.

– O que você faz aqui tão sozinha, menina bonita? – perguntou, cortesmente. – Espera alguém?

– Não, ninguém. Simplesmente estava pensando.

– Que coincidência – disse ele. – Ontem, mais ou menos por estas horas, encontrei uma pessoa aqui que me respondeu, a mesma coisa. Não é estranho?

– Não acho. As pessoas costumam pensar muito. E quando estão sozinhas, ainda mais.

– Você vive neste bairro? – perguntou o homem, enquanto tirava as luvas.

– Não, não tenho essa sorte. Minha avó diz que é o melhor bairro de Manhattan. Ela vive ao norte, em Morningside. Vou vê-la agora e levar-lhe uma torta de morango que minha mãe fez.

De repente, a imagem de sua avó, esperando por ela, talvez com alguma coisa de comer preparada, enquanto lia um romance policial, pareceu-lhe tão grata e acolhedora que se pôs de pé. Tinha muitas coisas para lhe contar. Falariam até caírem no sono, sem olhar o relógio. Ia ser tão divertido! Sobre a transformação de Miss Lunatic em madame Bartholdi não podia falar, porque era um segredo. Mas com tudo o que aconteceu já havia material para uma conversa bem comprida.

Dispunha-se a pegar a cestinha, quando notou que aquele senhor adiantava-se para fazê-lo, esticando uma mão com um grosso anel de ouro no dedo indicador. Olhou-o; tinha aproximado a cesta de seu rosto afilado, rodeado de um cabelo avermelhado que aparecia por debaixo do chapéu; estava cheirando a torta e seus olhos brilhavam com ares de vitória.

– Torta de morango? Bem que eu senti um cheiro de torta de morango. Está aqui dentro, não é verdade, querida menina?

Era uma voz tão suplicante e ansiosa que Sara teve pena, e pensou que talvez tivesse fome, apesar de seu aspecto digno, distinto. Em Manhattan acontecem coisas tão estranhas!

– Está aqui dentro. O senhor quer provar? Foi minha mãe quem fez e está muito boa.

– Oh, sim, provar! Gostaria muitíssimo de prová-la. Mas o que dirá sua avó?

– Não creio que se importe muito – disse Sara, voltando a sentar-se no banco e retirando o guardanapo xadrez. – Direi que encontrei... bem, o lobo - acrescentou, rindo -, e que ele tinha muita fome.

Desembrulhou a torta, tirou o papel de alumínio, e, na verdade, o cheiro que exalava era excelente.

– Não seria mentira – disse o homem, porque me chamo Edgar Woolf. E quanto à fome... oh, Deus, é muito mais que fome! É êxtase, querida menina, poderei prová-la! Que impaciência!

Tirou o chapéu, caiu de joelhos e olhava extasiado o doce, aspirando seus eflúvios com frenesi. A verdade é que sua atitude começava a parecer um pouco inquietante. Mas Sara lembrou-se das recomendações de Miss Lunatic e decidiu que não teria medo.

– Teria um canivete, Mister Woolf? – perguntou, com total serenidade. – E, se o senhor não se importa, peço que não meta tanto o nariz na torta. Por que não se sinta tranquilamente aqui comigo?

Mister Woolf obedeceu em silêncio, mas suas mãos tremiam ao tirar um canivete de nácar que, junto com um molho de chaves, levava enganchado no final de uma grossa corrente. Partiu um pedaço com pulso inseguro. E, procurando controlar-se e antepor a educação à gula, ofereceu à menina com

gesto delicado.

– Toma, você também vai querer. Que tal este piquenique improvisado no Central Park? Posso pedir ao meu motorista que traga umas coca colas.

– Agradeço, Mister Woolf, mas já estou um pouco enjoada de torta de morango. Minha avó também. É que minha mãe faz esta torta muitas vezes. Vezes demais!

– E sempre sai tão boa? – perguntou Mister Woolf, que, já sem mais cuidados, havia engolido todo o primeiro pedaço de torta e o estava saboreando com os olhos revirados.

– Sempre – assegurou Sara. – É uma receita que não falha.

Então ocorreu algo inesperado. Mister Woolf, sem deixar de mastigar e lambe os lábios, voltou a cair de joelhos, mas desta vez diante de Sara. Afundou a cabeça em seu colo e exclamava implorante, fora de si...

-A receita! A autêntica! A genuína! Preciso desta receita! Oh, por favor! Peça o que quiser, o que quiser em troca. Você tem que me ajudar! Você vai me ajudar, não é verdade?

Sara, pouco acostumada a que alguém precisasse de alguma coisa dela e menos ainda, tão apaixonadamente, experimentou, pela primeira vez em sua vida, o que é sentir-se numa situação de superioridade. Mas esse sentimento foi imediatamente abafado por outro muito mais forte: uma espécie de piedade; desejo de consolar aquela pessoa que estava passando por um mau momento. Sem notar, começou a acariciar seu cabelo como se fosse um menino. Estava muito limpo, suave ao tato e, na penumbra, emitia uns reflexos acobreados muito peculiares. Mister Woolf acalmou-se e sua respiração entrecortada por suspiros voltou-se mais compassada.

– Vamos, por favor, Mister Woolf, por que chora? Já, já, tudo se ajeita.

– Como você é boa! Choro por isso, por você ser tão boa! É verdade que vai ajudar-me, não é?

Sara desconfiou um pouco. Voltou a se lembrar vagamente do vampiro do Bronx. Tampouco era conveniente deixar-se iludir, sem antes colocar as coisas claras.

– Não posso prometer nada, Mister Woolf – disse -, até que eu entenda melhor o que me pede, saber se posso atendê-lo... e, claro, também ver quais

seriam as vantagens para mim.

-Vantagens, todas! – exclamou ele, prontamente. – Peça-me o que quiser! Por mais impossível que pareça ser! O que quiser!

– O que quiser? O senhor é um mágico? – perguntou Sara, com os olhos arregalados.

Mister Woolf sorriu. Quando sorria, parecia mais jovem e mais bonito.

– Não, filhinha. Adoro sua ingenuidade. Não sou mais que um reles empresário, mas, isso sim, imensamente rico. Olha, está vendo aquele terraço com frutas coloridas que se acendem?

Sara subiu no banco de pedra e seus olhos seguiram a direção que o indicador com anel de ouro de Mister Woolf apontava. Entre todos os anúncios luminosos que arrematavam os altos edifícios próximos ao parque, aquele era o que mais chamava a atenção. Justamente no momento que Sara avistou-o, estava produzindo-se o estalido final, e um repuxo fantástico de pepitas de ouro elevava-se ao céu do interior das frutas.

– Oh, que maravilha! – exclamou Sara.

Mister Woolf rodeou delicadamente sua cintura e ajudou-a a descer do banco.

– Como se chama, belezinha? – perguntou em tom tranquilo e protetor.

– Sara Allen, senhor, às suas ordens.

– Pois esse edifício é meu, Sara – disse Mister Woolf.

– De verdade, é seu? O das frutinhas de luz? Por dentro também?

– Por dentro também.

– Está rindo de quê?

Mister Woolf, com efeito, sorria divertido e satisfeito olhando a menina.

– De alegria! Fico contente que você goste tanto.

Os olhos de Sara brilhavam de entusiasmo.

– Como não vou gostar? Minha avó ficaria encantada. Estou me lembrando dela. Já sei o que vou pedir. Posso pedir que deixe minha avó vir aqui amanhã para ver? Digo também por dentro, que possa ir até o terraço e talvez tomar um drinque... Bem, não sei se é pedir muito. Mas isso a faria completamente feliz. É possível?

– Naturalmente, por favor, eu mandarei buscá-la. Mas isso é muito

pouco em relação ao que vou pedir em troca. Isso é ridículo. Peça outra coisa. Algo para você, que você deseje muito. Você terá algum desejo insatisfeito, imagino.

Sara ficou pensativa. Mister Woolf olhava-a com curiosidade e extasiado.

– Não me apresse, por favor! – disse ela – porque assim não posso concentrar-me. E não ria de mim. Necessito um tempinho para pensar.

– Rio porque você é muito engraçada. E quem está com pressa, menina? Pense o tempo que quiser.

E Edgar Woolf notava, com efeito, que aquela sensação de pressa permanente que lhe dava voltas por dentro havia desaparecido, substituída por uma estranha e gostosa calma.

Enquanto Sara passeava diante dele com as mãos para trás e os olhos fechados, ele, sentado no banco, cortou outra fatia fina de torta e degustou-a mais devagar. Não, desta vez não estava enganado. Era a definitiva. Mas o curioso é que estava desfrutando do fato de comê-la e de estar no parque com esta menina. Lembrou-se de que ali, naquela mesma alameda do bosque, havia encontrado no dia anterior aquela estranha mendiga de cabelo branco que lhe havia falado sobre o poder do maravilhoso. De repente lembrou-se com toda a clareza de suas palavras, e sentiu um calafrio nas costas.

As pessoas que têm medo do maravilhoso veem-se continuamente em becos sem saída, Mister Woolf – havia dito. Quem pretende negar o inexplicável não consegue compreender nada. A realidade é um poço de enigmas. Se não é, pergunte aos sábios.”

Fechou os olhos. Estranhava que se lembrasse com tantos detalhes. Fazia muito tempo, talvez desde sua juventude, que não experimentava o prazer de repassar uma ideia com os olhos fechados. E, ao abri-los, viu os sapatinhos vermelhos de Sara Allen embutidos em suas meias brancas e com aquele botão redondinho na presilha. Estava parada diante dele. Olhou-a com carinho, sorrindo. Greg Monroe tinha razão: por culpa dos negócios havia negado a si mesmo muitas satisfações. Ter um neto devia ser uma coisa muito bonita.

– Achei que o senhor estava passando mal ou algo assim – disse ela, com voz preocupada.

– Não, simplesmente estava pensando, como você antes.

– Devia ser em coisas boas.

– Sim, muito boas. E você, pensou no que vai me pedir?

Sara, que havia refrescado dentro da sua memória todas as imagens contempladas aquela noite, havia chegado à conclusão de que a mais impressionante era a da perna comprida de mulher com sapato de cristal aparecendo pela porta de uma carro luxuoso. Então gritou triunfante!

– Sim! Pensei! Quero chegar à casa da minha avó de limusine. Com motorista.

– Está feito!

Sara, num movimento espontâneo, abraçou Mister Woolf, que continuava sentado no banco e deu-lhe um beijo na fronte. Ele ficou um pouco corado.

– Está bem, espere, não fique tão alvoroçada. Eu ainda não lhe disse o que vou pedir em troca.

Foi como uma ducha fria para Sara. Que poderia dar de presente a este homem tão rico, que tinha de tudo? Certamente ficaria sem seu passeio de limusine. Por isso uma onda de alegria invadiu seu rosto quando ouviu a pergunta:

– Você saberia dar-me a receita desta esplêndida torta?

– Claro! É só isso? Eu não sei fazer a torta de morango, isso não, mas sei onde está guardada a receita verdadeira. Na casa da minha avó, em Morningside.

– E ela vai querer me dar?

– Com certeza, é muito simpática. Ainda mais se você disser que vai convidá-la a visitar seu apartamento. Bem, perdoe que o chame de você, rico como você é.

– Não tem nenhuma importância, eu gosto. Além do mais, fizemos um pacto.

Sara quase disse que era o segundo que fazia naquela noite, mas conteve-se a tempo. Era um segredo. De todo jeito, ficou um pouco absorta,

pensando que a receita também era um segredo, com lacre e tudo. Mas era um segredo tão bobo!

– Em que está pensando? – perguntou Mister Woolf.

– Em nada. Não tem problema. Eu acho que você convence a minha avó. Você gosta de dançar?

Mister Woolf olhou-a, desconcertado.

– Faz tanto tempo que não danço, se bem que o tango eu danço bem.

– É um pequeno inconveniente – disse Sara. – Minha avó adora dançar. Foi uma artista muito conhecida. Chamava-se Glória Star.

– Glória Star! – exclamou Mister Woolf, olhando o vazio com olhos sonhadores. “Quem pretender negar o inexplicável não poderá compreender nada!” Que grande verdade!

– Não entendi bem. Você a conhece? – perguntou Sara, olhando-o com curiosidade.

– Ouvi-a cantar várias vezes quando eu era quase um menino e vivia na rua 14. Parece um sonho. Sua avó era uma mulher extraordinária.

– Continua sendo – afirmou Sara. – E, além disso, vai lhe dar a receita da torta de morango. Não esqueça.

– De acordo. Morro de impaciência. Vamos, Sara. Temos que ir para a casa de sua avó imediatamente, cada um em uma limusine, já que você gosta de andar sozinha, como disse.

E, levantando-se agilmente do banco em que estava sentado, pôs o chapéu e segurou Sara pela mão.

– Mas como? Você tem duas limusines? – perguntou Sara quando começaram a andar.

– Não, tenho três.

– Três? Então... você é riquíssimo! E cada uma com um motorista?

– Sim, cada uma com um motorista. Mas anda mais depressa, filha. Deixa que eu levo a cesta. Quando eu disser a Greg Monroe que conheci Glória Star... não vai acreditar. E, ainda por cima, por causa da torta de morango – acrescentou, rindo. – Dirá que são fantasias, delírios...

– Quem é Greg Monroe?

Suas vozes e silhuetas foram desaparecendo a caminho da saída do

parque. De vez em quando, Mister Woolf inclinava-se até a menina e escutava-se, na escuridão das folhagens, o eco de seus risos, interrompido de vez em quando pela corrida de algum esquilo noturno. O frio havia suavizado muito.

O Rei das Tortas e Sara Allen, vistos de costas e de mãos dadas, à medida que iam desaparecendo, formavam uma dupla atraente e peculiar.

Mister Clinton morreria de inveja.



Os sonhos de Peter. A passagem subaquática de Madame Bartholdi

No estacionamento particular do Rei das Tortas, despediram-se com um jovial: “Até logo!” Edgar Woolf havia cedido a Sara a mais luxuosa de suas três limusines, a que era conduzida por Peter, seu motorista predileto, não sem antes chamá-lo para fazer algumas advertências que lhe pareciam importantes. Em primeiro lugar, era conveniente que desse um passeio com a menina por Manhattan, procurando alongá-lo com algumas voltas, porque, mesmo indo para o mesmo lugar, ele tinha interesse em chegar antes. Por outro lado, pedia que cuidasse daquela menina como se fosse a menina de seus olhos, protegendo-a de toda classe de perigos, mas sem negar-lhe nenhum capricho. Peter ficou pensativo.

– Esses dois extremos são difíceis de harmonizar, senhor. Perdão por dizer. Porque as crianças costumam gostar exatamente do mais que é perigoso.

Mister Woolf, atento às evoluções de Sara pelo “estacionamento”, enquanto ele falava com Peter, olhou-o, surpreso.

– Ah, sim? Não sabia!

– Pois com todo meu respeito, senhor, deveria saber. Além do mais, ela parece rebelde. Olhe para ela agora mesmo. Está, se não me engano, remexendo no extintor de incêndio.

– Estou vendo, Peter – comentou, sorridente, seu patrão -, que escolhi muito bem o guia de minha nova amiga. Como é que você sabe tanto sobre

crianças?

– Muito fácil. Tenho quatro, senhor.

– Ah? Tem quatro filhos? – perguntou Mister Woolf, surpreso.

E de repente sentiu-se um pouco envergonhado. Apesar de tão contente, como costumava dizer, com os serviços do fiel Peter, aquela era a primeira vez em sete anos que conhecia algum detalhe de sua vida particular. Este era o tipo de falha humana pela qual era repreendido pelo velho Greg Monroe. E deu-lhe razão. Mas agora não queria pensar nisso.

Quando já havia deixado Sara confortavelmente instalada no banco traseiro de sua limusine número um, e ele estava entrando na número dois, Robert, o motorista, que mantinha aberta a porta, avisou-lhe:

– Mister Woolf, parece que a senhorita que Peter acompanha quer dizer-lhe algo.

Sara, efetivamente, havia baixado a janela e mostrava no rosto emoção e alegria, ao mesmo tempo que lhe fazia sinais para que se aproximasse. Ele apressou-se em atender a menina.

– Esqueci de dizer uma coisa muito importante -disse ela abaixe para poder ouvir melhor. Se chegar antes de mim, pode ser que a vovó não se lembre de onde está guardada a receita. Ela é um pouco desligada. Diga que noutro dia eu vi na gaveta de cima da secretária.

– De acordo. O pior é que ela pode não abrir a porta. Talvez não confie em mim.

– Claro que sim!, se fosse a mamãe... mas ela nunca tem medo, até ao parque Morningside ela vai! Ah, e diz que eu vou chegar em seguida. Tem o endereço certo?

– Sim, linda, não se preocupe – disse Mister Woolf, dando sinais visíveis de impaciência. – O endereço e o telefone. Você está bem aí?

– Muito bem! Mal posso acreditar, e que macio que é...! e tantos botões. Posso abrir o bar?

– Sim, filha, pode fazer o que quiser. E, se tiver alguma dúvida, fale com Peter por esse telefoninho.

– Que maravilha! Então, até logo, Doce Lobo.

– Até logo, Sara – disse Mister Woolf, dando-lhe um beijo e sorrindo. –

Cruzando Manhattan! Divirta-se!

– O mesmo digo eu!

Edgar Woolf meteu-se em sua limusine, afundou-se no assento e pôs-se a pensar no que havia dito Miss Lunatic sobre os milagres. Quando ele tinha dezesseis anos, enamorou-se de uma moça ruiva, maravilhosa e inalcançável. Seria uns oito anos mais velha que ele. Era doce, sensual e atrevida. E, apesar de jamais ter trocado uma palavra com ela, por culpa de sua timidez, durante três cursos foi incapaz de concentrar-se nos estudos e gastou todas as suas economias para ir vê-la cantar nos lugares mais inverossímeis. Depois, perdeu completamente sua pista.

Mas ainda guardava um cravo seco que uma vez ela tirou do peito, beijou e depois jogou para ele, aquele adolescente desmazelado, filho de um modesto confeitiro da rua 14. Talvez o conhecesse de vista e percebesse o muito que ele a amava de longe. Acabava de cantar *Amado mio*, a canção que celebrizou Rita Hayworth em *Gilda*. E, enquanto cantava, sorriu-lhe duas vezes. Depois tirou o cravo do decote e beijou-o antes de atirá-lo para o público. E ele o havia recolhido em suas mãos e o havia beijado também. Depois, olharam-se. Os olhos verdes dela atingiram-no, sérios e risonhos ao mesmo tempo. O vestido que usava também era verde. Foi numa noite de março num *music-hall* pequeno da rua 47 que chamava-se *Song* e que já não existia. Apesar do tempo decorrido, Edgar Woolf jamais esqueceu aquela noite em que seu olhar cruzou tão intensamente com o de Glória Star.

– Onde vamos, senhor? – perguntou Robert, através do interfone interior da limusine. – Digo porque com as festas, a essas horas, é preciso evitar as ruas de maior tráfego.

Edgar Woolf olhou através da janela e percebeu, como entre sonhos, que já estavam na Quinta Avenida.

– A Morningside pelo caminho mais curto! -ordenou a Robert.

Depois acendeu a luz do pequeno bar, e serviu-se de um *whisky* com gelo.

Peter conduzia Quinta Avenida abaixo, com gestos concentrados e ausentes, atento para evitar o roçar das motos contra a carroceria impecável da limusine, e ao mesmo tempo tratando de passar entre dois veículos para

adiantar-se a eles. Às vezes explorava, através da janela, a possibilidade de ziguezaguear até as ruas laterais, burlando um aviso que proibia a passagem por aquele lugar.

O hábito de acompanhar Mister Woolf em suas excursões de pesquisas doces por diferentes bairros de Manhattan havia acrescentado à sua perícia de condutor uma rapidez de reflexos e uma astúcia mais digna de um fugitivo da lei de que de um motorista elegante e impassível. Sua perfeita sincronização com aquele obediente e ágil volante prateado havia chegado a um ponto em que o considerava mais que um aliado, um prolongação de sua pele e de seus desejos. O ruim é que o dono da limusine nunca elogiava suas proezas; e mais, parecia que nem percebia o trabalho que dava realizá-las. Porque era bem difícil parar onde ele mandava, às vezes repentinamente, e estar esperando em frente à porta por onde ele se metesse, sem ter a menor ideia se ia demorar muito ou pouco; afinal de contas, uma limusine não é uma bicicleta, ora bolas! Se bem que tinha que reconhecer que o chefe nunca pedia contas do dinheiro que ele entregava para propinas e subornos a porteiros e guardas. Mas, com tudo isso, às vezes seria preferível uma piscadela amistosa, uma palmadinha nas costas e: “não sei como você conseguiu, Peter”, “você é um artista”, “vamos tomar um café nesse bar, Peter”, ou “desta vez, de verdade, hem, achei que essa ambulância nos arrastaria”, dando boas risadas juntos; são coisas que se agradecem.

Viajar com o senhor Woolf por Manhattan, conforme comentava Peter com Rose, sua mulher, era a mesma coisa que levar uma mala no assento traseiro. E ela ria muito porque estava muito enamorada de seu marido. Mas logo se arrependia e repreendia-o por debochar de um chefe tão bom.

O sonho de Peter era protagonizar um filme de perseguição, no qual o automóvel vencedor passa, audazmente, por uma série de obstáculos, salta por cima de policiais boquiabertos, atravessa riachos, desce sem problemas por abruptas ladeiras e deixa às suas costas toda classe de estragos, catástrofes e veículos em chamas. O dele era o que corria maiores riscos.

Havia confessado aquelas fantasias algumas noites a Rose, e ela procurava não alimentá-las, mesmo achando-as engraçadas e fascinantes. Não custava nada sonhar, afinal de contas. “Você daria para roteirista de cinema,

querido” – dizia-lhe algumas vezes -, ou “quem sabe para piloto de guerra.” “Claro, para qualquer coisa que não seja passar as horas mortas num sótão imenso com outros dois caras mortos de tédio como eu, esperando o chefe ordenar alguma coisa, porque já estou até aqui de luz de neon”. Mas, como Rose era sensata e prática, entendia que compadecer-se de seu marido quando se queixava assim equivalia a dar-lhe corda e conduzi-lo a aventuras sem saída. Porque Manhattan é um formigueiro onde transitam milhares de anjos caídos do reino da ilusão; das nuvens do sonho. O mercado de trabalho estava muito ruim, acabara de nascer seu quarto filho; no final do mês ter um salário tão fabuloso como o que Peter recebia de Mister Woolf era para agradecer a Deus. E Rose sabia disso.

Se bem que, quando no final do dia colocava uma fita no vídeo, as que mais a emocionavam eram as que contavam as aventuras daqueles sonhadores caídos na lama com as asas quebradas. Isso é verdade!

Às vésperas do Natal, os carros e ônibus que circulam por Manhattan são forçados a andar a passo de tartaruga. Não há outro remédio. As ruas centrais, que naturalmente são as mais atraentes, convertem-se num formigueiro humano que se move e se empurra pelas esquinas, entre os postos dos vendedores ambulantes, nas paradas de ônibus, nas calçadas de pedestres. E todos esses pedestres, quando fecham as portas de seus escritórios, se somam aos que são vomitados, ininterruptamente, da boca do metrô, e, como nadadores contra a corrente, tentam alcançar as portas dos grandes magazines onde passam a tarde fazendo compras e indo de uma seção a outra em escadas rolantes.

A limusine, ainda que muito devagar, havia deixado para trás a Catedral de São Patrício, o Rockefeller Center com sua pista de patinação, a Biblioteca Nacional... E agora, na altura do Empire State Building, cabia a alternativa de virar em direção à Avenida das Américas para ver as vitrines de Macy’s e seguir descendo até o Village.

Mas dava no mesmo. Peter deu uma olhada para trás e comprovou que a menina vestida de vermelho continuava dormindo. Quem seria aquela menina? Alguma neta do chefe? Pelo que tinha ouvido, Mister Woolf era um solteirão incorrigível. Bom, podia ter tido um deslize de juventude e ser uma

neta bastarda. Ou uma filha, quem sabe; não era tão velho, o chefe, e Rose dizia que tinha boa pinta. “Trate-a como se fosse a menina de seus olhos”, havia ordenado. E também que não lhe negasse nenhum capricho, que desse um bonito passeio, de uma hora, e que depois a levasse a uma casa no bairro de Morningside, no endereço que ele anotou num papel. Ali tinha coelho, era tudo muito estranho. Mas, como Rose lhe dizia: “Não se meta onde não é chamado, Peter, você é um empregado...” E estava obedecendo em tudo. Menos no que se refere aos caprichos. Porque que desejos se pode satisfazer a uma menina que está dormindo há dez minutos? E o caso é que, de início, não parava de fazer-lhe perguntas pelo telefone interno: para que era este botão e o outro, se podia tomar uma coca cola, como se chamava aquela rua, e dizer que aquilo era igual a uma casinha misteriosa, e acender luzes e fechar e abrir cortininhas. Na verdade era muito simpática e muito engraçada. Da idade de Edith, a mais velha de Peter. E tinha a mesma cara de capeta. Notava-se que estava cansadíssima. No final das contas, melhor que não despertasse, mais cômodo para ele. Se bem que, assim, a inutilidade daquela viagem acentuava-se.

Peter pôs-se a se lembrar de sua Edith. Muitas vezes prometeu trazê-la para ver as vitrines da Quinta Avenida e subir até o último andar do Empire. Edith era fascinada por Manhattan, porque eles viviam no Brooklyn, e sempre estava pedindo: “Anda, papai bonito, leva-me a Manhattan, que é lá que acontecem todas as aventuras.” Mas nunca tinha tempo de alimentar os sonhos de sua filha nem de ver os seus. Que porcaria de vida!

E de repente sentiu-se perdido como uma gota de água no mar tempestuoso de Manhattan, caído do reino das fantasias com as asas quebradas; rodando pelas ruas de uniforme emprestado, e levando dentro de um luxuoso carro emprestado uma menina adormecida e vestida de vermelho, uma menina emprestada, que não era sua Edith, mas de quem tinha que cuidar. Tudo estava ao contrário, tudo era um puro absurdo, um puro empréstimo.

Através da janela, via as fachadas dos edifícios enfeitados com gigantescas coroas de azevinho, com laços, com bâmbs, com anjinhos tocando e com papais-noés; escutava um concerto de músicas cruzadas e

estridentes que pareciam vir de todas as partes, da terra e do céu. As vitrines competiam em imaginação e luxo. Diante de algumas, a aglomeração do público era tão grande que a fila dava voltas no quarteirão. Eram as que exibiam figuras em movimento, como atores que levavam a cabo uma função dentro de um minúsculo cenário. Os enfeites em miniatura representavam paisagens nevadas, restaurantes antigos ou interiores de casas ricas. E os bonecos que protagonizavam a cena moviam-se com tanta naturalidade descendo escadas, abrindo embrulhos ou deslizando em trenós, que só faltava começarem a falar.

Sara despertou e esfregou os olhos. Estava sonhando que era pequenininha e que estava dentro do carrinho de Miss Lunatic. Durante uns segundos, o suave balanço da limusine, que acabava de rodear Washington Square para dirigir-se ao sul da rua Lafayette, manteve-a nessa espécie de sono ligeiro que ainda separa o sonhado do real. Mas de repente olhou mais atentamente ao seu redor, endireitou-se e lembrou-se de tudo. Estava na limusine de Mister Woolf. As cortinas de gaze, fechadas, deixavam passar as luzes movediças da rua. Ela mesma tinha fechado as cortinas, para concentrar-se na lembrança de suas aventuras, porque havia chegado à conclusão de que tinha que escolher entre o de fora e o de dentro. Mas agora estava com muita raiva de ter perdido o de fora. Abriu a cortina e tentou descobrir o nome da rua por onde estavam passando. O carro agora circulava com mais fluidez e desafogo. Parecia um bairro muito bonito, mas como se fosse de uma cidade pequena. Viam-se casas baixinhas e as pessoas circulavam num ritmo mais calmo. Não via nenhuma placa com nome de rua. Acendeu a luz, pegou o mapa e estirou-o em cima de uma mesinha que se abria puxando-se uma argola. O motorista tinha lhe explicado, antes que adormecesse. Como se chamava o motorista? Olhou suas costas quadradas embutidas na jaqueta cinza com ombreiras de ouro, as mechas de cabelo louro que saíam por debaixo do boné. Peter! Chamava-se Peter. O que não conseguia lembrar bem é se era simpático ou antipático. Haviam falado pouco, e de coisas sem muita importância. Talvez tenha respondido às suas perguntas já um pouco nervoso. Pegou o interfone.

– Peter...

– Fale, senhorita. Descansou bem?

– Muito bem. Mas você não devia ter deixado que eu dormisse tanto. Quanto tempo dormi?

– Uma meia hora, calculo.

– Mas do Central Park a Morningside não demora tanto num carro tão bom!

Peter achou melhor não responder. Estava acostumado à discrição, e parece que havia entendido que seu chefe não tinha demasiado interesse em que a menina chegasse antes dele a Morningside. Mas, por outro lado, iam à mesma casa! Acabava de dar-se conta. Quem viveria naquela casa? E depois viria Rose com a história de não se meter onde não era chamado. Claro, falar é fácil. E, ainda por cima, a menina já estava bem acordada, pelo espelho retrovisor via-se muito bem em seus olhos a vontade de bombardeá-lo com perguntas. Sorriu suavemente lembrando-se outra vez de Edith.

– Você escutou, Peter? Diga, pelo menos, em que bairro estamos. Eu acho que você errou e que estamos indo na direção sul.

– Você tem muita pressa?

De repente a imaginação de Sara foi assaltada por todas as cenas vividas aquela noite; foi incapaz de calcular se haviam passado horas ou anos. Qual era o sentido de falar de pressa, quando se perdeu a referência do tempo? Miss Lunatic havia-lhe dito que nunca tinha pressa quando havia possibilidade de uma boa conversação. Mas com este Peter não entendia se ele queria conversar ou metê-la em alguma confusão. E, além do mais, a avó estava esperando. Conseguiu ler a placa de uma das ruas, aproveitando uma parada no sinal, e imediatamente consultou o mapa.

– Mas estamos abaixo de Chinatown, Peter!

– É isso mesmo, vejo que se orienta bem, senhorita.

– É que tenho um mapa. E não me chame de senhorita! Meu nome é Sara. Não venha dizer agora que não estamos indo em direção ao sul. Você estava me enganando!

A voz de Peter dulcificou-se. A duras penas conseguia prender o riso.

– Está bem, linda, não te chamarei de senhorita. É que fiquei com pena de acordar você, mas agora mesmo damos a volta. As ruas do centro já

estarão mais vazias.

De repente, os olhos de Sara, que saltavam continuamente do mapa ao que ia vislumbrando pela janela, acenderam-se com um fulgor triunfal:

– Não!! Não dê a volta agora! Este não é o bairro dos financistas?

– Sim, mas a esta hora está muito vazio. Isso é para ser visitado pela manhã, quando o dinheiro corre solto por aqui. O que vejo é que você conhece Manhattan como a palma da mão. Há muitos anos você vive aqui?

– Por desgrça vivo no Brooklyn, meu filho. Está rindo de quê?

– Você me faz lembrar uma filha minha, que também vive no Brooklyn, e também acha isso uma desgrça. Deve ter a sua idade. Mas, com certeza, Sara, ela, se tivesse a sorte de poder dar esse passeio de limusine, não dormiria.

– Não diga! que me dá raiva só de pensar! E como chama sua filha? Se vive no Brooklyn, vai ver que conheço... Mas o que está fazendo? Não faça a volta, Peter, já falei! Estamos perto de Battery Park, não é mesmo?

– Sim, muito perto.

– Então leve-me lá, por tudo o que é mais sagrado! Como chama sua filha?

– Edith.

– Pois peço por Edith!

Ao chegar a Battery Park, Sara implorou a Peter que parasse a limusine porque ela queria descer para ver dali a Estátua da Liberdade, que só tinha visto em fotografia.

– É só um momentinho. Vê-la e pronto! Aqui mesmo, anda, Peter!

O tom de sua voz voltou a lembrar ao motorista o de sua filha Edith quando queria uma coisa, e cedeu.

Mas ficou paralisado quando, no instante em que segurava a porta para que descesse, aqueles sapatinhos coloridos que acabavam de surgir tomaram um impulso vertiginoso, e a menina saiu correndo como um gamo. Quando Peter quis dar-se conta, já se havia perdido na escuridão, entre as árvores.

Sentiu um nó na garganta e não sabia o que fazer. Tinha que deixar a limusine estacionada num lugar melhor, antes de sair à sua busca, porque aquela imprevisível perseguição podia complicar-se. Mas, por outro lado, era

uma loucura perder tempo. Aquelas paragens eram bastante perigosas durante a noite. Não se tratava mais de cumprir melhor ou pior uma ordem de Mister Woolf. Tratava-se de proteger a vida de uma menina de dez anos, travessa, inconsciente e audaz, como sua própria filha. E começou a chamá-la aos gritos, num tom autoritário e destemperado, sem o menor cuidado.

– Sara, volte aqui! Não me assuste assim, menina danada! Onde você se meteu? Volta! Está ouvindo? Por favor, não se faça de boba! Você vai ver as palmadas que vai levar!

Mas não obteve resposta e pôs-se a resmungar, amaldiçoando, entre dentes, Mister Woolf e seu próprio destino.

– O que se tem que aguentar, minha mãe do céu! Mas não é possível! “Trate-a como a menina de seus olhos, e não lhe negue nenhum capricho.” Eu avisei que não era tão fácil. E depois, ainda por cima, é capaz de culpar-me.

Estava fora de si. Olhou ao redor. Era um lugar deserto. Nem uma maldita cabine telefônica nem um transeunte. Por fim, tratou de tranquilizar-se e pensou que o melhor era ir por partes. Conseguiu um lugar mais ou menos seguro para deixar o carro, estacionou-o e fechou-o. Depois embrenhou-se a passos largos no parque solitário. À medida que avançava, sem deixar de chamar aos gritos pela menina, sentia-se mais desorientado e seu andar tornava-se mais cauteloso. Menininha condenada! Vai ver que tinha se escondido para assustá-lo! Não estava livre de umas palmadas, por mais que fosse afilhada ou parente do chefe.

Entretanto, Sara, escondida detrás de uns arbustos e com a ajuda da lanterninha, tinha conseguido localizar no mapa o lugar exato onde se encontrava. Muito perto do canil onde Miss Lunatic guardava seu carrinho. O coração bateu bem forte quando, por fim, o encontrou. Estava fechado com cadeado e pintado de cinza. Não podia ser outro.

Teve que respirar fundo e apoiar-se para não desmaiar de emoção. Melhor dizendo, o que fez foi agachar-se e sentar-se com as costas apoiadas contra a parede traseira, porque a casinha de cachorro cinza era baixinha. Se ficasse de pé, Peter podia descobri-la. E estava visto que diminuir de tamanho só Alice podia conseguir. Ou ela mesma, quando passeava em sonhos, metida

no carrinho de Miss Lunatic. Quase não se atrevia a respirar, escondida ali. Na verdade era uma emoção misturada com medo, mas Miss Lunatic havia dito que diante de novas aventuras sempre se sente um pouco de medo, e que não há outro remédio senão vencê-lo.

Pôs-se de pé e pegou a bússola. Mas antes de percorrer os cinquenta passos que, segundo os informes secretos, separavam aquele lugar da tampa de esgoto que dava acesso à passagem, levantou o olhar e viu brilhar lá longe, depois das árvores e do outro lado do rio, a tocha da Liberdade. E sentiu-se tão poderosa quanto a deusa que a mantinha no alto; não era o momento apropriado para desmaiar nem para contemplações. Em frente!

A tampa de esgoto apareceu logo, e junto a ela estava o poste. Tocou-o. Efetivamente, no meio podia-se notar pelo tato a ranhura onde se devia introduzir a moeda esverdeada. Quando a tirou da bolsinha, seus dedos tremiam. Mas tinha que manter o sangue frio. Havia chegado o momento definitivo. Voltou a guardar a bolsa no decote, meteu a moeda na ranhura e esperou uns instantes, quase tremendo, porque ainda por cima parecia ouvir um ruído de passos.

– Miranfu! – exclamou, decidida, com os olhos tão fixos na tampa do esgoto que quase doíam.

E uma voz colérica respondeu às suas costas, sobressaltando-a ainda mais do que já estava:

– Se você não fosse quem é, sem-vergonha, te dava uma surra que você não ia esquecer!

Retirou rapidamente a moeda. Mas havia tido tempo de comprovar que o invento funcionava, porque a tampa do esgoto tinha começado a deslizar muito lentamente, deixando à direita um quarto minguate de escuridão abismai. Quando retirou a moeda, voltou a fechar-se.

Então ela fingiu que havia agachado para fazer xixi e que estava subindo a calcinha. Colocou a moeda dentro da meia. Peter não percebeu nada. Estava muito ocupado em segurá-la por um braço, como se temesse que voltasse a escapar, e em insultá-la sem parar.

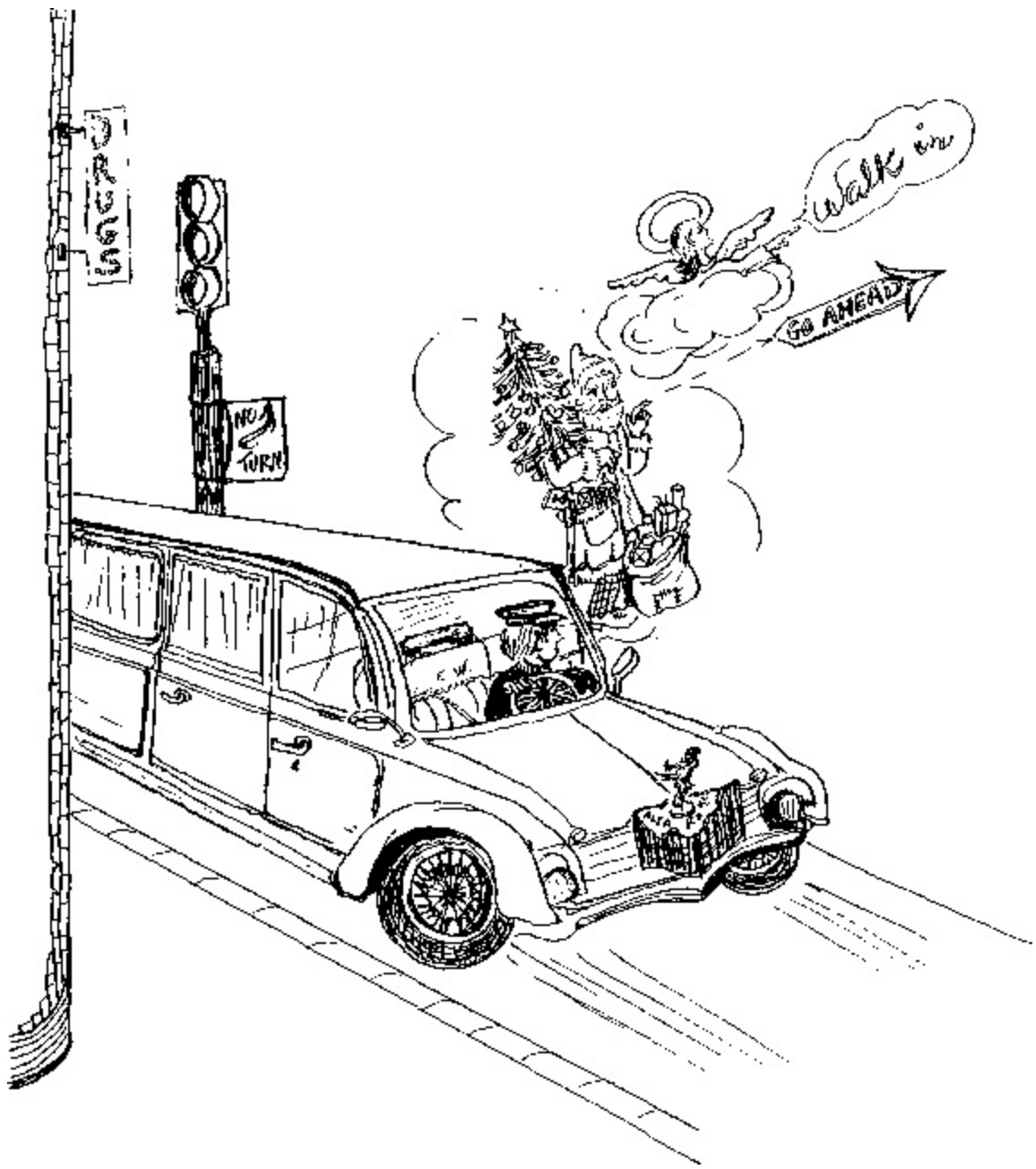
Meteu-a com maus modos no carro, enquanto ela, com voz submissa, inventava desculpas absurdas e pedia-lhe todo tipo de perdão. Foi capaz de

mostrar tanta gentileza e astúcia que em cinco minutos já havia conquistado Peter; perguntou-lhe sobre sua filha, fez comentários sobre o arranha-céu de Mister Woolf e a conversação entre eles voltou a ser mais ou menos amistosa.

Sara sentia-se possuída de uma particular verborragia, que não a impedia, no entanto, de prestar atenção a suas emoções secretas. Era como uma estranha capacidade – jamais experimentada antes -de falar por um lado, pensar por outro e fantasiar por outro ainda; como se estivesse separada e pudesse escolher sua alegria interior que nunca ia querer nem poder – tinha certeza – compartilhar com ninguém.

Mas também pensava com um pouco de preocupação na avó e no que ela teria achado da visita de Mister Woolf, porque a avó era muito especial e não gostava de todo o mundo. Talvez tenha cometido uma gafe dando seu endereço sem consultá-la previamente àquele homem que, afinal de contas, era um total desconhecido, por mais rico que dissesse ser ou que todos os sinais confirmassem.

Entre essas reflexões e a conversa com Peter, da qual, aliás, pouca coisa pôde arrancar sobre a vida privada de seu patrão, transcorreu a viagem de volta, sem se sentir que Sara descobrira e que carregaria para sempre a aventura dentro da sua alma. O que acontecia lá fora em Manhattan, do outro lado da janela, havia deixado de interessá-la completamente. Peter deve ter utilizado uma autoestrada ou algo assim, porque durante todo o caminho andaram muito depressa. Ela tomou uma coca cola. Em meia hora estavam em Morningside.



Happy-end. Mas a história não acaba...

Quando Robert, meio adormecido dentro da limusine parada junto a um depósito de lixo, ouviu um ruído no vidro, despertou sobressaltado. Mas, em seguida, tranquilizou-se ao reconhecer Peter. Estava com o boné na mão e o cabelo louro brilhava sob a luz de um farol. Mostrou-lhe a portaria em frente como que perguntando se era ali.

Robert, ainda um pouco sonolento, viu que a menina vestida de vermelho, de quem o chefe se despediu no estacionamento, estava abrindo a porta com uma chavezinha que tirara do bolso e viu como voltou-se sorridente para dar adeus a Peter com a mão.

Depois entrou, e à luz da escada, que acabava de acender-se, ambos os motoristas viram sua silhueta vermelha desaparecer, como uma fugitiva.

– Que me matem se estou entendendo alguma coisa – disse Peter a Robert, que tinha baixando a vidraça da sua limusine e contemplava a cena com ar de sono.

– O que está acontecendo?

– Isso pergunto eu. Você sabe quem vive neste prédio?

– Ai, cara, não tenho ideia. Eu me limitei a trazer Mister Woolf, que me disse que talvez demorasse um pouco, e aqui estou esperando por ele há uns quarenta e cinco minutos. Não sei, vai ver que são pessoas de sua família. Digo isso, por causa da menina. Você também tem que esperar?

– Eu não, a menina disse que já não precisa de mim, que vai dormir na casa da avó.

– E o que você está esperando? Vai embora! Você tem muita sorte.

Peter, pelo contrário, deu a volta no carro e com um gesto pediu a

Robert que abrisse a porta. Uma vez sentado a seu lado, tirou um maço de Winston e acendeu o primeiro cigarro da noite.

– Mas você não tinha deixado de fumar? – perguntou-lhe o outro.

– Sim, estou tentando. Mas há dias em que não se agüenta a tensão.

Voltou a olhar a fachada da frente. No sétimo andar havia uma luz acesa. Logo, aproximando-se um pouco mais de seu companheiro, como se tivesse medo que alguém escutasse, disse num tom apagado e misterioso:

– Tudo isso é muito estranho. Nem a menina nem a velha são de sua família, não são nada dele.

– Ai, filho – assustou-se Robert sua mulher tem razão quando diz que você devia dedicar-se a escrever roteiros de cinema. De que velha você está falando?

– A avó da menina, a que vive aí. Você a viu?

– Eu não. Como poderia ter visto? Por quê?

– Para saber como é, que pinta tem. Vai dizer que não é estranho que o chefe, que nunca sai, de repente hoje venha a este bairro visitar uma gente que não é nada sua? E mais, ele num carro e a menina em outro...

– Bom – admitiu Robert -, isso sim é um pouco estranho, mas de resto não vejo tanto mistério. Se não são da família, serão amigas antigas, que importa...! e estarão em algum apuro. Você sabe que o chefe é generoso. Ainda mais agora, que é época de Natal...

Peter olhou o companheiro com superioridade, como que assombrado por sua ingenuidade.

– Você é que sempre está inventando histórias -continuou Robert. – Além disso, como você sabe que não são de sua família?

– Nem família, nem amigas. A menina me disse. Justamente veio no carro tentando arrancar coisas sobre o chefe, perguntando se me parecia boa pessoa. Pedindo informações, a mim!

Pela primeira vez acendeu-se nos olhos de Robert uma chispa de intriga.

– Ih, que estranho isso!

– Claro! Não estou dizendo? Viu a menina hoje pela primeira vez no Central Park, e com a avó nunca falou na vida...

– Vai ver que inventou – arriscou Robert.

– Se inventou, mais estranho ainda.

Enquanto na limusine número dois mantinha-se esta conversação furtiva, Sara Allen, não menos furtivamente, havia chegado ao sétimo andar e havia aberto com uma silenciosa volta de chave a porta da casa da sua avó. Sem saber por quê, pensou: “ainda é sábado”. E pareceu-lhe estranhíssimo.

Se não tivesse, a esta altura do sábado, a alma tão carregada de emoções como tinha, esta entrada às escondidas e à noite na casa de Morningside (tirando inclusive o detalhe de haver chegado em limusine), pareceria uma cena de sonho. Porque havia sonhado tantas vezes desde tanto tempo que entrava à noite sem companhia de ninguém na casa de Morningside!

A porta não fez nenhum barulho. Deteve-se no vestíbulo e conteve a respiração. Da sala de estar, sobre um fundo de música suave, vinha um rumor de risos e cochichos.

Sara, conforme avançava devagarinho pelo corredor, deu-se conta de que ia pisando o feixe de luz tênue que saía pela porta entreaberta da sala de estar, como um caminho de esperança a seguir por entre a névoa. Aproximou-se e meteu um pouquinho a cabeça pela ranhura da porta.

A avó, vestida de verde, girava nos braços do Doce Lobo, ao som de *Amado mio*, que se ouvia na vitrola. De vez em quando jogava a cabeça para trás e seu *partner* inclinava-se e dizia-lhe algo no ouvido que a fazia rir. Em cima da mesinha havia uma garrafa de champanhe aberta e duas taças pelo meio. Recostado em sua poltrona, cochilava o gato Cloud.

Sara retrocedeu tão silenciosamente quanto havia avançado. Deteve-se uns instantes apoiada na parede e abraçou-se a si mesma, cruzando os braços e pousando as mãos nos ombros. Com os olhos fechados, escutava extasiada os sons daquela música entre doce e picante, e sentia palpitar o peito trêmulo. Mister Woolf era um pouco mais alto que a avó. E era mentira que não dançava bem. Sentiu um inexplicável desfalecimento, uma espécie de languidez que lhe descia pelas pernas.

Foram uns instantes, nada mais. Em seguida reagiu. Sua intuição avisava-a de que, ali, estava atrapalhando, e compreendeu que não convinha ser descoberta. Dirigiu-se, decidida, à saída.

Quando já havia fechado outra vez a porta, havia acendido a luz da

escada, e estava esperando o elevador para descer, percebeu que não sabia para onde ir. A cena contemplada havia produzido nela uma felicidade indescritível, mas era como se houvesse visto num filme. Agora o filme havia acabado. Foi maravilhoso. Mas eram coisas que não tinham acontecido a ela. Sentia-se um pouco como que expulsa do paraíso.

Ao sair do elevador, apagaram-se as luzes da portaria. Desceu quase às apalpadelas os quatro degraus de mármore sujo e desgastado que davam para a porta da rua. Não queria voltar e acender a luz; preferia explorar de dentro, sem ser vista, os perigos que podiam espreitá-la fora. Porque uma coisa estava clara: estava decidida a fugir.

Através do vidro, protegido por uns ferros em forma de cruz, viu na calçada de frente as limusines estacionadas uma detrás da outra. No banco dianteiro da primeira, distinguiu a silhueta dos dois motoristas. Sara havia dito a Peter que se fosse, que ela já não necessitava dele, mas via-se que ele não tinha vontade de dormir. Como ela. A soneca na Quinta Avenida havia deixado sua cabeça completamente desperta.

De repente lembrou-se de Miss Lunatic, a quem tinha esquecido por um bom tempo entre uma coisa e outra. Surgiu diante dela com a maior nitidez, rodeada de raiozinhos de luz, como a havia visto no metrô quando estava chorando, sem saber que decisão tomar e levantou os olhos dos sapatos gastos, que se haviam detido em frente aos seus até aquele rosto bondoso que lhe sorria debaixo do chapéu, como agora.

“Mesmo que você não me veja, eu não vou embora – havia dito ao despedir-se -, sempre estarei a seu lado”.

Sara agachou-se para apalpar a meia. Remexeu nervosamente durante uns instantes, com os dedos metidos entre suas malhas brancas e a pele do tornozelo, até chegar angustiada à planta do pé. Encontrou a moeda mágica! Menos mal, que alívio! Miran-fu! Olha que, se tivesse perdido...!

Em seus lábios desenhou-se um sorriso de felicidade. Acabava de notar que uma luzinha acendia dentro de sua cabeça como uma lâmpada desenhada na nuvenzinha das histórias em quadrinhos. Havia tomado sua decisão.

Meteu a chave na fechadura da porta e abriu devagarinho. O frio da rua foi como uma baforada de estímulo para ela. Estava animadíssima. Agora

tratava-se simplesmente de evitar Peter, que não seria mais que um estorvo para seus propósitos, segundo estava demonstrado.

Assim, agachou-se por trás dos carros estacionados na calçada em frente à das limusines, ocul-tando-se atrás dos latões de lixo. Alcançou, através de demolições e ruazinhas, a encosta que partindo de Morningside Park bordeia a fachada sul de São João Evangelista. Pensou que naquela zona, talvez não tão longe dali, existiu há uns tempos uma livraria que ela nunca chegou a conhecer: O Reino dos Livros.

O taxista, que parou na Amsterdam Avenue para atender aos espalhafatosos sinais daquela menina vestida de vermelho, já estava de partida, mas, apesar de que aos sessenta anos já nada em Manhattan era capaz de surpreendê-lo, uma curiosidade maior fez com que freasse de repente. A rua, naquele pedaço, estava quase completamente deserta.

– Para onde? – perguntou, baixando a vidraça e olhando-a de cima abaixo.

– A Battery Park! – foi a resposta clara e direta da menina, ao mesmo tempo que agarrava o trinco e abria a porta amarela do táxi.

O homem pôs o taxímetro em marcha e olhou-a outra vez antes de arrancar. Ela havia se acomodado tranqüilamente, com uma atitude desafiadora e segura, totalmente imprópria para sua idade.

– É porque você vai no meu caminho – comentou o taxista. – Porque senão, a estas horas...

– Fico contente por irmos no mesmo caminho -respondeu a menina, serenamente. – Para mim também foi uma sorte grande.

O homem absteve-se no momento de fazer mais comentários. Mas não podia deixar de olhá-la de vez em quando pelo retrovisor, atento a qualquer coisa que pudesse servir-lhe de pista sobre sua identidade. Não costumava incomodar seus passageiros com nenhuma pergunta. Mas os gestos exatos e tranqüilos daquela estranha passageira deixavam-no perplexo. Parecia totalmente alheia ao que pudesse acontecer à sua volta. Às vezes consultava um mapa que levava desdobrado junto a ela no banco, iluminando-o com uma lanterninha. Outras, remexia na bolsa de cetim e lantejoulas de onde tinha tirado aquela lanterninha. Outras, ficava estática e com os olhos fixos

num ponto invisível. Mas em nenhum momento desaparecia de seu rosto um sorriso que parecia transfigurá-lo.

Foi um trajeto totalmente silencioso, mas, quando já estavam chegando perto de seu destino, o taxista, vencendo uma timidez que não lhe era habitual, atreveu-se a olhar para trás, aproveitando a parada num sinal, e a perguntar:

– Onde você quer ficar, beleza?

Perto da estação de trem, por ali. Não precisa ser exatamente em frente.

– Mas a estação não funciona a esta hora – comentou o taxista. – Não sabia?

– Sim, claro que sabia.

– E então...?

– E então, o quê? – respondeu a menina, secamente.

– O que você perdeu a estas horas em Battery Park?

– Podia responder que é assunto meu. Mas já que o senhor tem tanta curiosidade direi que combinei de me encontrar com uma amiga.

Quando o táxi parou, a menina consultou o preço da corrida no taxímetro e jogou umas notas enrugadas na cunha ovalada de metal incrustada na vidraça de separação. Imediatamente, abriu a porta e começou a correr.

– Mas aqui tem muito dinheiro! – exclamou o taxista, baixando a janela.

A menina deteve-se na entrada do parque e olhou-o, sorrindo, enquanto lhe dizia adeus com a mão.

– Fique com o troco! São apenas papéis!

O taxista, enquanto a olhava desaparecer correndo entre as ramagens como uma flecha, resmungou entre dentes:

– O que me estranha é que não haja mais crimes do que há. Olha que deixar sair sozinha a estas horas uma menininha dessa idade! Não sei em que estarão pensando os pais dela!

Sara, antes de introduzir novamente a moeda na ranhura do poste junto à tampa do esgoto, lembrou-se de uma coisa. Não havia lido ainda o papelzinho que Miss Lunatic lhe havia dado. Havia dito que les-se na cama. Mas não sabia onde acabaria dormindo esta noite! Sentou-se no chão e tirou-

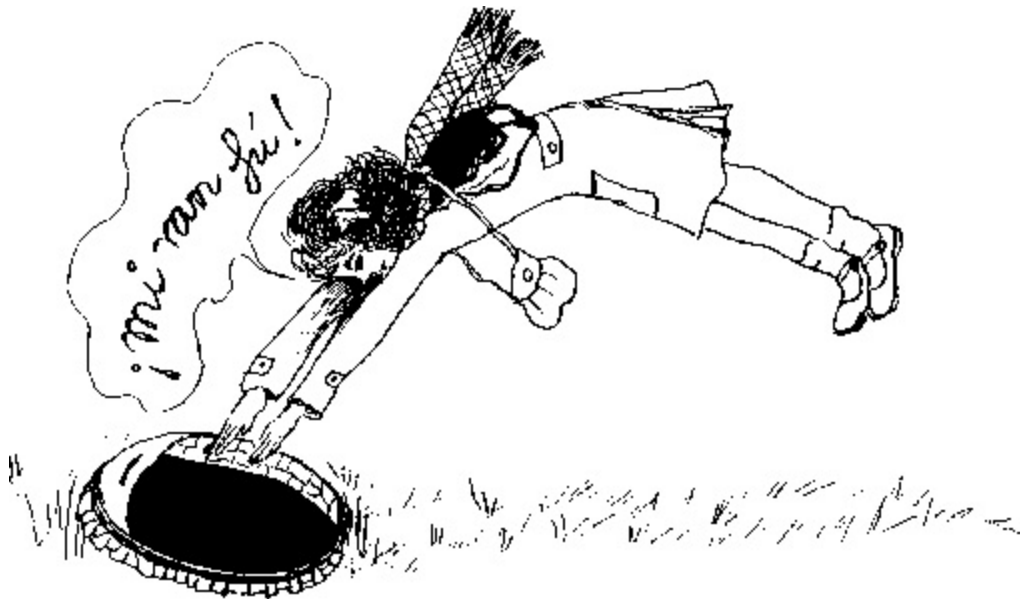
o da bolsa. Era um papel de cor malva, mas muito maior que o que tirou no dia de seu aniversário do docinho que lhe deram de sobremesa no chinês, onde dizia que era melhor estar só do que mal acompanhada. Ficou paralisada por uns instantes. Ontem! Seu aniversário tinha sido ontem? Bom, parecia incrível. Melhor não pensar nisso.

Desdobrou a mensagem e leu à luz de sua lan-terninha. Dizia:

“Não te fiz nem celestial nem terrenal, nem mortal nem imortal, com o objetivo de que fosses livre e soberano artífice de ti mesmo, de acordo com tua vontade.”

E embaixo vinha entre parênteses: (Pico della Mirandola, Juan – Filósofo renascentista italiano, simpatizante da magia natural. Morreu aos 31 anos.)

Meteu a moeda na ranhura, disse: “Miranfu”, arrastou a tampa do esgoto e estendeu os braços, jogou-se na passagem, e foi sugada imediatamente por uma corrente de ar morno que a levou à Liberdade.



Nova Iorque, 28 de agosto de 1985.

Madri, 28 de fevereiro de 1990 (quarta-feira de cinzas).

créditos:

Digitalizado por Eyes of Eagle Projeto de Democratização da Leitura

epub: ArmazémCultural

ARMAZÉM
CULTURAL